



# PRODUÇÃO DE IMAGENS NA MESORREGIÃO DO CAMPO DAS VERTENTES: A FOTOGRAFIA SOBRE TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS

Programa Interdepartamental de  
Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes,  
Urbanidades e Sustentabilidade - PIPAUS/UFSJ

**MARIA CRISTINA ALVES PEREIRA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL - REI - UFSJ**  
**PROGRAMA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**INTERDISCIPLINAR EM ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE**  
**PIPAUS**



**MARIA CRISTINA ALVES PEREIRA**

**Produção de imagens na mesorregião do Campo das Vertentes:  
a fotografia sobre transformações socioespaciais**

**São João del-Rei**

**Março de 2023**

## **Produção de imagens na mesorregião do Campo das Vertentes: a fotografia sobre transformações socioespaciais**

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Area de Concentração: Poéticas Artísticas e Socioculturais: Espaço, Memória e Tecnologias (Interdisciplinar)

Linha de Pesquisa 3 – Recepção, Crítica e Experiência: Narrativas Contemporâneas

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriana G. Nascimento  
Coorientador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Júnia Cambraia Mortimer - UFBA

**São João del-Rei**

**Março de 2023**





Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P436p

Pereira, Maria Cristina Alves.

Produção de imagens na mesorregião do Campo das Vertentes: a fotografia sobre transformações socioespaciais / Maria Cristina Alves Pereira ; orientadora Adriana Gomes Nascimento; coorientadora Junia Cambraia Mortimer. -- São João del-Rei, 2023. 126 p.

Dissertação (Mestrado - Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade) -- Universidade Federal de São João del-Rei, 2023.

1. Fotografia. 2. Fotógrafos. 3. Memória. 4. Transformações socioespaciais. 5. Mesorregião Campo das Vertentes. I. Nascimento, Adriana Gomes, orient. II. Mortimer, Junia Cambraia, co-orient. III. Título.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**MARIA CRISTINA ALVES PEREIRA**

### **Produção de imagens na mesorregião do Campo das Vertentes: a fotografia sobre transformações socioespaciais**

Aprovada em: 18 de abril de 2023.

#### **Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Adriana G. Nascimento - Presidente da Banca/ Orientadora  
Universidade Federal de São João del-Rei

---

Prof.<sup>a</sup> Dra Junia Cambraia Mortimer - Coorientadora  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Filomena Maria Avelina Bomfim– Membro titular interna  
Universidade Federal de São João del-Rei

---

Prof. Dr. Rogério Pereira de Arruda - Membro titular externo  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

*Dedico aos meus ancestrais, mulheres e homens,  
que colaboraram na construção da teia da vida  
para eu ser quem Eu Sou agora...*

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento construído por meio das trocas e partilhas, um sentimento que se conquista no reconhecimento do outro em nossa existência, como uma referência, talvez um professor, um processo, etc. A gratidão percorre há um bom tempo meu dia a dia, afinal ninguém faz nada sozinho, muito menos uma pesquisa acadêmica.

Particularmente, agradeço todas as vivências que me fortaleceram e me desafiaram a chegar a essa etapa cujo significado é “eu fui além”. Principalmente agora que estou a concretizar mais que um projeto: um passo naquilo que acredito ser valioso no meu caminhar nessa existência: buscar sempre aprender – o que me move.

Faço, ainda, alguns agradecimentos especiais:

Aos meus pais e irmãos por existirem e que mesmo não sabendo a dimensão desta investigação acadêmica, sempre me incentivaram a estudar.

À Adriana G. Nascimento, que muitas vezes ultrapassou o papel de professora, orientadora, revisora, entre outros papéis, para me incentivar a ir atrás não só do conhecimento, mas construir pontes além de ser feminista... E, que nunca se esquece de ser humana, mulher e acadêmica – sempre com “calma e elegância” em tudo que faz.

À Junia C. Mortimer, por estar em dois momentos cruciais da minha travessia acadêmica, acolhendo e direcionando-me a perceber outras dimensões nos estudos sobre as imagens e os arquivos.

Pela partilha e debates no Grupo A.T.A. (UFSJ) e no Grupo LEIA (UFBA); nos quais cada um, com suas especificidades, contribui com novos olhares para as pesquisas que articulam fotografia, Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Urbano e Regional, entre outros campos.

Aos professores e colegas de turma do mestrado no PIPAUS, que trocaram conhecimento, estimulando a construção de trabalhos inter, multi e transdisciplinares.

Às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com informações e/ou incentivaram a construção dessa pesquisa. Nesse sentido, eu sou particularmente grata à atenção do historiador Jorge Arnaldo do Nascimento, diretor do Museu Municipal de Barbacena; como também pela presteza e disponibilidade de Waldir Damasceno e Edson Brandão. Agradeço pelo acolhimento e solicitude de Maria de Fátima Loureiro Vasconcelos e pela equipe do Museu Regional de São João del-Rei. Em Lavras, foi significativa a articulação da Rafaela Anielly, para acessar trabalhos desenvolvidos por Geovani Németh-Torres e Renato Libeck em torno da história da cidade e às fotografias antigas.

Aos amigos Paulo Jarbas, Marise S. Rocha e Nei Rocha que sempre me acolhem, e na última hora, revisam esse texto.



À Suzana Ceranto pela ideia da ficha catalográfica. À Amanda Martins, que aceitou o convite prontamente para diagramar o catálogo, que segue anexo a essa dissertação.

Ao Carlos Mendonça por sua compreensão, amorosidade e incentivo, que se tornou um alento nesse momento de tantos investimentos em aprender e conciliar as tantas demandas da vida.

Às muitas pessoas maravilhosas, cuja nomeação integral aqui seria inviável, mas que atravessam a minha existência como amigos, outros como colegas e que me ensinaram a “teimar”, apesar dos percalços.

Ao apoio e incentivo dos colegas da Prefeitura de Juiz de Fora, especialmente os da Secretaria Especial de Direito Humanos que, por muitas vezes, promovem alegria, partilha e solidariedade em meio aos desafios do cotidiano no mundo do trabalho.

Por fim, gratidão ao Sagrado, por todas as experiências e pessoas que atravessaram a minha existência e nas alegrias e tristezas partilhadas, colaboraram com todo processo de quem Eu Sou agora.

## RESUMO

A presente pesquisa busca reconhecer as transformações socioespaciais ocorridas a partir do advento da chegada e da expansão da fotografia pelos fotógrafos e ou retratistas que circularam nas Minas Gerais do século XIX e início do século XX, prioritariamente aqueles que registraram a paisagem e a sociedade de Barbacena, São João del-Rei e Lavras – polos microrregionais da mesorregião do Campos das Vertentes - nos quase 50 anos a partir da chegada da fotografia nesta região. Busca-se entender como a produção imagética nesse território impactou a construção dessa sociedade, a estruturação da memória coletiva e a organização social. Para subsidiar este estudo teórico-metodológico foram levantados referenciais teóricos sobre questões urbanas, memória, Antropologia e/ou Sociologia da imagem, a fotografia e sua história. Concomitantemente, cruzam-se informações sobre os fotógrafos itinerantes, como também a coleta das imagens fotográficas desse período em acervos disponíveis, que corroboram para entendimento do ofício da fotografia e da produção fotográfica no Brasil, nas Minas Gerais e, especificamente, nessa mesorregião, na época delimitada para o estudo. Os pioneiros da fotografia, vindos de vários lugares, ao expandirem suas atividades nessa região, trouxeram mais que a produção e a comercialização de retratos, propiciaram à fotografia ser assimilada como documento da realidade e ser consumida como elemento de uma modernidade em implantação. Entende-se que a fotografia seja um instrumento que comunica, dialoga, permite desvelar camadas ao “colocar luz e foco” e contextualizar os olhares e as percepções sobre essa região do Campo das Vertentes, contribuindo para a formação da memória e dos *lugares de memória*. A pesquisa permite, ainda, a reflexão sobre as dimensões estéticas, sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas e psicológicas, inclusive interferindo subjetiva e concretamente para a transformação da paisagem e da percepção do espaço urbano.

Palavras-chaves: *Fotografia; fotógrafos, memória; transformações socioespaciais, Mesorregião Campo das Vertentes.*

## ABSTRACT

The present research has sought to recognize the socio-spatial transformations that occurred from the advent of the arrival and expansion of photography by photographers and/or portraitists who circulated in Minas Gerais in the nineteenth century and early twentieth century, primarily those who recorded the landscape and society of Barbacena, and São João del-Rei and Lavras– microregional poles of the Campos das Vertentes mesoregion – in the nearly 50 years since the arrival of photography in this region. It seeks to understand how the imagetic production in this territory impacted the social construction and structuring of collective memory and social organization. To subsidize this theoretical and methodological study, theoretical references on urban issues, memory, Anthropology and/or Sociology of the image, photography and its history were surveyed. At the same time, it is occurring the crossing of information about the itinerant photographers, as well as the collection of photographic images of this period in available collections, which corroborate to the understanding of the craft of photography and photographic production in Brazil, in Minas Gerais, and specifically in this region, at the time studied. The pioneers of photography coming from several places, when expanding their activities in this region, brought more than the production and commercialization of portraits; they enabled photography to be assimilated as a document of reality and to be consumed as an element of a modernity in implementation. It is understood that the photography is an instrument that communicates, dialogues, allows to unveil layers when "placing light and focus" and contextualize the looks and perceptions about this region, contributing for the formation of memory and places of memory. The research also allows reflection on the aesthetic, social, cultural, historical, political, economic and psychological dimensions, including interfering subjectively and concretely for the transformation of the landscape and the perception of urban space.

Keywords: *Photography; photographers, memory; socio-spatialtransformations, Campo das Vertentes Mesoregion.*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Capa:</b> Ilustração da autora	00
<b>Figura 1:</b> Fotografia híbrida (autora)	03
<b>Figura 2:</b> Mapa de Minas Gerais com delimitação da Região do Campo das Vertentes	23
<b>Figura 3:</b> Mapa Região do Campo das Vertentes – com delimitação das 3 microrregiões	23
<b>Figura 4:</b> Mapa da Região do Campo das Vertentes – 3 microrregiões com delimitação dos municípios	24
<b>Figura 5:</b> Mapa 1 – Comarca do Rio das Mortes	26
<b>Figura 6:</b> Mapa 2 – Comarca do Rio das Mortes (Cidades)	26
<b>Figura 7:</b> Mapa da Estrada de Ferro Oeste de Minas – EFOM de 1898	30
<b>Figura 8:</b> Linha do tempo com os fotógrafos itinerantes nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras	33
<b>Figura 9:</b> Ficha catalográfica referente a imagem da Linha Central – Linha Central, Ponte do Rio das Mortes (MINAS)	42
<b>Figura 10:</b> Representação de parte da tabela “Fotógrafos na região investigada” - arquivo digital da autora.	43
<b>Figura 11:</b> Chegada de convidados e autoridades na festa inaugural do “Grupo Escolar Bias Fortes – Ano: 1908	90
<b>Figura 12:</b> Vista externa da Igreja de São Francisco de Assis na cidade de São João del-Rei (MG) – Ano: 1900 – 1910	91
<b>Figura 13:</b> Estabelecimento Comercial de Marçal de Souza e Oliveira na cidade de São João del-Rei – Ano: 1900 – 1910	92
<b>Figura 14:</b> Um trecho da Rua Direita em que se destaca o palacete do Dr. Aureliano Botelho – Ano: 1900 – 1910	92
<b>Figura 15:</b> A estação de Barbacena, a original – S/autoria – Ano: 1881	93
<b>Figura 16:</b> Registro estação ferroviária de Barbacena – S/autoria – Ano: 1880-1900	93
<b>Figura 17:</b> Registro estação ferroviária de Barbacena – Ano: 1906	94

<b>Figura 18:</b> Registro da inauguração do bonde elétrico em Lavras no dia 21 de outubro de 1911.	94
<b>Figura 19:</b> Bonde elétrico em Lavras –Foto: S/Autoria - Ano: 1911	95
<b>Figura 20:</b> Bonde elétrico em Lavras –Foto: S/Autoria - Ano: 1911	95
<b>Figura 21:</b> O vapor Dr. Jorge–Foto: S/Autoria – Ano: 1881?	96
<b>Figura 22:</b> Rua da Boa Morte em Barbacena (MG) – S/autoria – S/d	97
<b>Figura 23:</b> “Chico Sapateiro, um dos primeiros africanos chegados a São João Nepomuceno de Lavras” -S/autoria - Ano: 1900	97
<b>Figura 24:</b> Estabelecimento Comercial na cidade de São João del-Rei (MG) – Foto: André Bello– Ano: 1907	98
<b>Figura 25:</b> Tradicional família Raso de Barbacena (MG) – Foto: Cícero C. O. Penna - S/D	99
<b>Figura 26:</b> Em primeiro plano, mulher acompanhada de homem e criança. S/Autoria – Ano: 1915	99
<b>Figura 27:</b> Panorâmica de São João del-Rei – Foto: André Bello– Ano: 1910	100
<b>Figura 28:</b> Panorâmica do centro de Barbacena – Foto: Ehrhard Brand – Ano: 1892	101

## RELAÇÃO DE IMAGENS DE EPIGRAFIA

**Imagem 1:**Barbacena (MG) – S/autoria - Arquivo Pessoal Waldir Damasceno– p. 39

**Imagem 2:**São João del-Rei (MG)- S/autoria – Arquivo DACAF - Notícias e Eventos. foto antiga de são João Del Rei disponível digitalmente em: <https://www.flickr.com/photos/> - p.50

**Imagem 3:** São João del-Rei (MG) - S/autoria - Foto do Acervo Museu Regional de São João del-Rei. Disponibilizado pelo Museu Regional em 25/08/2022 em formato digital (Maria de Fátima Loureiro Vasconcelos) – p. 81.

**Imagem 4:**São João del-Rei - Cartão Postal Rua Moreira Cesar (1906) – Foto: André Bello (Foto *HipPostcard*. Exposição Virtual) -

**Imagem 5:**Lavras (MG) – Foto: J. Doria -“Um cartão postal da Rua 15 de Novembro (atual Rua Sant’Ana) enviado em 1906 para Mademoiselle Helene Million”(Blog História de Lavras) – p. 110

## **LISTA DE ABREVIACOES**

EFOM –Estrada de Ferro Oeste de Minas

MG – Minas Gerais

PIPAUS – Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade

UFBA – Universidade Federal da Bahia

LEIA – Laboratório de Estudos de Imagem e Arquitetura

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei



# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	18
Recorte geográfico e temporal da pesquisa.....	23
Contextualização histórica sobre a Mesorregião do Campo das Vertentes.....	26
Organização da dissertação.....	32
<b>CAPÍTULO 1 - PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	40
<b>CAPÍTULO 2 - DEBATE TEÓRICO SOBRE MEMÓRIA, IMAGEM E TRANSFORMAÇÃO SOCIOESPACIAL</b> .....	50
2.1 A Fotografia e as Questões Urbanas.....	50
2.2 A Fotografia e a discussão dos campos.....	61
2.3 A Fotografia, a Construção Social e as Memórias.....	70
<b>CAPÍTULO 3 - FOTOGRAFIA E CENTRALIDADE: IMAGENS E FOTÓGRAFOS NO CAMPO DAS VERTENTES</b> .....	79
<b>CAPÍTULO 4 - E POR FALAR EM <i>LUGAR DE MEMÓRIA</i></b> .....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E CONSULTADAS</b> .....	112
<b>ANEXO</b> .....	126

***Retrato do Poeta Quando Jovem***

*Há na memória um rio onde navegam  
Os barcos da infância, em arcadas  
De ramos inquietos que despregam  
Sobre as águas as folhas recurvadas.*

*Há um bater de remos compassado  
No silêncio da lisa madrugada,  
Ondas brancas se afastam para o lado  
Com o rumor da seda amarrotada.*

*Há um nascer do sol no sítio exacto,  
À hora que mais conta duma vida,  
Um acordar dos olhos e do tacto,  
Um ansiar de sede inextinguida.*

*Há um retrato de água e de quebranto  
Que do fundo rompeu desta memória,  
E tudo quanto é rio abre no canto  
Que conta do retrato a velha história.*

*(José Saramago)*



*Foram os pequenos fotógrafos – anônimos, itinerantes, ‘volantes’, ambulantes, vários deles exercendo diferentes ofícios para sobreviver, percorrendo longas distâncias a vapor, de trem ou sobre o lombo de animais, viajando de vila em vila pelos mais afastados rincões deste país em busca de clientes – que contribuíram para a fixação da imagem do homem brasileiro*

*(KOSSOY, 2002, p. 25).*

## APRESENTAÇÃO

O desejo de ampliar o conhecimento sobre a fotografia nasceu de um processo pessoal, construído gradualmente e de modo aleatório ao longo da vida: foi o gesto de fotografar o dia a dia que me trouxe a necessidade de conhecer um pouco mais sobre a linguagem imagética. Assim, a escolha da fotografia como objeto de pesquisa para o estudo da transformação socioespacial, nesse meu percurso, é o resultado da confluência e sincronicidade de situações cotidianas.

A minha trajetória pessoal como aprendiz de fotógrafa, articulada, também, à minha participação em disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, via mobilidade acadêmica, instigaram a curiosidade em torno da produção fotográfica. Além disso, as contribuições sobre os estudos imagéticos dadas pela Profa. Júnia Cambraia Mortimer para elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo em 2019 - sobre o uso e ocupação do espaço urbano da Avenida Cristiano Machado, em Belo Horizonte pela população em situação de rua - estimularam tal investigação aqui apresentada e cujo objeto de análise é a fotografia.

Todo esse contexto foi alicerçado pelo apoio, incentivo e discussões engendrados pelas pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa A.T.A. na UFSJ, coordenado pela Profa. Adriana Nascimento, assim como dinamizado pelos debates no Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos de Imagem e Arquitetura - LEIA da UFBA, coordenado pela Profa. Júnia C. Mortimer, ao longo desses últimos anos.

Desse modo, a construção deste projeto de pesquisa apresentou-se desafiador por ser um estudo de fronteira, já que se articulava a outras áreas de conhecimento, promovendo, inclusive, a aproximação de questões psicossociais. Como esperado, essa pesquisa interdisciplinar desvelou, através da arte fotográfica, o contexto e as transformações socioespaciais da região estudada, trazendo à tona discussões sobre arte, urbanidades, sustentabilidade e justiça social.

Portanto, esta pesquisa de mestrado originou-se dessa convergência de interesses, que se articularam à proposta interdisciplinar do Programa Interdepartamental em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - PIPAUS, além das sincronidades e atravessamentos que permeiam esse processo em construção desde o contexto da pandemia de Covid-19.

Sabe-se que histórica e documentalmente, o primeiro registro fotográfico foi realizado na França, em 1826, por Joseph Nicéphore Niépce. No Brasil, o francês, Antoine Hercule R. Florence, radicado em Campinas, interior de São Paulo, em 1833 já fazia experiências fotoquímicas e imprimia em papéis sensibilizados com sais de prata e cloreto de ouro, através da ação da luz solar, antes mesmo que Louis Jacques Mandé Daguerre, anunciasse o processo do daguerreótipo na França em 19 de agosto de 1839 (KOSSOY, 2002; 2020) . Desde lá, a tecnologia e a prática fotográfica desenvolveram-se, até a contemporaneidade, ampliando o funcionamento do aparato, o diálogo e a comunicação das imagens com as pessoas. Extrapolando a técnica, a fotografia tornou-se um dispositivo gerador de um processo e fazer artístico, registro de memória e documentação, que além de contribuir com reflexão de temas, também promove narrativas e discursos, que criam e ou recriam a história.

Da mesma forma, a fotografia surgiu atrelada às ideias de progresso conjuntamente com demais avanços tecnológicos que promoviam a expansão do espírito de modernidade da época. Ela trouxe para o cotidiano social os cobiçados retratos, objeto de desejo, os quais garantiam uma espécie de status social por meio do consumo de imagem, além de legitimar a fotografia como recurso documental e reproduzidor da realidade.

Essa influência tecnocultural da fotografia é mais um dos aspectos que permearam a colonização do novo mundo, já que instigar esse processo fotográfico era uma das formas de domínio, que se desdobrava numa narrativa colonizadora, alinhada aos discursos eurocêntricos da época. A fotografia aportou no Brasil, tendo o reconhecimento, a valorização e a assimilação imediata do próprio D. Pedro II, que se tornou um dos primeiros fotógrafos do país, após adquirir imediatamente um daguerreótipo. O Monarca, além de produzir seus registros, incentivou fotógrafos estrangeiros a registrarem o Brasil, documentando-o para, em seguida, divulgarem as paisagens e o “povo” brasileiro para o mundo (VASQUEZ, 2002; 2003).

Primeiramente a fotografia encontrou solo fértil na Corte da época, logo se expandindo para outras regiões, tornando-se um aparato pró-consumo, de divulgação do “real”, que revelava e reproduzia o modelo social vigente numa conjuntura escravocrata e com fortes resquícios colonialistas.

Portanto, entender a fotografia, a produção fotográfica e as itinerâncias produzidas neste contexto histórico sociocultural é compreender a formação dessa sociedade e do seu

uso e apropriação do espaço. Afinal, a população era influenciada por esse novo tipo de cultura visual em expansão, que promovia e gerava um alto consumo de imagens, as quais aproximavam mais e mais o mundo através da fotografia. Nesse sentido, a produção fotográfica é uma importante fonte histórica de pesquisa para desvelar momentos efêmeros desse cotidiano (NASCIMENTO, 2009).

A fotografia desliza entre vários campos de conhecimento, transita como um instrumento, uma ferramenta de pesquisa na arte e na ciência. Há investigações e estudos que sinalizam que a produção imagética ao longo do tempo, além de testemunhar, contribuiu com os processos de transformações urbanas, tornando-se importante objeto de estudo e pesquisa. Do mesmo modo, ao utilizá-la como fonte histórica para a investigação do espaço urbano, pode-se buscar compreender esse objeto-campo de conhecimento- que cria, produz, influencia e valoriza os rastros deixados pela sociedade nos vários espaços. Desse modo, os gestos fotográficos podem propiciar a leitura, permitindo a apreensão de significados nas diversas camadas da imagem revelada e registrada.

Outro aspecto relevante que emergiu com essa investigação acadêmica foi o de reconhecer a fotografia como memória, fonte histórica e documental dos objetos retratados. Muitos estudiosos da Sociologia da imagem e da Antropologia Visual tem buscado contribuir com as discussões e debates sobre a memória individual e social, valorizando pesquisas e estudos que corroborem com a compreensão da produção imagética e de seus desdobramentos e destacando sua importância histórica, documental, arquivística, patrimonial e comunicacional que impactam as transformações socioespaciais ao longo do tempo.

Na dimensão psicológica, Daniel Kahneman (2012) sinaliza a importância de se constituir indivíduos com memória, sendo as imagens fotográficas elementos importantes para ativar operações de lembranças e estabelecer conexões internas e externas do sujeito com seu mundo.

Já para Maurice Halbwachs, em sua obra *Memória Coletiva*, “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288).

Monego e Guarnieri (2012, p. 72-73) afirmam que “um fator importante para a recordação é a fotografia, pois ela funciona como uma espécie de memória social, capaz



de registrar momentos, pessoas e locais que nunca mais existirão”. Os autores afirmam, inclusive, que a fotografia “também vem nos orientando à reconstrução da nossa história, sendo como indivíduo ou como participante de diversos grupos sociais”.

Hollanda (2012, p. 01) destaca que a fotografia é reconhecida como documento e testemunho há mais de um século, sendo produto como também instrumento da urbanização, da expansão e crescimento das cidades. Por isso, há diversas pesquisas realizadas em torno do valor histórico e documental das imagens disponíveis e muitos estudiosos refletindo sobre o papel e a manipulação da imagem fotográfica na sociedade moderna e contemporânea. Na Cultura Visual, há discussões, pesquisas e análises da construção social da experiência visual e seus impactos econômico, político, cultural, tecnológico e psicológico (MIRZOEFF, 2016).

Por ter essas múltiplas funções, a fotografia se tornou uma importante ferramenta metodológica que subsidia estudos em várias áreas da ciência. No caso deste estudo aqui apresentado, ela favorece o conhecimento de fenômenos relativos às ocupações socioespaciais nas cidades, o entendimento da formação das imagens na construção social, na estruturação da memória coletiva e na percepção de como essa linguagem contribui para a formação estética e para a garantia e o fomento das urbanidades e de sustentabilidades críticas. Quanto à urbanidade, nessa pesquisa, ela pode ser percebida pelos registros fotográficos das imagens da paisagem urbana que prioriza os espaços públicos nas principais cidades da mesorregião do Campo das Vertentes: Barbacena, São João del-Rei e Lavras.

O contexto social não inclusivo, escravocrata e segregatório tem seu foco voltado para intervenções urbanas relacionadas às modernidades da época e moldadas pelo crescimento dos processos de urbanização das cidades, com imagens que desvelam aspectos desse cotidiano: a) as edificações e os casarios; b) os equipamentos urbanos e ou serviços; c) a valorização da expansão da ferrovia e das vias; d) o surgimento de praças e áreas verdes; e) os espaços comerciais; f) os eventos significativos na localidade, entre outros. Socialmente, as relações são evidenciadas no espaço público com predomínio dos homens, enquanto as mulheres aparecem raramente e são reservadas ao espaço privado, com exceção de alguns eventos sociais.

Em outra perspectiva, há nuances da valorização da religiosidade, como também da mineiridade<sup>1</sup>, sinalizadas, principalmente, pela representação do dilema entre a tradição barroca e os ideais de modernidade da época, nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, de origem colonial, por meio dos registros fotográficos da paisagem que focalizam o núcleo histórico, pondo ênfase nas igrejas barrocas e seu entorno.

Conclui-se, pois, que a exploração do potencial da linguagem imagética por meio de ações educativas permite estimular e avançar no engajamento sociocultural e na consciência socioambiental, além de corroborar com a reflexão da apropriação da cidade como direito de todos. Nessa investigação, o aparato fotográfico, devido ao recorte temporal, demonstra a significativa influência estrangeira e eurocêntrica, conforme assinalado anteriormente, que moldava o olhar da sociedade, sobre os princípios norteadores dessa nova tecnologia de reprodução de imagens e da urbanização europeia, influenciados por concepções urbanas modernas além de um embelezamento elitista.

As cidades, cada uma a seu tempo e contexto histórico-político-econômico, passaram por grandes modificações, que se refletiam na necessidade de uma maior infraestrutura e serviços, devido a sua incapacidade de suportar o rápido crescimento e o adensamento populacional. E, no século XIX o uso e a ocupação do território urbano estavam concebidos por lógicas formais coloniais numa transição político Império-República.

Desta maneira, esse estudo busca contribuir com a discussão da experiência social do olhar, seus impactos na sociedade, no espaço urbano, na produção de memória e de significados estéticos, em conformidade com a proposição da linha de pesquisa 3 – *Recepção, Crítica e Experiência: Narrativas Contemporâneas* do Programa Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - PIPAUS. Tal discussão se alinha, também, com a proposição e o projeto de pesquisa, *Intervenções efêmeras em contextos urbanos*, coordenado pela orientadora, a Profa. Dra. Adriana Nascimento, do PIPAUS.

A fotografia é também um procedimento de intervenção efêmera que captura o um lugar em dado momento. Paralelamente, torna a imagem capturada em imagem propagada, transformando o momento, a própria imagem e o lugar ao longo do tempo e

---

<sup>1</sup>Mineiridade: “seriam as características psicossociais mais típicas e genuínas da população que formariam uma suposta ‘identidade mineira’ (...) conjunto de valores, costumes e tradições que seriam comuns aos mineiros” (RAMALHO, 2014).

dessa forma, permite mudar o entendimento da sociedade e do espaço por meio de ações culturais e artísticas e da análise crítica da fotografia.

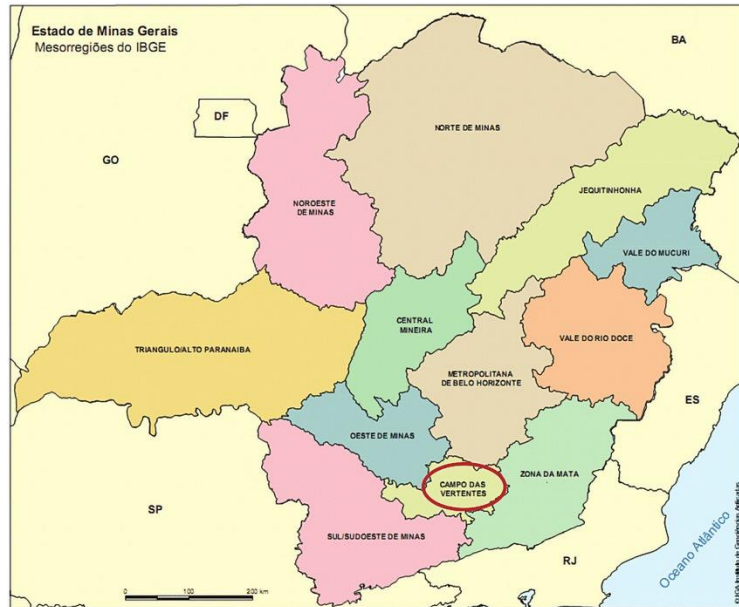
Nesse ponto do caminho há um profundo respiro, atrelado ao olhar para esse processo da pesquisa que foi sendo construído ora com momentos de sincronicidade, como mencionado acima, com pequenas e grandes alegrias, ora com outros momentos desafiantes, conciliando-os ao trabalho, à vida pessoal e ao mestrado. Particularmente, tudo sendo atravessado pelo contexto da pandemia e seus desdobramentos. Esse contexto também colaborou para superar desafios, orientando a fronteira da pesquisa para arquivos digitais e bibliografias disponíveis em diversas mídias (impresas e digitais). Ao chegar desse lugar, o que (me) interessa é dar outros passos...

### **Recorte geográfico e temporal da pesquisa**

Somando-se à construção acadêmica, ao contexto e a minha trajetória pessoal, surgiu o desejo de desenvolver essa pesquisa de mestrado utilizando a fotografia como instrumento para observar e compreender o fenômeno de uso e apropriação do espaço urbano pelo(a)s fotógrafo(a)s e ou retratista(s) na mesorregião das Vertentes em torno dos, aproximadamente, primeiros cinquenta anos da fotografia em Minas Gerais<sup>2</sup> (Vide Figura 2 abaixo), tendo como amostra o papel central dos municípios de Barbacena, São João del-Rei e Lavras na rede urbana.

---

<sup>2</sup> “A notícia da chegada do **primeiro processo fotográfico, a daguerreotipia, em Ouro Preto foi publicada n’O Recreador Mineiro, em 1845**, na sessão de *Bellas Artes*”. (ARRUDA, 2014) (grifo meu)



**Figura 2** - Mapa de Minas Gerais - Com a delimitação da Mesorregião do Campo das Vertentes. (Fonte: GAJO et al, 2017)



**Figura 3** - Mapa da Região do Campo das Vertentes - Com a delimitação das 3 microrregiões. (Fonte: Disponível em <https://www.skyscrapercity.com/threads/zona-da-mata-mg.1693073/page-2.>)



<b>Microrregião de Lavras</b>		
28 - Carrancas	33 - Ijaci	31 - Ingai
32 - Itumirim	29 - Itutinga	34 - Lavras
30 - Luminárias	36 - Nepomuceno	35 - Ribeirão Vermelho
<b>Microrregião de São João Del Rei</b>		
26 - Conceição da Barra de Minas	21 - Coronel Xavier Chaves	17 - Dolores de Campos
22 - Lagoa Dourada	14 - Madre de Deus de Minas	27 - Nazareno
13 - Piedade do Rio Grande	19 - Prados	23 - Resende Costa
24 - Ritópolis	20 - Santa Cruz de Minas	12 - Santana do Garambéu
15 - São João Del Rei	25 - São Tiago	18 - Tiradentes
<b>Microrregião de Barbacena</b>		
8 - Alfredo Vasconcelos	10 - Antônio Carlos	9 - Barbacena
16 - Barroso	4 - Capela Nova	5 - Caranaíba
6 - Carandaí	2 - Desterro do Melo	11 - Ibertioga
7 - Ressaquinha	1 - Santa Bárbara do Tugúrio	3 - Senhora dos Remédios

**Figura 4** - Mapa da Região do Campo das Vertentes - Com a delimitação das cidades nas 3 microrregiões do Campo das Vertentes. (Fonte; SANTOS e PEREIRA, 2018)

O recorte geográfico da pesquisa consiste, pois, no estudo das cidades acima mencionadas - Barbacena, São João del-Rei e Lavras - polos microrregionais da mesorregião do Campos das Vertentes em Minas Gerais (Vide Figuras 3 e 4 acima).

Apesar de histórias e formações urbanas distintas desde o século XVIII, ao longo do tempo, essas cidades vêm mantendo suas centralidades nas suas respectivas microrregiões, ampliando as interações espaciais ao longo do tempo, devido a suas mútuas influências, observa-se a estruturação da rede geográfica que se perpetua e se retroalimenta até os dias de hoje.

Esse estudo está ancorado na discussão da transformação socioespacial nessa região específica, portanto é empregado o conceito *socioespacial*, cunhado por Milton Santos, que será apresentado no Capítulo 2. Tal debate trouxe outros autores, subsidiando a investigação em torno da formação do espaço urbano, pois a reprodução do capital nesses territórios engloba os meios de produção, a exploração do trabalho, as condições econômicas, políticas e culturais locais, desde suas origens e ao longo do processo de urbanização.

Quanto ao recorte temporal, deve-se ao marco inicial de levantamento do registro do ofício do fotógrafo Eduardo Augusto Dallo, em Barbacena, de 1869, documentado na

pesquisa realizada por Rogério Arruda, em seu estudo publicado em 2013. Encerra-se a investigação com as imagens fotográficas selecionadas das cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras até meados de 1920, o que configura quase meio século de fotografia desta região.

Enquanto no século XIX, a fotografia tinha a função de documentar, no começo do século XX inicia-se um debate e olhar para a fotografia como procedimento e objeto artístico. Com advento da Primeira Guerra Mundial há vários profissionais que começaram a registrar os avanços tecnológicos dessa época, momento identificado como a Era das Máquinas, além de ocorrer o fortalecimento da fotojornalismo (AMARAL e VIEIRA, 2013).

Para compreender as transformações socioespaciais ao longo do processo de urbanização desses municípios estudados, faz-se necessário um resgate histórico, pois eles passaram por grande dinamismo econômico, gerando significativas transformações socioespaciais ao longo do tempo, como apresentado adiante.

### **Contextualização histórica sobre a Mesorregião do Campo das Vertentes**

Inicialmente, Barbacena, São João del-Rei e Lavras originaram-se como pequenos povoados, tornando-se vilas na região logo depois. Estas localidades estavam associadas ao momento de interiorização e ocupação do território brasileiro no período colonial, sendo os diferentes fluxos favorecidos pelo Caminho Velho da Estrada Real. Posteriormente, para facilitar o escoamento de produtos e riquezas das Minas Gerais que eram exportadas para o Velho Mundo, é consolidado o Caminho Novo, que garantiu aos portugueses maior controle sobre o escoamento de mercadorias até o litoral (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

Com a crescente mineração e a exploração de ouro ocorreu uma intensa urbanização, que ampliou a exploração das terras e consolidou, também, a produção agropastoril, o comércio, os serviços, dentre outros, nessas cidades mineiras e região (SIMONATO *et al.*, 2017, p. 3). Simonato *et al.* (2017, p. 4 *apud* VASCONCELOS, 1959) ressalta que “a configuração regional de Minas Gerais sofreu forte influência indireta da atividade mineradora, como é o caso do estímulo a povoações em estradas ou caminhos que serviam de conexão para a mineração”.



A Comarca do Rio das Mortes, instituída em 1714 e substituída em 1892 pela Comarca de São João del-Rei, tinha como cabeça da Comarca a Vila de São João del'Rey. Conforme os mapas apresentados abaixo (Vide Figuras 5 e 6, respectivamente), pode-se avaliar a extensão territorial dessa comarca e perceber a influência de São João del-Rei nesse período.



**Figura 5:** Mapa 1 – Comarca do Rio das Mortes. Fonte: UFSJ, Acervos documentais da Comarca do Rio das Mortes. Disponível em <https://documenta.direito.ufmg.br/modules/brtchannel/index.php?pagenum=2>.



**Figura 6:** Mapa 2 – Comarca do Rio das Mortes. Fonte: UFSJ, Acervos documentais da Comarca do Rio das Mortes. Disponível em <https://documenta.direito.ufmg.br/modules/brtchannel/index.php?pagenum=2>.

Segundo Santos (2017), essa Comarca “possuía uma importante posição estratégica tendo em vista a formação de um triângulo formado pelas vilas de São João, Barbacena e Campanha – posteriormente substituída pela cidade de Lavras”. O autor salienta que esse triângulo era:

**favorecido por um arranjo geográfico privilegiado no entroncamento das principais vias de escoamento de Minas Gerais,** a região se constituía como importante **entrepósito comercial** que a configurou como um relevante **corredor produtivo em direção ao sul**, sendo este reforçado pela **integração das regiões central e sul**, com **objetivos políticos e econômicos** que visavam garantir a **produção e o abastecimento da Corte** (SANTOS, 2017, p.140) (grifo meu)

Como desdobramento, essas Vilas foram se consolidando gradualmente, tornando-se cidades. Desta maneira, a formação socioespacial desses locais ocorreu através do uso e ocupação do solo e pela necessidade de mais e mais investimentos em infraestruturas, tais como estradas, pontes, canais, chafarizes, entre outros. Ao consolidarem-se como referências regionais para as pequenas cidades do entorno, essas cidades ganharam destaque no âmbito da centralidade, ou seja, de suas influências como poder polarizador, em função da sua concentração de condições econômicas, comerciais, culturais, dentre outras.

Contrariamente ao movimento da decadência da mineração, devido à queda da extração aurífera, o que gerou declínio populacional em outras regiões, a Comarca do Rio das Mortes, especialmente São João del-Rei e região, se mantiveram crescentes, devido às atividades econômicas (CARVALHO, 2015; SANTOS, 2017).

Nesse sentido, Santos (2017, p. 48) aponta

A tese de que a atividade econômica se modificou leva a outra linha de interpretação que pesquisas e estudos historiográficos ratificam: **a formação de um mercado interno que permitiu a acumulação no espaço colonial interno gerando uma elite econômica local de origem portuguesa, proprietária de terras e escravos, exercendo atividades comerciais, agropecuárias e de mineração, com valores baseados em uma hierarquia social excludente** (SANTOS, 2017, p. 48). (grifo meu)

Esse processo histórico da urbanização ao longo do século XIX se destaca pelo desenvolvimento econômico, demográfico e socioespacial, colocando as cidades estudadas em evidência no contexto regional, todavia esse processo não foi natural e propiciou a escravidão, a exclusão, a injustiça social, o etnocentrismo (superioridade do homem branco) entre outros conflitos étnicos e ambientais, que originaram-se das disputas pelas terras durante “o processo de expansão da fronteira luso-brasileira”, que tinham “caráter mercantil de exploração e conquista colonial” (OLIVEIRA, 2020, p. 5).

Com a consolidação do Caminho Novo da Estrada Real, esses conflitos se ampliaram após a decadência da exploração aurífera nas minas (ALVARENGA, 2022).

É importante ressaltar que em Barbacena, na Serra da Mantiqueira, a etnia indígena Puri foi, ao longo tempo, se reduzindo (RAMOS, 2017).

Nesse sentido, este debate pode promover o surgimento de novas discussões e entendimentos socioespaciais, como também compreender o desaparecimento do que um dia representou a identidade, a construção social e o patrimônio (tradições, valores, cultura, etc) de um povo em nome da “ordem e progresso”.

Nessa perspectiva, por exemplo, encontramos em estudo anterior os vestígios de povos indígenas na região estudada, dentre eles, os *puris* em Barbacena, já citados acima, os quais se restringem a uma pequena comunidade nos dias de hoje. Outrora quase dizimados por diversas circunstâncias colonizadoras de ocupação e disputas do território. Tal fato não garantiu o reconhecimento dessa cultura nas bases da formação da região.

Retomando Santos (2017, p. 49), ressalta-se a importância de São João del-Rei para a região e o estado de Minas Gerais, pois ao ser elevada à categoria de cidade em 1838, já se destacava por sua intensa e diversificada atividade econômica. Ele salienta que

**São João del-Rei ao se tornar o principal entreposto comercial de abastecimento da província de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, implicou diretamente na formação socioespacial da cidade,** que rapidamente se transformou no principal núcleo urbano de Minas Gerais na passagem do século XVIII para o XIX. o que favoreceu seu contínuo desenvolvimento urbano e econômico, além de incrementar a divisão social do trabalho na cidade. (...) O **desenvolvimento docomércio agroexportador de São João del-Rei,** principalmente, para o Rio de Janeiro **favoreceu toda a região porque incentivou a construção de uma rede viária que facilitou o escoamento dos produtos da região** em melhores condições e menor prazo, diminuindo os prejuízos com as perdas. (...) essas atividades comerciais e agropastoris, **aumentou a demanda do uso do solo para criação de um conjunto de infraestruturas necessárias para a melhoria das condições de vida da população, ainda que direcionadas prioritariamente para a elite local** (SANTOS, 2017, p. 48). Grifo meu.

A partir desses estudos e considerações apontados acima, é possível perceber as transformações socioespaciais que se desdobraram dessa intensa atividade econômica na região, o que influencia significativamente o modo de ocupação urbana de São João del-Rei e outras cidades, conforme salienta Santos (2017), Simonato *et al* (2017), Nascimento *et al* e também Carvalho (2015), que menciona esse fato em sua tese.

Conseqüentemente, esse processo de urbanização mobilizou a ampliação do uso e ocupação do solo pelas elites cujos desdobramentos foram obras de infraestrutura para acompanhar o crescimento populacional e o adensamento urbano da época. O uso e apropriação do espaço urbano na formação das cidades mantiveram-se ligados às classes dominantes, que influenciavam as administrações locais. O modo de ocupação do espaço que constitui a cidade está ligado à necessidade da ação produtiva de cada período econômico (SANTOS, 2017, p. 24).

Esse intenso processo de urbanização atravessou o Século XIX, sendo muito impactado, também, pela vinda da família real para o Brasil, quando Minas Gerais passou a representar o importante papel de mercado abastecedor da Corte. Outros fatos que corroboraram para que o progresso de São João del-Rei e região fosse impulsionado, segundo Santos (2017, p. 27) foi a chegada da "Estrada de Ferro Oeste de Minas – EFOM<sup>3</sup> de 1878-1881 (vide figura 7 abaixo) e a chegada dos imigrantes italianos, a partir de 1886, os quais, inicialmente, se dedicaram às atividades agrícolas e aceleraram o ‘progresso’ industrial”.

---

<sup>3</sup>A Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) foi inaugurada em 1880, ligando as estações de Antônio Carlos e Barroso, posteriormente estendida a São João del-Rei em 1881, chegando em 1887 a Aureliano Mourão, devido bifurcação estabelecia linha que chegou a Lavras em 1888. (Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/> ou [http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv\\_efom/aureliano.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_efom/aureliano.htm))



Fig. 1 — A E. F. Oeste de Minas foi, há alguns anos, incorporada à Rede Mineira de Viação.

**Figura: 7** Mapa da Estrada de Ferro Oeste de Minas – EFOM de 1898

(Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1898efom.shtml>)

No que se refere às principais centralidades, "Barbacena era uma região de entreposto, contando com uma ativa participação no Comércio", conforme destaca Teixeira (2005). Já Lavras consolida seu desenvolvimento a partir do final do Século XIX e início de Século XX, devido às “novas ligações fluviais e ferroviárias criadas” (Prefeitura de Lavras, 2020).

É nesse contexto de expansão econômica, fortalecido pelos corredores de exportação na região, com caminhos e trajetos cada vez mais estruturados ao longo do tempo, devido à complexa rede de ligação comercial estabelecida entre os municípios estudados, que aparecem os primeiros fotógrafos nesta região, oferecendo seu ofício e trazendo subsídios documentais fundamentais para esta pesquisa.

Os pioneiros da fotografia, primeiramente itinerantes, vindos de vários lugares, ao expandirem suas atividades na região estudada trouxeram mais do que a produção e a comercialização de retratos: propiciaram que a fotografia fosse assimilada e consumida como documento da realidade de uma modernidade em implantação, pois chegou

impregnada dos anseios burgueses, elitistas, colonizatórios, imperialistas do Brasil da época, num contexto sob efeito da industrialização e do crescimento das cidades, conforme observado no processo de estudos dessa pesquisa.

Quanto à modernização urbana no Brasil, retratada pelos fotógrafos, Possamai (2008) reflete o seguinte:

Partindo-se do pressuposto de que, guardadas as peculiaridades locais, o processo de modernização urbana pelo qual passaram as cidades brasileiras entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX reservam características semelhantes, a indagação que se coloca é se também seriam semelhantes às escolhas dos fotógrafos e dos produtores visuais para a elaboração de uma visualidade urbana representada nas imagens e nos álbuns fotográficos (POSSAMAI, 2008, p. 269 -270).

A partir dessa questão da visualidade urbana e a produção fotográfica apresentada por Possamai, essa pesquisa busca colaborar com possíveis respostas a partir dos registros fotográficos encontrados nos arquivos disponíveis sobre as cidades estudadas. E, para gerar essa produção de conhecimento, foi elaborada uma organização sobre o conteúdo produzido nesta investigação, conforme apresentado abaixo.

## **Organização da dissertação**

Quanto à organização deste trabalho, iniciamos com a **Apresentação** com o objetivo de estimular e promover o melhor entendimento das camadas do trabalho aos leitores, somados aos quatro capítulos seguintes. Conforme mencionado anteriormente, esse estudo está ancorado na Linha-3 do PIPAUS, que possibilita a produção de conhecimento voltado para compreensão e criticidade das narrativas e dos discursos produzidos pelas diversas linguagens ao longo do tempo, inferindo e permitindo a compreensão das transformações socioespaciais através da linguagem fotográfica.

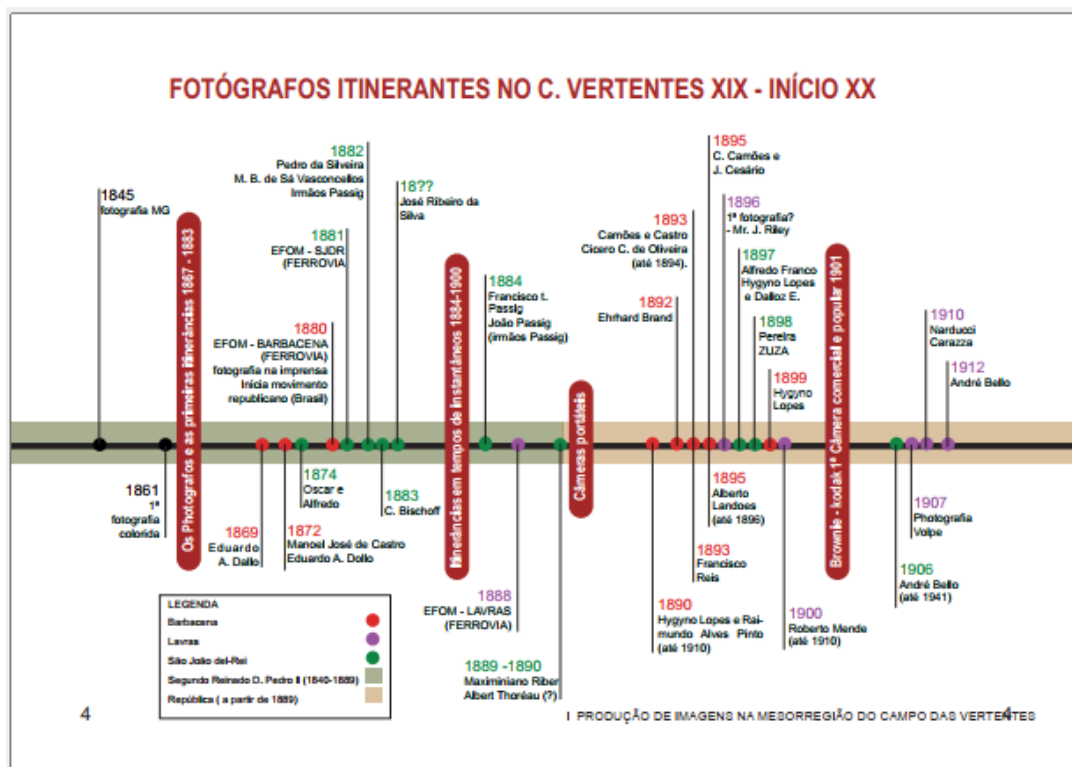
No **Capítulo 1** há a exposição da Metodologia aplicada, descrevendo o levantamento dos acervos disponíveis, a coleta e a análise de dados, inferências e interpretações a partir dos resultados obtidos, os quais estão organizados e apresentados em anexo, no formato de um catálogo.

A partir da coleta de dados nos acervos disponíveis, houve uma pré-análise do material selecionado, organizando-o em categorias e classificando-os, conforme volume

levantado. A partir daí ocorreu o tratamento e análise de dados para, posteriormente, realizar-se as interpretações e conclusões em um relatório que subsidia a dissertação.

Os resultados foram articulados às informações obtidas na pesquisa bibliográfica, paralelamente realizada para amparar as discussões dos dados coletados. Os resultados foram estruturados numa organização própria, em arquivo com informações específicas sobre os fotógrafos e as imagens selecionadas, com anotações e referências das fontes primárias, secundárias e terciárias, de onde os dados podem ser encontrados, fundamentando as bases de dados para a estruturação de um infográfico que elucida e revela os fotógrafos identificados na região estudada, no recorte temporal proposto. Esse processo e ferramentas metodológicas deram suporte e fundamentaram o texto final desta dissertação.

Destacamos dentre os referenciais teóricos dessa pesquisa, a aproximação com os estudos de Boris Kossoy (1980; 2002) e Rogério Arruda (2013), que contribuem com seus percursos teórico-metodológicos e pesquisas históricas sobre a fotografia. Tais trabalhos tornaram-se base para esse estudo que se somando aos dados encontrados e selecionados no Museu Municipal de Barbacena e no Museu Regional de São João del-Rei, entre outros arquivos, contribuíram como fontes históricas para construir um infográfico (vide Figura 8 abaixo), que mesmo com lacunas de informações- já apontadas pelos pesquisadores-, atualiza dados e informações sobre os fotógrafos estudados e seus exercícios de ofício. Veja, a seguir, a linha do tempo dos fotógrafos itinerantes e/ou fixaram nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, identificados nesta investigação:



**Figura 8:** Linha do tempo elaborada pela autora, baseada no cruzamento das pesquisas de Kossoy (2002) e Arruda (2013), incrementada com mais informações relativa a outros fotógrafos itinerantes encontrados (imagens) no acervo do Arquivo Público Mineiro, Museu Regional de São João del-Rei e Blog História de Lavras - Esses destacam-se por mais registros fotográficos encontrados ao longo do período em destaque. (Diagramação Amanda Martins fev.2023)

O material encontrado até o momento de encerramento dessa dissertação foi selecionado e, posteriormente, armazenado em fichas catalográficas separadas por município, como um conjunto de imagens fotográficas pré-reunidas em um arquivo gerado como resultado dessa investigação. Paralelamente, foram criadas outras tabelas com informações relevantes para essa análise no intuito de fundamentar e articular os vieses dessa pesquisa. Tais informações estratégicas estão reunidas e, parcialmente, expostas adiante, esclarecendo processo de recensão bibliográfica desse estudo.

Esse percurso metodológico produziu conhecimentos que visaram preencher as lacunas existentes na pesquisa histórica da fotografia da região e de Minas Gerais, ao incorporar outros fotógrafos que circularam pela região estudada, aqui reconhecidos por meio da localização de sua produção fotográfica, embora alguns outros tenham permanecidos anônimos devido à insuficiência das informações. O arquivo elaborado é um dos produtos dessa pesquisa, consistindo de fotógrafos e ou retratistas identificados juntamente com as imagens levantadas entre os primeiros quase cinquenta anos da fotografia no Campo das Vertentes em Minas Gerais. Conseqüentemente, esse material



coletado e arquivado contribuiu para a estruturação e a contextualização das informações sobre a fotografia ao longo do tempo, dando suporte para elaboração da Figura 8 acima, e fundamentando essa investigação.

O **Capítulo 2** apresenta o referencial teórico ancorado por conceitos e estudos de teóricos e pesquisadores que desenvolveram investigações em torno das questões urbanas, prioritariamente, os estudiosos da fotografia, revelando uma diversidade de trabalhos elaborados a partir da discussão imagética.

Compreendendo os processos investigativos que têm a fotografia como objeto de pesquisa, deu-se ênfase às percepções dos estudiosos da Sociologia da Imagem e da Antropologia Visual, que buscam contribuir com a discussão sobre a construção social, a memória individual e social e os *lugares de memória*. Criaram-se, assim, interconexões e debates com outros campos de estudo como a História da fotografia e a História Urbana, cujos pesquisadores muito contribuem este trabalho inter e transdisciplinarmente. Foi imprescindível, neste estudo, aprofundar o conhecimento de um repertório de estudos e pesquisas que corroboram com a compreensão da produção fotográfica e seus desdobramentos, com destaque para sua importância histórica, documental, arquivística, patrimonial e comunicacional e o modo como impactam as transformações socioespaciais.

Conforme sinalizado anteriormente, essa investigação está ancorada na discussão da transformação socioespacial do território estudado e emprega o conceito *socioespacial*, como concebido por Milton Santos e apresentado neste Capítulo II, conjuntamente com outros conceitos que atravessam essa investigação. Tal debate integra ainda outros autores que promovem a discussão da formação do espaço urbano, do processo de urbanização e seus atravessamentos sócio-políticos, econômicos e culturais.

No **Capítulo 3** o objeto de pesquisa deste estudo é apresentado de forma mais detalhada, abordando a fotografia produzida pelos fotógrafos e ou retratistas que circularam e/ ou fixaram-se na região estudada. Por meio de levantamento e sistematização de informações sobre as imagens pesquisadas, elaborase uma base de dados que pode ser entendida como potente instrumento analítico que permite desvelar diferentes tipos de transformações socioespaciais. A proposta é apresentar ao leitor a fotografia como recurso para aprofundar o conhecimento sobre determinada sociedade e espaço, devido seu valor como rastro de memória, documental, arquivístico e estético.

Dando continuidade aos argumentos/orientações estudados, ainda que não se chegue a etapa de análise, devido tempo despendido em outros procedimentos adotados na pesquisa, sobretudo relacionados à categorização dos tipos de transformações socioespaciais, são selecionados para o catálogo resultado da pesquisa, dois principais formatos fotográficos existentes na época: paisagem e retrato.

Nesse sentido, expõem-se alguns registros que denotam valores e sentidos voltados para o ideário da modernidade, os quais evidenciam o avanço tecnológico nas cidades estudadas e elucidado na produção fotográfica que remete ao tipo “cartão postal”, isto é, imagens do desenho urbano que valorizam as transformações espaciais além de estimular a convergência de olhares e interesses para área central das cidades e suas novas infraestruturas, equipamentos e atrações.

No **Capítulo 4** procura-se discutir os desdobramentos desta investigação, oriundos dos levantamentos históricos e da historiografia da fotografia a partir dos registros fotográficos e dos fotógrafos identificados, do conceito de memória. Busca-se, também, entender os esforços de construção de acervos fotográficos que se manifestam como *lugares ou espaços de memória*, já que as pesquisas em acervos contribuem com tal discussão além de contribuir para a compreensão sobre a manipulação, a conservação, a restauração e o tipo de arquivamento das imagens.

O processo de gerar conhecimento a partir da formação desses arquivos imagéticos contribui com informações e reflexões para o entendimento dos acervos públicos e particulares que auxiliam no resgate da memória coletiva local, regional e até nacional, como documentos históricos que são. Do mesmo modo, torna-se possível contribuir com a produção de conhecimento crítico, com novos olhares sobre as narrativas e sobre os valores identitários, que podem criar formas de pertencimento ao ancorar a sociedade no espaço e no tempo e oferecer uma reflexão e a valorização sobre sua própria memória contextualizada.

Dessa maneira, essa investigação busca contribuir com a produção de conhecimento e a propagação da importância da memória histórica da fotografia e dos *lugares de memória* no intuito de contribuir com o fortalecimento do patrimônio visual e local.

Nas **Considerações Finais** é apresentado o desfecho dessas discussões em torno da investigação da produção fotográfica que impactou as transformações socioespaciais

nas cidades estudadas da mesorregião do Campo das Vertentes do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

Um dos debates que surge com a pesquisa é a importância de se compreender o advento da internet, das redes sociais e seus impactos, como isso ampliou a circulação de imagens antigas, tornando-a, inclusive, acessível e possibilitando o aparecimento de fototecas e de movimentos em prol da valorização da memória visual.

De um lado há muitas lacunas que geram questões que podem ou não, serem respondidas sobre a história da fotografia em Minas Gerais e, especificamente, sobre o território pesquisado, devido às perdas irreversíveis atestadas por estudiosos do assunto. Por outro lado, é de suma importância que ocorram novos desdobramentos, como outras pesquisas que possam responder a novas questões e como a diminuição da falta de informações e artefatos para, assim, se atenuar os apagamentos históricos.

Esta investigação, ao procurar entender como a construção visual na Mesorregião do Campo das Vertentes corroborou com o campo sociocultural e artístico, examina, também, as relações econômicas, políticas e tecnológicas da imagem na produção de significados. Portanto, este estudo favoreceu o conhecimento de fenômenos relativos às ocupações socioespaciais nas cidades da mesorregião das Vertentes, o entendimento da formação das imagens na construção social e na estruturação da memória coletiva e a percepção de como essa linguagem produzida pelo(a)s fotógrafo(a)s e ou retratistas contribui com o entendimento estético e crítico das urbanidades e da sustentabilidade no recorte geográfico e temporal estudado; pois, ao registrarem os momentos da época, esses profissionais estavam desvelando, ao mesmo tempo, a paisagem e a sociedade local, o uso e ocupação daquele território, além de trazer a carga da cultura e a sua subjetividade na escolha do tema do registro.

Nesse sentido a fotografia é um instrumento que comunica e dialoga, que revela “ao colocar luz e foco” e contextualiza os olhares sobre a Região das Vertentes, as percepções desse território e região, contribuindo para a formação da memória coletiva e permitindo a reflexão sobre as dimensões sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas e psicológicas, sendo capaz, inclusive, de interferir na transformação da percepção e da imagem do espaço urbano ao longo do tempo e em diferentes temporalidades e temporalidades espaciais.

A discussão sobre a itinerância de fotógrafos, prioritariamente homens, tal como as transformações técnicas ocorridas na fotografia ao longo das primeiras décadas de sua

expansão (a partir de 1845) em Minas Gerais, são pontos-chaves para compreender o cotidiano e o ofício desses trabalhadores no período estudado.

Ao cruzar novas informações com os levantamentos realizados, estes subsidiam algumas respostas às lacunas sobre a história da fotografia e sobre os possíveis fotógrafos que circulavam na região estudada, realizando seu ofício e contribuindo para o entendimento do papel das redes geográficas estruturadas nesse território e para o reconhecimento da influência dos antigos caminhos que promoveram os processos de urbanização e alguns de seus desdobramentos sociais. A busca de respostas às questões oriundas deste estudo desvelou um outro universo de indagações e interesses sobre a fotografia que, estudados à luz da ciência e da arte e ancorados na Historiografia, História da fotografia e História Urbana, criam a possibilidade de serem desdobrados para além dessa investigação, em outros momentos e pesquisas.

Ainda que esta investigação deixe lacunas sobre os possíveis fotógrafos que atravessaram essas terras e não identifique toda a produção fotográfica do período estudado, ela traz luz ao momento histórico da chegada da fotografia e seus desdobramentos nessa região, além de contribuir para encontrar vestígios de outros fotógrafos, complementando a listagem de fotógrafos já reconhecidos e disponibilizados nas pesquisas de Kossoy e Arruda.

A organização de informações que possibilitou a estruturação da linha do tempo sobre os fotógrafos estudados, que expandiram seus ofícios por Barbacena, São João del-Rei e Lavras, conforme visto anteriormente na Figura 8, constitui-se também um arquivo de imagens, *lugar de memória*, que corrobora para compreender a história da transformação socioespacial desse território, além de desvelar aspectos da formação social e da rede geográfica formada pelas três cidades pesquisadas.



*O que torna as primeiras fotografias tão incomparáveis talvez seja isto: elas representam a primeira imagem do encontro entre a máquina e o homem.*

*(W. Benjamin, 2006, p. 720)*

## CAPÍTULO 1

### PERCURSO METODOLÓGICO

Compreendendo a potência e a plasticidade da linguagem fotográfica, buscou-se verificar nesta pesquisa, a estruturação e a construção da memória local sobre o território estudado a partir dos registros imagéticos disponíveis em diferentes arquivos, além de identificar sua contribuição como acervo histórico, documental, identitário e simbólico.

Nessa perspectiva, essa investigação se ancora primeiramente nas bases da pesquisa documental, que se utiliza de fontes primárias, pois ela “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.” (FONSECA, 2002, p. 32).

Inicialmente, realizou-se uma aproximação dos pressupostos do estudo observacional retrospectivo de cunho qualitativo de Fontelles *et al* (2010, p. 06). E, ainda, concomitantemente, esta pesquisa se alinha às orientações de Kossoy (1980) para iniciar a construção da pesquisa e interpretação das imagens produzidas no passado como fonte histórica.

Nesta proposta metodológica, quanto a sua natureza observacional, “o investigador atua meramente como expectador de fenômenos ou fatos, sem, no entanto, realizar qualquer intervenção que possa interferir no curso natural e/ou no desfecho dos mesmos, embora possa, neste meio tempo, realizar medições, análises e outros procedimentos para coleta de dados”. Caracteriza-se como retrospectiva quanto ao desenvolvimento no tempo, Fontelles *et al* (2010, p. 08) salienta que na pesquisa retrospectiva — esse tipo de “estudo é desenhado para explorar fatos do passado, podendo ser delineado para retornar, do momento atual até um determinado ponto no passado, há vários anos”.

Devido a proposta da pesquisa estar ancorada na Antropologia visual e na Sociologia da Fotografia e da Imagem, busca-se, também, aproximar as análises dos

pressupostos da fotoetnografia<sup>4</sup>. O percurso metodológico foi a observação e a análise das imagens disponíveis em arquivos públicos, catálogos, mídia, internet, álbuns, postais, registros fotográficos pessoais e outros ferramentais, com relação à alteração socioespacial mediada pelo(s) discurso(s) e narrativa(s) elaborado(s) através da produção fotográfica dos fotógrafos que circularam na região estudada.

A partir da coleta de dados nos acervos disponíveis, houve uma pré-análise do material selecionado que foi organizado em categorias conforme volume levantado e posteriormente classificado. A seguir procedeu-se ao tratamento e análise de dados e a realização de interpretações e conclusões em relatório.

Os resultados foram articulados com as informações obtidas na pesquisa bibliográfica, paralelamente realizada, para amparar discussões com os dados coletados. Os resultados foram estruturados em organização própria de arquivo com informações específicas sobre os fotógrafos e imagens, com anotações e referências das fontes primárias, secundárias e terciárias, a localização de onde as informações foram encontradas, as quais fundamentaram as bases de dados para estruturação do infográfico, incluído na Apresentação desta dissertação (Figura 8 na p. 34). Conforme sinalizado anteriormente, essa imagem produzida organiza a linha do tempo e elucida a trajetória dos fotógrafos identificados na região estudada no recorte temporal proposto e dá suporte e fundamentação ao texto final desta dissertação.

O infográfico - um dos resultados do processo metodológico construído como síntese do percurso dos fotógrafos e ou retratistas que percorreram a região do Campo das Vertentes no período histórico estudado- possibilita observar a evolução e a itinerância, bem como compreender a expansão da fotografia na região desde o Império até a República, contexto em que há significativa alteração do espaço urbano, em consequência do crescimento populacional e expansão econômica das cidades.

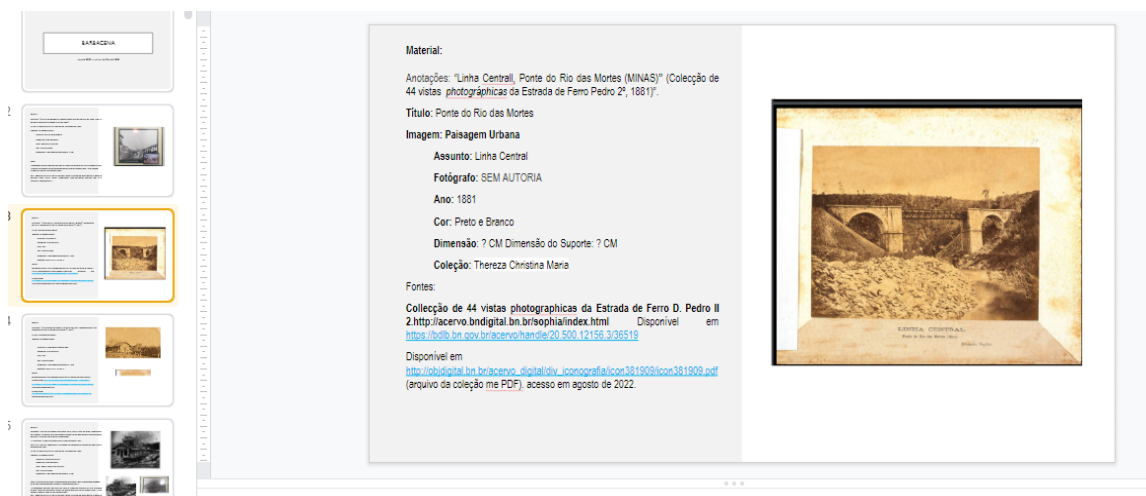
A possibilidade e importância de surgirem novas pesquisas que tragam luz e complementem detalhes sobre os fotógrafos itinerantes e aqueles que se fixaram primeiramente no território são reforçadas pelo pesquisador Boris Kossoy (2002). O autor ressalta a relevância desse tipo de pesquisa mesmo que haja lacunas não preenchidas sobre muitos desses fotógrafos que percorreram trilhas, desbravando o território e revelando as paisagens e o povo que ocupavam as diversas regiões do país.

---

<sup>4</sup>A fotoetnografia é um método que utiliza a fotografia como narrativa imagética capaz de preservar o dado e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do grupo estudado (FONSECA, SILVA e LEITE, 2018).

No Brasil, a conservação dos registros fotográficos tem sido inadequada ao longo do tempo, favorecendo as perdas de muitos registros, como apontado por vários estudiosos. Uma grande parte das fotografias antigas se perdeu por diferentes motivos, dificultando reconhecimentos, pois há muitos trabalhos dispersos e sem autoria. Mesmo com a impossibilidade de atribuir autoria a muitos registros disponíveis, encontrados em acervos e circulando na internet, deve-se reconhecer o valor desses rastros de memórias que persistem até a atualidade das mais variadas maneiras, o que garante a memória coletiva e a colaboração com a historiografia da fotografia.

Concomitantemente à base de referenciais teóricos, foi construído, neste estudo, um caminho específico para obtenção de imagens fotográficas e informações sobre os fotógrafos que transitaram nas cidades de Barbacena, Lavras e São João del-Rei nesse primeiro meio século da fotografia. Numa organização pessoal, por meio de ficha(s) catalográfica(s), foi elaborado um arranjo de imagens como forma de sistematização e catalogação, para estruturação de um possível arquivo, um *lugar de memória*, que possibilitasse olhar e contribuir com a história crítica e visual da região estudada (vide figura 9 abaixo)



**Figura 9:** Ficha catalográfica referente a imagem da Linha Central - Linha Central, Ponte do Rio das Mortes (MINAS)” (Fonte: Biblioteca Nacional - Coleção de 44 vistas *photographicas* da Estrada de Ferro Pedro 2º, 1881)

Conforme mencionado, o processo consistiu em adentrar caminhos já trilhados pelos pesquisadores Boris Kossoy e, posteriormente, por Rogério Arruda para extrair dados sobre os fotógrafos que transitaram na região pesquisada por meio de seus catálogos já publicados. Esses catálogos, por sua vez, contêm informações sobre os




trabalhadores da imagem que ofereciam sua arte e ofício nos rincões do Brasil e nas Minas Gerais, respectivamente, no século XIX e início do XX.

Cruzando informações disponíveis dos fotógrafos reconhecidos por esses estudiosos, foi possível encontrar uma linha condutora que permitiu nomear os primeiros homens fotógrafos que trilharam as cidades estudadas, identificando, ainda, possíveis momentos de seus percursos e fixação nesse território. Essas fontes remetem àqueles profissionais que cuidavam de divulgar suas atividades nas cidades que chegavam, através de anúncios em jornais e ou almanaques da época.

Esses estudos de Kossoy e Arruda apontam os caminhos teórico-metodológicos percorridos pelos autores, possibilitando localizar parte desses primeiros fotógrafos em arquivos públicos e particulares e suas *itinerâncias* por Minas Gerais, como também pelo país. Ambas as pesquisas se tornaram ponto de partida para esta investigação aqui descrita, pois contribuem como uma preciosa fonte de consulta. (vide Figura 10 abaixo).

#### Fotógrafos na região investigada

Fotógrafos		Localidade	Período	Informações	Referência/Página
Albert Thoreau		São João del-Rei	1889	"Pode-se ver na foto uma manifestação contrária à presença do republicano Silva Jardim na cidade, em 1889. A foto é, provavelmente, autoria de Albert Thoreau."	 <p><a href="http://www.ibamendes.com/2013/04/imagens-historicas-da-bela-sao-joao-del-rei.html">http://www.ibamendes.com/2013/04/imagens-historicas-da-bela-sao-joao-del-rei.html</a> Acesso em 17/07/2021</p> <p><a href="http://www.ibamendes.com/">http://www.ibamendes.com/</a> (blog)</p> <p>*Albert Thoreau faleceu em São João del-Rei. fonte: <a href="http://memoria.bn.br/pdf/025802ipr025909_1940_00050.pdf">http://memoria.bn.br/pdf/025802ipr025909_1940_00050.pdf</a></p>
BELLO, André		São João del-Rei	1907	"Vistas de sua autoria foram editadas em cartões-postais. (...) Coleções: Arquivo Público Mineiro."	<p><b>Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro</b>, p. 81</p> <p>Exposição "A fotografia de André Bello: Referências do Passado – Visões de Futuro". Museu Regional, SJDR, 2009.</p>

**Figura 10:** Representação de parte da tabela "Fotógrafos na região investigada", que é dos fotógrafos do Campo das Vertentes - 2ª metade do sec. XIX e início do séc. XX levantados - arquivo digital da autora.

Todo esse material coletado contribuiu para a estruturação e a contextualização das informações na linha do tempo, dando suporte para elaboração do infográfico: Linha do Tempo (Figura 8, na pag. 34).

Foi criada, ainda, uma tabela que apresenta links de instituições, colecionadores, periódicos, que consistem de informações e ou acervos fotográficos que fornecem rastros de memória sobre a produção fotográfica, o ofício da fotografia e os percursos adotados

pelos fotógrafos. Esse material coletado e selecionado identifica alguns daqueles que percorreram a região estudada, possibilita o encontro de vestígios acerca dos fotógrafos e ou de referências de registros fotográficos nessas cidades em diferentes tipos de fontes históricas, no intuito de viabilizar o acesso e a resolutividade dessa investigação e de outras pesquisas futuras.

A pesquisa realizada traz novas questões, discussões e debates, no intuito de entender as brechas existentes na pesquisa histórica, incorporando outros fotógrafos que circularam pela região estudada, além de reconhecer através de imagens selecionadas o papel daqueles anônimos, que desenvolveram suas atividades na região das Vertentes nos primeiros tempos da fotografia.

Todo material encontrado ao longo do período da pesquisa foi sendo arquivado em pastas identificadas, armazenado para adequada seleção, como também apreciação a partir de ficha catalográfica separada por município, como um conjunto de imagens fotográficas pré-reunidas em um tipo de arquivo (organizado pelas perguntas da pesquisa), gerando um catálogo a partir da consolidação e sistematização dos dados coletados (vide Anexo, p. 126). Esse levantamento foi feito em duas etapas: i). com a seleção e a organização dos dados coletados na internet (*Sites, blogs*<sup>5</sup>, grupo de fotografia antigas no *Facebook*, perfil no *Flickr*, dentre outros) articulados às informações dos fotógrafos que circularam no território investigado; ii) a partir da seleção e elaboração das informações extraídas das obras de Kossoy e Arruda; iii) com a adição de novos dados levantados em visita presencial ao acervo físico do Museu Regional em São João del Rei e do Museu Municipal de Barbacena (em setembro de 2022).

Essas informações e imagens levantadas trouxeram luz e reconhecimento de outros fotógrafos e ou retratistas que circularam nas cidades no período estudado, ampliando a produção fotográfica já selecionada anteriormente, também quanto ao número de trabalhadores, que realizaram seu ofício por essa região.

Dentre as lacunas dessa pesquisa está uma visita física exploratória- não realizada- ao acervo físico e histórico do Museu Bi Moreira, da Universidade Federal de Lavras (UFLA). No entanto, o levantamento sobre a fotografia da cidade de Lavras foi incrementado com dados obtidos através de informações e reproduções de registros fotográficos dos fotógrafos da época em jornais antigos localizados entre as postagens

---

<sup>5</sup>Iba Mendes Pesquisa - Cidades e Memórias - Fotos antigas de cidades de Minas Gerais. Disponível em <<http://www.ibamendes.com/search/label/MINAS%20GERAIS%20%28antiga%29>> acesso em fev. 2022.

publicadas na internet em diferentes mídias e redes sociais, como também outros registros selecionados nas publicações da Revista Cultural do Patrimônio de Lavras, alocados no *Blog História de Lavras*<sup>6</sup>, cujo organizador é o historiador Geovani Németh-Torres. Todo este material foi selecionado e incluído conjuntamente no arquivo mencionado da pesquisa com a função de ampliar, reconhecer e valorizar a localização desses dados disponíveis, contribuindo com a construção e ampliação do conjunto de informações significativas para esta e outras investigações.

Encontrar artefatos fotográficos do período estudado na internet foi desafiador, apesar de muitas imagens disponíveis estarem em domínio público. Primeiro, porque a maioria dessas imagens apresenta-se dispersada e sem muito detalhamento de informações em torno do seu registro e ou de sua origem, dificultando gerar dados confiáveis. Segundo, porque há muitas informações circulando em sites, em redes sociais, e em outras investigações publicadas, envolvendo essa temática ou estudos sobre algum fotógrafo específico da época sem haver interconexões entre essas informações espalhadas. Por isso, fazer o levantamento, realizar a coleta de dados, gerar a análise, elaborar as inferências e interpretações, buscando resultados para construir conexões para compreender os fragmentos imagéticos como “desveladores” da transformação socioespacial e cultural ocorrida na região estudada consumiu muito tempo e dedicação. Não podemos deixar de mencionar o período da pandemia de Covid-19, que restringiu e retardou o contato com acervos físicos, inibiu a checagem de alguns materiais e informações.

Há fotografias espalhadas e circulando, sem muito rigor e sistematização acadêmicos, tanto em arquivos pessoais físicos, como em acervos digitais, como há imagens perdidas ou restritas, conservadas e manipuladas em coleções particulares ou de leiloeiros, por exemplo. Enfatizamos que há esforços de estudiosos e aficionados, tanto indivíduos isolados quanto grupos, que se mobilizam e criam acervos compartilhados principalmente na internet. Há diferentes grupos de interessados na temática de

---

<sup>6</sup> História de Lavras. disponível em <<https://historiadelavras.blogspot.com/#>> acesso em dez. 2022.

fotografias antigas nas redes sociais como *Facebook*<sup>7</sup>, *Flickr*<sup>8</sup>, *Youtube*, *Pinterest* entre outros, como há aqueles que publicam textos e reproduzem imagens em *Sites*, *Blogs*, entre outros sobre as fotografias antigas das cidades estudadas, que colaboraram com informações para essa investigação. Apesar do descompasso entre produções, registros e difusões, deve-se salientar a importância de se fazer circular essa produção fotográfica como rastros de memória das cidades, que merecem ser investigadas. Para além de serem artefatos que podem compor fontes históricas, têm também a função de contribuir com investigações, debates e reflexões críticas sobre a formação do espaço e da sociedade no território.

Os desafios ressaltados acima poderiam comprometer e, em parte dificultar, a organização da produção imagética disponível; em compensação, foram encontrados outros trabalhos pontuais, dissertações e artigos, que subsidiaram o levantamento da investigação ao fornecer pistas sobre outras fontes históricas.

Dentre as obras selecionadas, destacam-se as que foram elaboradas em torno de alguns fotógrafos da época, que fornecem detalhes de informações e localização de parte de sua produção imagética, tal como a dissertação de mestrado de Rubia Soraya Lelis Ribeiro (2006) sobre a obra do fotógrafo André Bello. Outra referência que se apresenta como fonte histórica é a tese de doutorado de Ralf José Castanheira Flores (2006), evidenciando a publicação do Álbum de Tancredo Braga, de 1913, e o Álbum de André Bello, de 1918<sup>9</sup>, sobre São João del-Rei no início do século XX. Esses materiais merecem futuros estudos.

As etapas de investigação foram se consolidando gradualmente, apesar de percalços e foram trazendo novos desdobramentos a partir das fontes históricas que foram sendo levantadas. Dentre estes está o reconhecimento do valor dos dados coletados nessas fontes para a história, assim como as contribuições para a historiografia da fotografia da

---

<sup>7</sup> A Antiga São João del-Rei. Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/antigasjdr/>> acesso fev.2022.

BarbarasCenas (Fotos antigas de Barbacena). Disponível em<<https://www.facebook.com/groups/barbarascenas/>> acesso em fev. 2022.

Fotos Antigas de Lavras. Disponível em <[https://www.facebook.com/fotos.antigas.de.lavras/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/fotos.antigas.de.lavras/?locale=pt_BR)> acesso em fev. 2022.

<sup>8</sup>DACAF Notícias e Eventos. Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/dacafconsultoria/with/7343477824/>> acesso em fev. 2022.

<sup>9</sup>Cópias digitais disponibilizadas por Maria de Fátima Loureiro Vasconcelos e equipe do Museu Regional de São João del-Rei em outubro de 2022.

região. O material produzido pela pesquisa gerou arquivos que criam acervos, *lugares de memória*, assunto que será aprofundado no Capítulo 4.

Observa-se que a fotografia veio captando, através dos registros fotográficos, os processos históricos das transformações econômicas, políticas, culturais e espaciais e, especialmente, as transformações urbanas da sociedade do Campo das Vertentes, ampliando sua penetração nessa região com o advento da chegada da ferrovia em 1880 em Barbacena e logo depois, em 1881, a São João del-Rei, sendo posteriormente estendida até Lavras em 1888. A ferrovia foi um ponto fundamental que ampliou a rede geográfica entre esses municípios, como consequência da expansão econômica e mercantil com a Corte. Assim, o processo de expansão da ferrovia garantiu, também, a expansão da fotografia no território e a captura das transformações socioespaciais e culturais como pano de fundo, desvelada pelos registros fotográficos levantados na pesquisa.

Paralelamente a este processo de expansão urbana e infraestrutural, a fotografia foi sendo cada vez mais consumida pela sociedade, tal como o consumo da moda, de um estilo de vida, da urbanização, interferindo e também promovendo o uso e a ocupação dos espaços em conformidade com valores que circulavam naquele contexto de desenvolvimento econômico, demográfico e socioespacial, o que contrastava com o cotidiano escravocrata, excludente e gerador de injustiça social, já mencionado na Apresentação desta dissertação.

Com a ampliação da ferrovia para essa região, somada à navegação a vapor e aos bondes implantados em Lavras, percebe-se o fortalecimento da intercomunicação na região, impulsionando as transformações tecnológicas que alteram o estilo de vida e fortalecem o ideal da modernidade naquela região e naquela época, outrora favorecidos pelos antigos Caminhos Velho e Novo da Estrada Real. Os momentos registrados pela fotografia revelam a alteração do espaço urbano, promovem cenários através dos cartões-postais, indicando e fortalecendo o papel central dos municípios de Barbacena, São João del-Rei e de Lavras na rede urbana.

A reprodução do capital nesses territórios engloba os meios de produção, a exploração do trabalho, as condições econômicas, políticas e culturais locais, desde suas origens, permanecendo ao longo do processo de urbanização do século XIX e início do XX, desvelados pela produção fotográfica selecionada. O que se evidencia é a construção social em registros da paisagem urbana, denotando o cotidiano de Barbacena e de São

João del-Rei, com também por meio de reproduções fotográficas encontradas em jornais antigos selecionados sobre Lavras. Esses registros se destacam por evidenciarem a manutenção da divisão social entre brancos e negros nos espaços urbanos das cidades, corroborando e perpetuando a narrativa racista naquele contexto.

Outro produto desta investigação, mencionado anteriormente, é um Catálogo (Acesso [hyperlink](#) no Anexo, p. 126) que oferece uma leitura das interconexões das fontes históricas selecionadas e organizadas sobre as produções fotográficas mencionadas neste estudo, uma espécie de detalhamento das informações sobre os fotógrafos e ou retratistas levantados- em sua maioria itinerantes - que circularam e também os que se fixaram, no território pesquisado.

Esse material direciona o estudo para uma reflexão sobre a memória e a formação de arquivos, possibilitando a conservação e a preservação desse patrimônio, além de informar sobre a história visual e a historiografia da fotografia na Mesorregião dos Campos das Vertentes, pois ao possibilitar algumas respostas sobre a região estudada, gera-se conhecimento sobre a própria história, a memória coletiva e a construção espaço-social, sobre o quanto as imagens produzidas pelos fotógrafos e/ou retratistas colaboraram para as transformações socioespaciais no passado, influenciam nosso presente e poderiam influenciar nosso futuro. Com criticidade, há a possibilidade de compreender sobre as relações humanas e as consequências de suas ações, entender como a fotografia contribui para a construção e ou a desconstrução, a organização e o funcionamento da sociedade urbana contemporânea.

Ao fundamentarmos a pesquisa nos estudos da memória (coletiva), enfatizamos sobre a sua manipulação e esquecimento, por várias maneiras e como instrumento para a produção de narrativas e discursos que se sobrepõem uns aos outros. Detectar a promoção e a expansão da circulação de determinadas ideias hegemônicas, como revisto por Pollak (1989), está entre as proposições críticas que interessam à pesquisa.

Ancorado nos estudos de Kahneman (2012), considera-se que os registros fotográficos podem evocar lembranças e ou apagamentos de narrativas, que as imagens fotográficas podem ativar lembranças, estabelecendo conexões internas e externas do sujeito com seu mundo. Assim, a memória pode ser impactada por imagens conectadas à subjetividade, estimulando o engajamento artístico-cultural cotidiano em comprometimento com urbanidades e sustentabilidades críticas, conforme ressaltado anteriormente.



*A imagem é um fenômeno na medida em que torna sensível todo um processo que combina aportes dos mais variados. Tomemos como exemplo a imagem fotográfica. A que processo combinatório ela deve sua existência? Para se moldar, precisou de um suporte: uma máquina captadora de luz, jogos de lentes, diafragma e obturador, uma placa sensível. Para se construir, precisou de uma pessoa, do seu talento, de sua maneira de observar, de pensar e de expressar o que viu, de enquadrar, de retocar, de manipular. Para emergir, ela precisou da existência do tempo, do espaço, da luz e da sombra, das cores, das linhas, dos volumes, das formas, do ambiente... Em poucas palavras, a fotografia precisou da longa história de uma “aventura” icônica. Para viver enquanto imagem, foi necessária a existência de espectador(es)...*

*(SAMAIN, 2012, p. 157)*

## **CAPÍTULO 2**

### **DEBATE TEÓRICO-METODOLÓGICO SOBRE MEMÓRIA, IMAGEM E TRANSFORMAÇÃO SOCIOESPECIAL**

Esta pesquisa buscou ancorar-se em estudos realizados em torno do valor histórico, estético, arquivístico e documental das imagens fotográficas e sua construção se fortaleceu nas interlocuções da fotografia com a Antropologia, a Sociologia, a História urbana e a História da fotografia, por meio de aproximações teórico-metodológicas, pois esta investigação consiste em entender as transformações socioespaciais e seus impactos através das imagens fotográficas produzidas por fotógrafos itinerantes que circularam e/ou se fixaram nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, municípios, atualmente, reconhecidos como polos na mesorregião do Campo das Vertentes em Minas Gerais por um período de quase cinquenta anos de existência da fotografia nessa região.

Este capítulo é, pois, a descrição de um percurso teórico-prático e metodológico cujo intuito é salientar os elementos que possibilitaram as interlocuções com as outras partes que compõem essa dissertação. Numa perspectiva didática, para apresentar esses estudos, este capítulo foi subdividido em tópicos distintos, com a exposição de termos e conceitos escolhidos, que amparam e aprofundam a discussão do tema apoiada por estudiosos específicos, que subsidiam a investigação e a produção de conhecimento.

#### **2.1 A Fotografia e as questões urbanas**

Para fundamentar este estudo, foram acionados os conceitos fundamentais de *transformações socioespaciais*, de *cidade e/ou espaço urbano* e de *redes geográficas*. A proposta de verificar as transformações socioespaciais ocorridas a partir dos fotógrafos e ou retratistas itinerantes que transitaram e/ou fixaram-se nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras ao longo dos primeiros 50 anos de existência da fotografia nessa região, pressupõe interlocuções com estudiosos que discutem as questões urbanas, que atravessam o debate sobre a formação e a existência destes territórios dentro de um



universo colonialmente concebido. Todavia, constatou-se a necessidade de se compreender particularidades da produção do espaço urbano nas pequenas e médias cidades, para uma contextualização mais próxima da realidade dos municípios da região estudada.

Dentre os pesquisadores e estudiosos da relação espaço-tempo, espaço e sociedade, relacionados nesta investigação, destacam-se Milton Santos, Ana Clara Torres Ribeiro, Ana Fani Alessandri Carlos, Henri Lefebvre, Manuel Castells, Roberto Lobato Corrêa entre outros, por suas reflexões relevantes em torno da complexidade da formação do espaço (urbano) e sua correlação com o uso e a ocupação realizados pela sociedade. Destacam-se aqui as interlocuções entre Santos e Ribeiro, ao longo da trajetória de ambos, que contribuem para compreensão de como configurar a discussão em torno do espaço-sociedade e a formação das cidades brasileiras.

A escolha do geógrafo Milton Santos para trazer a discussão do conceito das *transformações socioespaciais* se justifica pela sua percepção de que o espaço se articula e modifica-se a partir dos usos e ocupações das classes sociais nos territórios, como processo cumulativo e por camadas, ao longo do tempo. Na discussão de questões urbanas é que surgem suas concepções sobre o espaço geográfico, a paisagem, o território, a região, o lugar, a relação socioespacial, entre outras. É importante mencionar que para compreender as concepções de Milton Santos é necessário entender sua lógica sobre a relação homem e mundo, que é mediada pela execução da sua “técnica” (trabalho). Segundo o autor, "a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica" (SANTOS, 2002, p. 28-29).

Nessa perspectiva, a leitura do mundo por Santos (2002) permite conceber que o tempo e o espaço são indissociáveis, pois as “técnicas” aprimoradas em cada momento histórico transformam o meio de maneira distinta, gerando sua temporalização. O autor afirma que o espaço geográfico é o contexto do processo no qual as intenções (intencionalidade) direcionam as execuções das atividades, dado que o mundo já estaria estabelecido dentro de sua própria maneira de ser.

Esses apontamentos teóricos permitem explicar o porquê das atividades exercidas pelos fotógrafos ao longo do tempo corroborarem com e para a transformação socioespacial, concomitantemente sendo influenciadas pelos processos histórico, sócio-político, econômico e cultural desde o século XIX até a contemporaneidade, pois a fotografia é um dos instrumentos que executam a linguagem visual no sentido de

propagar narrativas e discursos desde sua criação, por ser reconhecidamente um aparato que documenta, ativa e potencializa a memória individual e/ou coletiva.

Diante da especificidade da organização do espaço, Santos ressalta que:

(...) o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 1978, p. 145).

Santos ao relacionar o uso e a ocupação do espaço pela sociedade, diz o seguinte:

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Desta maneira compreende-se que o espaço tem a organização elaborada pelo homem e, notavelmente, tende a reproduzir-se como as relações na sociedade, podendo gerar exclusões e afastamentos de pessoas ou grupos sociais na apropriação do próprio espaço. E ainda, esse espaço é uma resultante da interação coletiva com vários aspectos interferindo na sua configuração. Segundo Santos, é o espaço social que é o lugar de vivências e trabalho. Nessa perspectiva, observa-se a reprodução das desigualdades e das injustiças sociais na produção fotográfica levantada por esta pesquisa, pois pode ser observada a propagação das relações sociais, tanto retratando as elites locais, com seus valores de superioridade escravocrata ao longo do período estudado, quanto gerando esquecimento e/ou distinção no espaço imagético dos grupos sociais menos favorecidos, situação que será discutida no Capítulo 3.

É importante salientar que Santos (1978) diferencia território de espaço. Segundo o autor, "a utilização do território pelo povo cria o espaço", mesmo tendo seus limites claros, o espaço apresenta transformações ao longo do tempo. Desta maneira, o território antecede o espaço, numa articulação mais complexa com as intervenções sociais.

Nesse sentido, a geógrafa Maria Adélia de Souza, referência nos estudos sobre o pensamento de Milton Santos, sintetiza: "O território só existe quando usado, praticado" (SOUZA, 2019, p. 7). A partir dessa afirmação, é possível reconhecer o fotógrafo e/ou retratista exercendo seu ofício quando circula pelo território da região investigada produzindo imagens e documentando e retratando a sociedade e o espaço urbanos.

Retomando Santos, assim o autor concebe o espaço:

deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) **o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções** (SANTOS, 1978, p. 122). (grifo meu)

Para este autor o tempo e o espaço são indissociáveis, pois as técnicas desenvolvidas em cada período histórico transformam o meio de modo particular, permitindo sua temporalização (SANTOS, 2002). Afinal, o tempo não está dissociado do espaço, eles estão articulados, pois as atividades humanas temporalizam o espaço pelo trabalho. Esse pressuposto subsidia a pesquisa, pois os fotógrafos promoveram e propagaram os ideários da modernidade através do exercício do seu ofício, estimulando, com sua produção fotográfica, o consumo por mais imagens e colaborando não só com a reprodução dos modelos eurocêntricos de sociedade, como também moldando os olhares para as paisagens urbanas em transformação.

Concomitantemente, como já dito, na região estudada ocorria um desenvolvimento econômico que propiciava a dinamização das alterações na organização urbana das cidades pesquisadas, contexto que pode ser compreendido como o resultado do dinâmico processo econômico, político, cultural e urbano, durante o recorte temporal estudado. Assim, há pressupostos que podem ser reconhecidos no advento da fotografia como uma ferramenta (PEREIRA e NASCIMENTO, 2021), um processo técnico com múltiplas funções, um potente recurso tecnológico, estético, documental e de representação, que se transformou e transformou a forma de enxergar o mundo.

Reforça-se aqui que a fotografia tem a possibilidade de marcar o tempo no registro em si, como também no próprio aparato, que sofre várias modificações desde os primeiros daguerreótipos, passando pelas câmeras digitais e câmeras acopladas e chegando aos *smartphones* da atualidade. Ao se reconhecer que a partir das modificações dos processos fotográficos e das câmeras em si ao longo do tempo, estas permitiram não só os fotógrafos circularem no território, através da itinerância, mas de dinamizarem seu ofício e de levarem as narrativas da modernidade, interferindo no cenário da época.

Avançando no tempo, com o advento da criação das câmeras Kodak, estas tornaram-se acessíveis à manipulação pela própria sociedade da época, o que amplia a circulação das imagens (Figura 8, p. 33) e ainda causa adaptações e mudanças no ofício dos fotógrafos.

Trazendo ao debate a interlocução de Santos com a socióloga urbana Ana Clara Torres Ribeiro (2010, p.38) que caracteriza a cidade capitalista, ressaltando a alienação das forças das ideologias, o que promoveria uma experiência urbana artificial, contribuindo para amplificação do consumismo, do individualismo e da competitividade, entre outros, fatores esses que favoreceriam a diminuição das urbanidades, expandindo a segregação e as desigualdades no espaço urbano e na sociedade. Nesse sentido, a fotografia foi um dos instrumentos que contribuiu com essa experiência urbana artificial, quando gerou a possibilidade de as classes sociais obterem seus próprios retratos, antes restritos à aristocracia. Fora isso, a fotografia promoveu o consumo e perpetuou o discurso burguês, oriundo da sociedade industrial. No Brasil, reforçou valores da sociedade colonialista e escravocrata, além de aproximar o mundo através das imagens em circulação.

Ribeiro (2010) relaciona a produção de imagens com as cidades, ressaltando o fato de a expansão dos meios imagéticos ocorrerem concomitantemente ao período de aceleração do ritmo de vida urbana nas cidades capitalistas. Situação percebida nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras ao longo do período desta investigação. Como foi apontado anteriormente, a expansão econômica da região vai ao encontro do avanço da fotografia nesse território no período estudado, ocorrendo, gradativamente, um aumento do número de fotógrafos na região.

Retomando Ribeiro (2010, p.38), a autora aponta que os instrumentos (imagéticos) são utilizados pela “ação dominante” de forma contraditória, pois inibem e/ou selecionam oportunidades da “cartografia da ação” ocorrerem, no sentido de gerar “tessitura de relações sociais”. A autora ressalta a importância de se reconhecer as forças em torno da “corporificação de outros papéis, o que pressupõe passagens entre maquiagem e máscaras sociais e, também, entre fantasia e imaginários urbanos”.

Nessa perspectiva, Nascimento *et al* (2019) traz a proposta das urbanidades e da formação do espaço ocorrerem de forma distinta nos territórios.

Se há diferentes urbanidades, há também diferentes sociedades, estruturadas, organizadas e com condições distintas. Ao questionar a condição e o condicionamento, no caso espacial (CARLOS, 2011), orientamos o debate para aquilo que diz do que é próprio ao lugar, da cultura e das reproduções em termos de possibilidade de se ocupar o espaço, seja este integrado ou segregado, e ainda da temporalidade da ocupação: permanente, temporária ou efêmera, seja do ponto de vista do espaço-sociedade ou da sociedade-espaço, pois há a possibilidade de se alterar a forma, o desenho urbano, os processos, as práticas, por regras e modelos, também em termos políticos, econômicos,

administrativos, públicos, privados, democráticos, já que, por vezes, são estas também as causas de consequências em segregação, exclusão e inclusão, sociais, espaciais e urbanas. (NASCIMENTO *et al*, 2019, p. 2-3)

Desta maneira, pode-se entender a estruturação do espaço urbano, da cidade, dos lugares e dos territórios, nos quais deve-se enxergar particularidades, camadas e interconexões entre a produção do espaço e a configuração da sociedade, percebendo os processos, as práticas, regras e modelos adotados ao longo do tempo quanto ao uso e ocupação destes espaços. Consequentemente, conforme há apropriação do espaço pela sociedade, vislumbra-se seus impactos na transformação da paisagem, pois ela se materializa a partir da resultante das disputas e dos consensos nesses próprios espaços.

Na resultante das disputas, encontramos a sociedade das cidades estudadas na região do Campo das Vertentes reproduzindo os anseios do Segundo Império, atravessados pelos ideais de modernidade e progresso, como já discutido. As cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, em sua formação socioespacial, apresentam o uso e ocupação do solo, estimulados pela necessidade de mais e mais investimentos em infraestruturas para atender a essa crescente população urbana. A formação do espaço urbano reproduz o capital nesses territórios, abrangendo os meios de produção, a exploração do trabalho, as condições econômicas, políticas e culturais locais, ao longo dos seus processos de urbanização. Além de fortalecer suas centralidades, como referências regionais para as pequenas cidades do entorno.

Nesse sentido, além da atuação dos fotógrafos no território, com sua produção fotográfica para fins de retratação, representação e documentação, observa-se na manipulação da fotografia e na reprodutibilidade da imagem, essa reverberação capitalista que promove e fortalece o consumo, contribuindo com a proliferação de discursos e mantendo narrativas segregacionistas. Afinal, as primeiras imagens foram produzidas, primeiramente, no contexto do Segundo Império, ancorada numa política econômica escravocrata, além do interesse de mapear e doutrinar o país.

Nessa conjuntura, o *espaço banal*, elaborado por Milton Santos como o lugar de todos, se dissolve, pois é mais restrito devido às condições impostas pelo capitalismo, que inibe e restringe espaços comuns, por conta da reprodução da divisão e dos confrontos das classes sociais. A inibição do encontro de todos é fortalecida pela setorização em áreas distintas, reproduzida pela divisão e afastamento sociais (SANTOS, 2006).

Ribeiro (2010), com sua maneira peculiar de interpretar fenômenos que ocorrem na relação espaço e sociedade, traz a ideia de *gestos banais* na experiência urbana, em

interlocução com os pressupostos de espaço banal, elaborado por Milton Santos. Essa autora salienta a este respeito que:

(...) além de papéis e máscaras sociais, classicamente estudados pela sociologia e antropologia, torna-se relevante compreender como a aparência e o desempenho modificam cenas (contextos, lugares), recriando condições e sentidos de intervenções no cotidiano urbano. Como estímulo à reflexão dessas condições e sentidos, formulo a hipótese de que a associação entre capital simbólico e capital financeiro - que inscreve o consumo e os desejos individuais no planejamento da produção - **valoriza a aparência, como tradução imediata das máscaras sociais, modificando a sociabilidade, da mesma forma que valoriza-a na paisagem na determinação das relações sociedade-espaço e, como resultado, em estratégias que alavancam a acumulação urbana (...)** Investimentos na aparência aceleram o ritmo de vida urbana e prometem a troca voluntária de papéis e destinos sociais, impulsionando a recodificação de comportamentos que alicerça a atualização do mercado (RIBEIRO, 2010, p. 33-34)  
Grifo meu.

A partir das considerações de Ribeiro, ao entendermos a fotografia como um instrumento para a transformação socioespacial que tanto pode impulsionar processos, quanto preservar temporalidades, há um debate que traz em si, a revelação do real, que, todavia, pode ser mercantilizada, manipulada ou maquiada, para servir a interesses de uma sociedade burguesa e escravocrata que se apresenta e registra-se como referência do moderno. Desta maneira, a fotografia ao ser consumida, propaga referências e modas, atendendo aos anseios das industrializações e progressos tecnológicos de cada período. Mesmo socializando o retrato desde o século XIX para representação das diferentes classes sociais, direciona narrativas e discursos legitimados pelas ideologias vigentes em cada momento histórico.

Retomando Souza (2019), o espaço geográfico "é uma instância social, tanto quanto a economia, a cultura e a política, isto é, algo que se impõe a tudo e a todos e, que o território usado seja sua expressão histórica". A autora ainda ressalta que o espaço geográfico pode ser "entendido como espaço banal, espaço de todos, como deveria ser o território nacional de um país, o nosso território abrigo, da nossa nacionalidade" (SOUZA, 2019, p. 6-10).

É a partir dessas premissas que ocorrem associações com relação às possíveis atuações dos fotógrafos, no território estudado, ao longo do tempo, que podem possibilitar as interlocuções sobre as transformações socioespaciais no recorte temporal proposto. A produção fotográfica no primeiro século da fotografia ocorreu em torno do retrato da sociedade daquela época, e na apresentação da paisagem, que traz consigo resíduos e ecos

da relação sociedade e espaço, o que nos possibilita avaliar o quanto há de reprodução no espaço da sociedade burguesa, em detrimento dos interesses do restante da população.

Para entender não somente as *transformações socioespaciais* como também as socioculturais, apela-se à categorização de Santos, que ao elaborar o termo *formação socioespacial*, influenciado pelo materialismo histórico dialético marxista, correlaciona o às classes sociais e ao espaço que essas mesmas classes usam e ocupam. Desse modo, as *transformações socioespaciais* são as modificações que vão ocorrendo ao longo do tempo no que se refere às classes sociais de um determinado local e ao espaço que ocupam.

Para Milton Santos, “o ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço” (SANTOS, 2002, p. 38). Diz ainda:

todo aquilo que nossa visão alcança é a *paisagem*. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1988, p. 61).

Vê-se, assim, que as transformações socioespaciais articulam-se com as mudanças da paisagem, pois essas são alteradas pela sociedade, que se apropria do espaço, na dinâmica espaço-tempo, modificando-o a partir da sua visão de mundo, dos seus valores, dos seus costumes e de suas tradições em cada período histórico. A paisagem não é um conceito a ser aprofundado nesta pesquisa, todavia como ela tem relação com as transformações socioespaciais, faz-se aqui um apontamento no qual se entende que:

(as) paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX, XX e XXI, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes (MACIEL e LIMA, 2012, p. 169).

As autoras citadas, a partir da síntese sobre as abordagens que discutem a paisagem, contribuem trazendo fundamentação para essa investigação, pois apontam como as paisagens são construídas pelo atravessamento de vários aspectos que interferem na formação e visão do espaço e do mundo ao longo do tempo, conforme já argumentado por Milton Santos. Por isso, essa pesquisa busca compreender as transformações socioespaciais mediadas pela fotografia, reconhecendo que os registros produzidos pelos fotógrafos são relevantes para fazer uma leitura espaço-social, da experiência urbana e do processo de urbanização.

Entende-se que a cidade e/ou o espaço urbano, ao ser compreendido como espaço geográfico, teria extensão restrita, diferente do espaço rural ou do entorno, sendo, portanto, pertinente o conceito de *cidade e/ou de espaço urbano* que foram sendo construídos ao longo do tempo. Essa investigação ampara-se na concepção do filósofo e sociólogo marxista Henri Lefèbvre, pressupondo a categoria cidade amparada no processo de urbanização impactado pela sociedade. Ele define a cidade como a “projeção da sociedade sobre o terreno” (LEFEBVRE, 2001, p. 62). Destacando os desdobramentos do processo da urbanização superaram o da industrialização, e as cidades passaram a ser produzidas enquanto mercadorias. Lefèbvre, como também a geógrafa brasileira Ana Fani Alessandri Carlos (2008), apontam para a existência da cidade associada a área urbanizada (LENCIONI, 2008).

De acordo com Lencioni (2008, p. 118), “o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim é um modo de vida”. Percebe-se, portanto, que tanto Lefèbvre quanto o sociólogo Manuel Castells (2000) têm a mesma compreensão, pois para ambos: “o conceito de urbano está associado à sociedade capitalista industrial”.

Carlos (2007) fundamentada em Henri Lefebvre, destaca que as relações sociais são relações espaciais, inclusive apontando que o espaço é condição, meio e produto da reprodução da vida e modo de produção capitalista. Daí o espaço urbano ser produzido pelas relações econômicas, que ao ser vivenciado pela sociedade, conseqüentemente gera apropriação e transformações socioespaciais e culturais que se baseiam na reprodução desse modelo socioeconômico. A fotografia como um recurso seria também colaboradora dessa reprodução das relações socioeconômicas e culturais pelas cidades?

Os primeiros fotógrafos, conforme mencionado anteriormente, são em sua maioria itinerantes. Ao registrar e comercializar seus registros, contribuíram com a divulgação e expansão da fotografia pelo território brasileiro, inclusive nas cidades mineiras, além de levar consigo os ideários de progresso e de modernização (KOSSOY, 2002; ARRUDA 2013; 2014), eram atravessados pelas relações socioeconômicas e culturais daquele momento histórico.

Outra noção importante para construção desse estudo é o das *redes geográficas*, que permite subsidiar a compreensão da estruturação e formação urbana na mesorregião do Campo das Vertentes. Esse termo é oriundo da ideia de rede, um conceito que vem sendo discutido desde antiguidade, amplamente estudado por alguns teóricos, entre eles



Castells que salienta ser a rede “um conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 2003, p. 566). A categorização do termo *rede geográfica*, elaborado por Roberto Lobato Corrêa, na década 90, compreende a rede geográfica como “um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações” (CORRÊA, 2012, p. 107). O autor define a *rede geográfica* como “o conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxo” (CORRÊA, 2012, p. 200).

Corrêa salienta que redes geográficas são as “redes simultaneamente sociais e espaciais, constituídas por um conjunto de localizações interconectadas”(CORRÊA, 2012, p. 199). O autor ainda destaca que as redes geográficas “se estabelecem a partir de conexões materiais, culturais ou digitais, gerando informações, conhecimentos, mercadorias, valores culturais e morais, entre outros”(CORRÊA, 2012, p. 205).

Complementando tal conceituação, Walter Christaller (1966) ressalta a organização socioespacial a partir da espacialização das atividades econômicas, gerando transformação socioespacial a partir de sua influência no surgimento de interconexão, interdependência, como também sistemas produtivos que alteram o território e, conseqüentemente, uma região. As redes geográficas são instrumentos incorporados como estratégia que podem gerar outras centralidades? Se sim, como seria essa relação entre Barbacena, São João del-Rei e Lavras, em Minas Gerais?

De acordo com Carvalho (2015), a Coroa portuguesa, para administrar o território no período colonial e inibir a perda das riquezas oriundas das Minas Gerais, implantou “um modelo de organização político-administrativa-territorial - presença forte do Estado e das leis, fazendo com que a legislação antecedesse a fixação da população” (NASCIMENTO et al, 2021). Carvalho (2015, p.12) salienta que “a rede urbana da comarca resultou da fusão de três redes: a rede eclesial, a rede civil e a rede judicial”.

Carvalho (2015) afirma, ainda, que a comarca do Rio das Mortes existiu a partir de 1714 e teve como sede a vila de São João del-Rei, na capitania de São Paulo e Minas de Ouro, até abril de 1892, momento em que se tornou Comarca de São João del-Rei, devido à implementação do sistema judiciário no Brasil, logo após a Proclamação da República. Concomitantemente, no século XIX, entre 1845-1889, como já dito e sintetizado na Figura 8 (p. 33), Arruda descreve a expansão da fotografia em Minas Gerais, a partir do seu estudo e levantamento por meio da imprensa, identificando a presença dos pioneiros e itinerantes fotógrafos nas cidades estudadas (ARRUDA, 2013;

2014), que contribuíram com a divulgação da cultura visual e, conseqüentemente, com a ampliação do consumo fotográfico pela sociedade da época estudada.

Outras questões surgem no processo de compreensão da urbanização das cidades da mesorregião das Vertentes. Primeiramente, as posições de Barbacena, São João Del-Rei e Lavras como centros urbanos regionais, com particularidades socioeconômicas e político-culturais que diferem entre si, mas que se apresentam como espaços urbanos em transição: de pequenas para médias cidade e comungam de fatos históricos que as aproximam.

Portanto, para melhor compreender a formação dessas cidades estudadas, faz-se menção a Bovo *et al* (2010, p. 1): “o espaço urbano, seja em pequenas, médias ou grandes cidades, é produzido por meio da ação de diversos agentes produtores do espaço”. Dessa maneira, ao se conhecer os rastros de memória das produções fotográficas realizadas pelos fotógrafos que circularam e/ou fixaram naquele território e momento históricos, pode-se contribuir para desvelar o processo de produção do espaço, como também entender seus impactos nas transformações socioespaciais daquela época. É nesse sentido que se torna importante selecionar registros de imagens disponíveis para se verificar com mais profundidade como se estabeleceram, historicamente, essas transformações na paisagem e como se deu a representação da sociedade da época, dado que tais registros imagéticos podem corroborar para entender a urbanização da mesorregião do Campos das Vertentes. Compreender como o conteúdo de ontem pode contribuir para explicar as relações do espaço e sociedade local na atualidade possibilita entender as redes geográficas constituídas nessa região.

Entende-se ainda que este estudo possibilitaria discutir algumas questões urbanas que atravessam a formação das cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras e as suas interdependências. Ao avaliar, organizar e sistematizar um arquivo imagético sobre as três cidades, na medida do possível, facilita-se entender a produção fotográfica dos fotógrafos e ou retratistas itinerantes que circularam a região e suas colaborações na construção do imaginário local, do simbólico na sociedade, propagadas espaços-temporalmente por transformações socioespaciais.

## 2.2 A Fotografia e a discussão entre campos

Para costurar essa investigação em torno das transformações socioespaciais ocorridas e atestadas pelos registros fotográficos levantados foi necessário subsidiá-la com categorizações desenvolvidas por estudiosos da imagem. Os estudiosos que amparam a investigação em torno do significado da fotografia e suas múltiplas funções ao longo do tempo contribuem também com debates sobre os impactos da produção e circulação de imagens no território estudado.

Dentre os teóricos de base que pensam o papel da fotografia, da produção visual e seus efeitos, levantados através de revisão bibliográfica e outras consultas, destacam-se: Arlindo Machado, André Rouillé, Boris Kossoy, Georges Didi-Huberman, Gisèle Freund, Etienne Samain, Jacques Rancière, Joan Fontcuberta, John Collier Jr, José de Souza Martins, Nicholas Mirzoeff, Philippe Dubois, Regis Debray, Roland Barthes, Susan Sontag, Vilém Flusser, Walter Benjamin, entre outros.

Anteriormente à discussão do valor da antropologia e da sociologia para esse estudo, é necessário considerar que esta pesquisa sobre a fotografia busca interlocução com estudiosos que discutem a fotografia em seus vários aspectos, aproximando-se dos diferentes campos de estudo de forma inter, multi e transdisciplinar, conforme preconiza o PIPAUS - UFSJ. Acredita-se que desta maneira contribui-se com o estímulo ao diálogo entre as disciplinas, possibilitando oferecer respostas a novas questões sobre as imagens fotográficas e seus múltiplos significados, dentre eles as reflexões acerca da produção imagética que embasam a discussão sobre impactos e transformações nos recortes espacial e temporal escolhidos, abrindo interlocuções com a História da Fotografia e a História Urbana.

De acordo com os estudiosos Ipiranga (2016), Kossoy (1989) Possamai (2008), Rouillé (2009), Sontag (2004) entre outros, a fotografia tem o valor documental e o valor de memória desde sua criação, sendo um instrumento fundamental para entendimento e compreensão de dado momento sócio-histórico-cultural-político e econômico. Inclusive, Rouillé (2009) destaca que seu reconhecimento como objeto de pesquisa ocorreu a partir do século XX.

Gisèle Freund, socióloga e fotógrafa, salienta que a fotografia “(...) muda a visão das massas (...) Com a fotografia se abre uma janela para o mundo” (FREUND, 1986, p.

96). Em *Fotografia e Sociedade* (1994) a autora contribui com a discussão sobre a evolução do retrato como representação e desenvolvimento da classe burguesa, processo que fortaleceu e promoveu a expansão da fotografia e dos fotógrafos a partir do século XIX. Esse fenômeno foi percebido durante esta pesquisa, tanto em sua ocorrência na região estudada de Minas Gerais, como no período do Brasil oitocentista.

Seligmann-Silva destaca que para Walter Benjamin elaborar sua produção em torno da fotografia, ele foi impactado por publicações a partir da década de 20 e 30, que apresentavam a teoria e a história da fotografia, além de ser “impulsionado pela amiga Gisele Freund e por críticos de primeira hora da fotografia, como Louis Figuier – autor de *La photographieausalon* de 1859” (SELIGMANN-SILVA, 2012, 122).

De acordo com Seligmann-Silva a respeito de Freund sabe-se que ela:

influencia Benjamin com a ideia de que com a fotografia toda a concepção de arte modificou-se e de que a fotografia é elevada ao nível da arte na mesma medida em que ela se torna uma mercadoria, o conceito de *voyages photographiques* também impressionou **Benjamin e foi ao encontro de sua teoria, que estabelece uma relação entre o nascimento das massas e o da fotografia, ambas marcadas por uma pulsão de aproximar tudo.** Desse modo, **para Benjamin, a fotografia aproxima paisagens, monumentos e países distantes assim como as obras de arte, que antes apenas o viajante podia ver ao visitar os museus** (SELIGMANN-SILVA, 2012, 122). (grifo meu)

Benjamin é referência aqui, como também para a maioria de estudiosos da fotografia, pois a partir dele, e dizemos também de Freund, cuja importância, ainda menos conhecida, desdobrou outros debates em torno das consequências e efeitos da expansão da fotografia para a socialização da informação e do mundo através da fotojornalismo. Benjamin discute a questão da reprodução das obras de arte pelas imagens, em *A reprodutibilidade técnica*, de 1936, e teoriza sobre o advento da fotografia em *Pequena história da fotografia*, de 1931, além de outras obras.

Freund (1986) usava a sua fotografia como parte de sua crítica e prática política. Ela elaborou a obra *A fotografia como documento social* (1986), expondo reflexões a partir do nascimento da fotojornalismo e a circulação de notícias, que impactam na forma de socializar e comunicar as informações, como também na forma de perceber a sociedade, interferindo na visão de mundo. Tal prática promoveu, concomitantemente, o surgimento dos fotógrafos fotojornalistas, fato que dinamizou a reprodução de imagens, como também ampliou número de fotógrafos, associando-os à expansão da imprensa da época.

Diante da potência da fotografia, a historiadora brasileira Zita R. Possamai salienta o seguinte:

As imagens visuais são portadoras daqueles elementos que se aproximam mais do sonho, da imaginação e das sensibilidades. Moldadas pelas configurações históricas e sociais de sua produção, suas intenções ultrapassam o desejado no momento de sua elaboração pelas múltiplas possibilidades que são oferecidas pelo ato de olhar. Como representações do real, as imagens visuais constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado. (POSSAMAI, 2008, p. 254)

Essa estudiosa, como Machado (1984), Kossoy (1980; 2001), Flusser (2009) Dubois (1998), Susan Sontag (2004), Fontcuberta (2016) mais recentemente, trazem fundamentação para debates em torno da plasticidade da imagem fotográfica e o que ela possibilita por meio da revelação e da manipulação, em outros aspectos e camadas, corroborando para a compreensão dos atravessamentos que elas geram ao longo de cada tempo histórico na sociedade e em sua relação com o espaço.

Maria Inês Turazzi(1995), pesquisadora de fotografia do Brasil no século XIX, destaca a intrigante profusão e afinidade do Brasil com a fotografia desde o século XIX, fato que atraiu e produziu “fotógrafos do mais alto gabarito em grande quantidade, desde que a fotografia foi aqui introduzida no ‘fatídico’ 17 de janeiro de 1840”, dia da realização da primeira fotografia no Brasil. Ela afirma que “é difícil inferir as razões que levaram um país com as características do Brasil do século passado - imensa concentração de renda, aliada à rarefeita ocupação territorial - a atrair ou gerar tantos bons fotógrafos quanto os que por aqui atuaram”. A autora complementa, afirmando que:

( esse) enigma que persiste até o presente, quando a concentração da produção industrial e editorial nuns poucos grandes centros urbanos e nas mãos ávidas de um punhado de grupo empresariais, igualmente empenhados em aviltar salários e tarifas e oferecer as piores condições de trabalho possíveis, não permite entender por que o Brasil continua a criar mais e melhores fotógrafos a cada ano que passa do que países com condições bem mais favoráveis (TURAZZI, 1995, p. 11)

Essa autora anuncia discussões acerca da manipulação da imagem na lógica econômico-política, fazendo aflorar mudanças no comportamento social a partir da circulação das fotografias. Nesse sentido, Turazzi dialoga e complementa a abordagem oferecida por Sontag, acerca do debate social. Essas concepções dialogam com esta pesquisa, pois nos olhares sobre as cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, percebe-se o impacto dos ideários da modernidade e da busca de progresso no território da mesorregião do Campo das Vertentes reproduzidos nas fotografias catalogadas. Ao

documentar a história e criar imagens daquela época, os fotógrafos mostraram a vida cotidiana dessas comunidades, desde as vias, edificações, costumes e tradições da sociedade, com suas mudanças econômicas e tecnológicas, que transformaram o uso e ocupação do espaço urbano durante o período desta investigação.

Retomando Sontag (2004), ela argumenta que a manipulação e os avanços tecnológicos nas artes visuais, desde o século XX, permitiram às imagens promoverem uma revolução comportamental e cultural, difundindo e promovendo estilos de vida, moda, entre outros aspectos e contribuindo em muito e de diversas formas com a cultura de consumo e com os processos de homogeneização globalizada, perpetuando estas relações, socioculturalmente, no espaço produzido (PEREIRA, 2019, p. 25).

Giorgio Agamben (2009) considera a fotografia como um dispositivo e ainda sinaliza sobre as produções das imagens provenientes dos mecanismos de controle, que merecem ser estudados por desvelar contextos, narrativas e discursos específicos (PEREIRA e NASCIMENTO, 2021).

Nessa perspectiva, essa investigação consegue perceber que a fotografia arrebatou a sociedade desde o século XIX, expondo valores socioculturais e interesses daquele contexto, pela revelação de parte do real. Naquele momento, a fotografia estava nos seus primeiros passos e, gradualmente, foi chegando a várias partes do planeta, trazendo referências e aproximando o mundo (FABRIS, 1998; MAUAD, 2008) com repertórios hegemônicos e eurocêtricos, conforme argumentado anteriormente.

Inicialmente, a fotografia é um registro imagético de uma determinada realidade. De acordo com o semiólogo e filósofo francês Roland Barthes (1982) em *A mensagem fotográfica*, a fotografia é uma imagem híbrida, pois foi elaborada por um aparato tecnológico que capta a realidade, mas que desvela uma camada de mensagem histórico-cultural. Barthes (1982) e os estudiosos acima citados corroboram com essa pesquisa, ratificando teoricamente que desde a origem do advento tecnológico da fotografia, esta promoveu mudanças socioculturais e econômicas que afetaram o modo de olhar e enxergar a realidade. Com a expansão e a difusão da fotografia como documento do real, ela inseriu no cotidiano da sociedade o desejo de consumo por imagens fotográficas, o que causou mudanças de comportamento, ao mesmo tempo fortalecendo o avanço dessa tecnologia, que foi rápido e mudou profundamente a maneira de se fazer fotografia ao longo do tempo.

De acordo com Bragança (2014, p. 154), a fotografia é um processo de formação de imagem através da luz, um processo físico-químico que gera a imagem nos sais de prata sobre uma superfície. Numa abordagem próxima a de Bragança, Barthes (1984, p.121) afirma que a descoberta da sensibilização dos sais de prata à luz foi o que “permitiu captar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto diversamente iluminado”. Dessa maneira, os fotógrafos e/ ou retratistas da época estudada cumpriam seu papel de registrarem as imagens assim como de executarem a revelação, manipulando algumas técnicas.

Em *A Câmara Clara*, Barthes (1984, p.12), movido por “um desejo ontológico” e uma busca de método, concebe a fotografia como um mecanismo que produz muitos sentidos, diferente de outras produções imagéticas. O autor faz uma comparação da câmera clara com a câmera escura, em que a primeira obtém imagens por cópia direta e a segunda obtém as imagens através da reação físico-química numa dada superfície, através do efeito da luz.

Compreendendo a linguagem fotográfica, Barthes (1984, p. 42-45) desenvolve vários conceitos em torno da imagem. Dentre esses conceitos, ele destaca um *efeito de real* que a fotografia proporciona ao espectador e que rompe com a lógica da representação. Já o conceito de *studium* é a capacidade de a fotografia informar e comunicar com o sujeito espectador, possibilitando que a fotografia seja compreendida como um campo de estudo, do saber e da cultura, portanto. Barthes (1984, p. 130) afirma também que a fotografia dilui a resistência ao mito do passado, pois “o que se vê no papel é tão seguro quanto o que se toca (...). É o advento da fotografia (...) que partilha a história do mundo”.

Ao retomar a noção da fotografia como plástica e híbrida e como processo físico-químico, oriundo da luz, que registra a imagem na câmera escura, Barthes (1984) afirma que ela tem a capacidade de projetar-se como expressão estética, documental, rastro de memória e representação ao longo do tempo. A fotografia transmite códigos de informações que, segundo o autor, permitem perpetuar conjuntos ideológicos não perceptíveis, como recursos utilizados pela mídia, como estratégia de persuasão, por exemplo.

Tal pressuposto ancora, também, esta investigação ao se observarem nas imagens selecionadas os efeitos e desdobramentos da manipulação da tecnologia fotográfica em favor de narrativas e discursos que orientam a sociedade para o consumo da visualidade,

em nome de uma suposta modernidade que imperava como moduladora de progresso econômico e político, reproduzindo o desejo das elites burguesas.

Nessa mesma orientação, Monteiro (2006, p. 12) afirma que “a fotografia é uma convenção e uma linguagem que é necessário conhecer e decifrar”. Com essa multiplicidade de funções e capacidades é que se faz necessário compreender a sua potência, dinâmica e impactos no espaço e na sociedade, decifrando não apenas os aparatos e os diferentes resultados fotográficos de cada época, mas também o contexto em que foram produzidas.

Segundo o artigo de Kern e Fay (2005), anteriormente os estudos da imagem encontravam-se restritos à História da Arte e à Estética. Atualmente, no entanto, a imagem possibilitou “a constituição de novos campos de pesquisa, atrelados à Antropologia, à Comunicação e aos novos paradigmas científicos”. O campo da História da Arte tem encarado um “processo de revisão e conceitos, teorias e métodos norteadores e tem sido desafiada a repensar os processos de instauração das imagens, suas montagens e desmontagens, suas memórias e temporalidades, além de seus processos de exibição, circulação e legitimação”.

Na perspectiva de ancorar esta pesquisa nos campos que formulam debates em torno da fotografia e da imagem, busca-se construir aproximações para localizá-las nesse universo, pois os diversos campos que investigam a fotografia, para além da Arte, aproximam-na de outras disciplinas de forma inter, multi e transdisciplinar, desta maneira concebendo, estruturando e fundamentando a Cultura Visual, a Antropologia Visual, a Sociologia da Imagem, entre outras e a discussão acerca do uso das imagens como forma de produção do conhecimento tornou-se relevante, porque corrobora com a compreensão e o entendimento da complexidade do mundo moderno e contemporâneo desde o advento do surgimento da fotografia.

A evolução dos campos interdisciplinares mencionados acima e o desdobramento das suas investigações promoveram significativa produção teórica e metodológica. Segundo Gama (2020, p.83), a antropologia guarda diversos debates sobre a imagem, sendo esse campo reconhecido como antropologia visual desde meados do século XX (a partir de 1950), e também designada como antropologia da imagem, antropologia audiovisual e antropologia da imagem e do som. Segundo o autor, o campo pensa a imagem como “artefato cultural, seja como linguagem, instrumento ou método de pesquisa” e sua caracterização como “uma forma de ver o mundo e produzir



conhecimentos por meio de imagens, que se ocupa de questões éticas, metodológicas, interpessoais e de representações sociais”.

No Brasil, Etienne Samain (2006, p. 28) destaca dois fatos relevantes na discussão da Antropologia visual: a publicação do livro *Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa*, de John Collier Jr., de 1973, poucos anos depois de sua publicação nos EUA em 1967 e I Congresso de Antropologia Visual, ocorrido no Rio de Janeiro em 1987. Samain (2006, p. 115-118) argumenta que “a estética dos meios visuais não é somente a beleza, mas também a eficácia da transmissão de informação”. Ele ainda pontua que não se pode ignorar as dimensões cognitivas e comunicacionais da fotografia, pois a comunicação está relacionada com a perpetuação, a reativação e a reconfiguração da memória. As imagens nutrem essa memória, e: “é por causa delas que as culturas conseguiram nascer, viver e até morrer. As imagens são fundadoras, isto é, atraentes, necessárias e perigosas”.

Ainda no campo da questão antropológica visual, Koury (1999) ressalta que “a antropologia, mais do que as outras ciências sociais, soube valer-se da imagem de modo minucioso, buscando a precisão e ampliando, *a posteriori*, o campo etnográfico ao olhar do pesquisador”. Ele ainda destaca que “o material imagético levantado serve, sem dúvida, para ampliar consideravelmente a visão do campo cultural de uma determinada comunidade ou sociedade estudada”. Tal afirmação de Koury fortalece esta pesquisa no sentido de procurar entender a complexidade de questões que devem ser observadas pelo pesquisador ao utilizar-se da fotografia e compreender seu papel como instrumento de pesquisa, como artefato sociocultural e estético e linguagem geradora de narrativas e discursos - promovendo comunicação através do material imagético.

Koury (1999) enfatiza, ainda, que “na sociologia, o recurso às imagens como elementos de análise foi utilizado sistematicamente pelos interacionistas simbólicos, da Escola de Chicago”. Ele reforça em suas observações o papel dos registros pessoais como recurso e meio de pesquisa:

Registros pessoais — correspondências, diários e sobretudo fotografias de caráter privado — passam a ser fatores fundamentais não só para o entendimento das culturas ou populações estudadas, mas também para a compreensão de suas eventuais resistências a mudanças e de suas possibilidades de adaptação. É o caso, por exemplo, do famoso estudo de Thomas e Znaniecki (1958) sobre a migração polonesa para os Estados Unidos (KOURY, 1999, p. 22).

Assim, Koury (1999), no seu estudo de referência, possibilita entender a cultura e a organização social dos imigrantes, utilizando-se não só das histórias de vida obtidas através das narrativas destes, como também de suas próprias cartas, como artefatos por eles elaborados. É precioso para os pesquisadores qualquer caminho e todo material que possa gerar informações sócio-antropológico-históricas. No caso desta investigação a fotografia é a ferramenta (recurso) para fazer a leitura da transformação socioespacial e cultural de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, como artefato encontrado em acervos disponíveis.

Complementando a pesquisa bibliográfica mencionada, José de Souza Martins afirma que “a fotografia, na perspectiva sociológica ou antropológica, não esgota as possibilidades cognitivas nos temas cuja visualização permite”. Para ele, na análise da fotografia- mesmo que vista como documento-, deve-se considerar o seguinte:

Por trás da fotografia, mesmo aquela com intenção documental, há uma perspectiva do fotógrafo, um modo de ver que está referido às situações e significados que não são diretamente próprios daquilo que está sendo fotografado e daqueles que estão sendo fotografados, mas referido à própria e peculiar inserção do fotógrafo no mundo social. Sem contar, obviamente, as limitações propriamente técnicas da fotografia, que chegam a ter repercussões culturais duradouras (MARTINS, 2002, p. 223)

É a partir dessas considerações de Martins (2002) e na potência do estudo da produção fotográfica e nos arquivos imagéticos disponíveis, que essa pesquisa tem buscado interlocuções com diferentes áreas, especialmente no que tange às contribuições dos fotógrafos que circularam no território estudado por esta pesquisa, orientada pela Antropologia da Imagem e/ou a Sociologia da Imagem, junto ao campo historiográfico urbano e regional.

Nessa mesma linha, Kossoy propõe “um campo promissor de investigações: uma história fotográfica dos anônimos (...) porque estes representam a massa dos artesãos da imagem, jamais mencionados por qualquer história”. O autor ressalta que a pesquisa de tais fotógrafos “provoca avanços significativos tanto na área da fotografia em sua história própria, como no que toca à memória histórica e fotográfica do país (...), proporcionando novos dados para o conhecimento do passado” (KOSSOY, 2007, p. 66).

Essas considerações contribuem com a pesquisa no que tange a reconhecer e valorizar as fotografias disponíveis encontradas para esta investigação nos acervos, *lugares de memória*, com autoria ou não, daqueles que a registraram. Mesmo as fotografias de anônimos devem ser, pois, valorizadas.

Martins (2016) ressalta que “em particular na Sociologia, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento e que “nessa dialética, revelou suas próprias insuficiências”. Destaca que “é nos resíduos sociológicos desse peneiramento que está a imensa riqueza da informação visual e que estão os desafios da fotografia às ciências sociais”. E pode-se dizer também em suas repercussões nas ciências sociais aplicadas. Portanto, Martins conclui que:

tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações (MARTINS, 2016, p.11).

É notório que as narrativas, os discursos e os depoimentos sobre a fotografia são também carregados de interpretação pessoal e subjetividade e há dificuldades de se fazer pesquisas, baseando-se nos registros fotográficos espalhados nos acervos disponíveis, devido às lacunas de registros, as dificuldades de preservação e os demais apagamentos ocorridos ao longo do tempo. Esta investigação procura localizar e construir através da seleção das imagens fotográficas disponíveis, produzidas pelos fotógrafos itinerantes, nomeados e até anônimos, no recorte de 1869 a 1920 no Campo das Vertentes, por meio de um arquivo que desvela informações sobre a transformação socioespacial dessa região estudada, e comunica a necessidade de preservação da história e da cultura local, prioritariamente valorizando o material imagético encontrado, como objeto de estudo e pesquisa.

É importante salientar que a fotografia é um recurso que por muito tempo serviu de ilustração à escrita, na função complementar e secundária à linguagem escrita. Hoje, a percepção do valor da imagem como objeto e mediador em pesquisas, surge do entendimento da potência da fotografia como linguagem visual, documento, rastro de memória e representação. Por conseguinte, tem sido também explorada e investigada como instrumento teórico e metodológico na produção de conhecimento.

A produção de conhecimento na sociologia da imagem e ou na antropologia visual utilizam dos artefatos fotográficos como recurso teórico e metodológico e instrumento de pesquisa, que auxiliam na leitura e interpretações sobre os momentos históricos-sócio-culturais-políticos-econômicos dos espaços e da sociedade (PEREIRA e NASCIMENTO, 2020; 2021). E, é nessa perspectiva que esta pesquisa se baseia para a compreensão da

circulação dos fotógrafos no território e seus desdobramentos no Campo das Vertentes. É na consciência do valor da fotografia como instrumento de pesquisa que essa investigação busca entender a produção fotográfica catalogada, averiguando aspectos das transformações socioespaciais nas imagens selecionadas e analisadas, conceituando-as pela ótica de temas antropológicos e sociológicos e, quando possível, decodificando símbolos para aprofundar a análise dessas imagens, pelo filtro do relativismo cultural, i aproximando-se, inclusive, do que seria pensar por imagens (SAMAIN, 2012; 2016; MORTIMER, 2018).

Desse modo, espera-se que possam surgir informações que se desdobrem em tanto em formulações teóricas quanto em atividades práticas, gerando contribuições valiosas acerca da historiografia da fotografia, da mudança da paisagem a partir das transformações socioespaciais e das representações sociais nas cidades pesquisadas nesses primeiros 50 anos, aproximadamente, de existência da fotografia na região do Campo das Vertentes.

### **2.3 A Fotografia, a Construção Social e as Memórias**

Já se sabe que as imagens têm o potencial de desvelar a história, a representação do homem e do mundo, além de comunicar e informar, gerar discursos e narrativas de uma sociedade, independente do lugar, do espaço ou do território que ocupa. É importante compreender que para entender a produção fotográfica nos municípios de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, ao longo do século XIX e início do XX, foi necessário observar o contexto histórico, político, econômico, sociocultural não só das Minas Gerais como também do Brasil e do mundo daquela época e refletir sobre as relações entre a fotografia disponível e esse contexto sócio- histórico no qual ela se originou, através dos gêneros retrato das pessoas e de paisagem, produzidos nos primórdios das atividades fotográficas.

Para amparar essa investigação no que tange a discussão e os debates da fotografia com os estudos historiográficos e arquivísticos da produção imagética no Brasil a partir do século XIX, construiu-se uma rede de referências nacionais e internacionais que contribuem com esta dissertação.

Na consulta e revisão bibliográfica foram localizados trabalhos com amplas pesquisas sobre a fotografia e seus acervos e sobre os fotógrafos que circularam pelo Brasil desde o século XIX. Dentre esses pesquisadores e estudiosos estão Ana Maria

Mauad, Annateresa Fabris, Boris Kossoy, Gilberto Ferrez, Maria Inez Turazzi, Miriam Moreira Leite, Natalia Brizuela, Pedro Karp Vasquez, Pedro Corrêa Lago, Rubens Fernandes Junior, Rogério Pereira Arruda, Domingos Tadeu Chiarelli, Zita Rosane Possamai, além de outros. A chegada da fotografia nessas terras não foi muito distante de sua criação na França. No século XIX, o Brasil encontrava-se num contexto monárquico e o próprio D. Pedro II se tornou um dos primeiros fotógrafos e grande incentivador dessa atividade nas terras brasileiras, como já dito.

Em virtude do absorvente ofício de imperador, Dom Pedro II não teve oportunidade de se dedicar intensamente à prática da fotografia, o que não o impediu, contudo, de se tornar a figura central da fotografia brasileira oitocentista, muito em virtude da constituição da primeira grande coleção de fotografia do país, que doou a Biblioteca Nacional quando do seu banimento do Brasil (VASQUEZ, 2002, p.9).

A fotografia e sua expansão encontraram terreno fértil no Brasil. Ela ocupou um papel importante no cotidiano do império, o que dinamizou sua circulação e atraiu fotógrafos estrangeiros, propagando o ofício entre os brasileiros. Quais visões de mundo circularam pelo território? Colonialista e Eurocêntrica?

Segundo Vasquez, os primeiros fotógrafos foram itinerantes, circulando de cidade em cidade e “todos merecem ser louvados pelo papel crucial que desempenharam na fixação da fotografia no território brasileiro” (VASQUEZ, 2002, p.10).

Fazendo um parêntese, Chiarelli (2005, p.79) alerta que Academia Imperial de Belas Artes detinha o papel civilizatório para elite da época. Ele afirma o comprometimento com a:

missão civilizatória, identificada com a cultura européia (era esta a civilização a que a elite brasileira desejava dar prosseguimento no Brasil), a princípio, tornará a Academia tributária de uma visão de arte atrelada ao modelo mais conservador da produção européia, que tinha no respeito e no culto à Antigüidade clássica a sua base (CHIARELLI, 2005, p.79).

Mesmo com essa autoridade e influência sobre a arte e os artistas visuais no Brasil daquela época, “a Corte brasileira viu as primeiras participações femininas nessa nova arte em todo mundo, quando a sra. Hippolyte L'avenue exibiu daguerreótipos na exposição Geral de Belas-Artes da Academia Imperial, em 1842” (VASQUEZ, 2002, p.11).

A partir desse momento foram ampliadas as exposições de fotografia, consolidando-as e favorecendo a criação de espaços de arte, além de promover fotógrafos pioneiros. Chiarelli (2005, p. 85) recupera o texto de Victor Meirelles, um dos principais pintores brasileiros do século XIX ligados à Academia Imperial e destaca que “este escreveria sobre a presença da fotografia na ‘II Exposição Nacional’, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1866 (...) além de traçar aquela que talvez seja a primeira história da fotografia escrita no Brasil (talvez a primeira em língua portuguesa), reclamaria para a fotografia o papel de ‘importante auxiliar’, tanto para as ciências quanto para as artes”.

Boris Kossoy (1980, p. 11), também é um dos autores a apontar para os múltiplos níveis da informação e expressão artística da fotografia, ressaltando sua potência ao criar padrões culturais, propiciando mudanças e condicionamento de hábitos a partir de uma ideologia. Em suas pesquisas sobre a história da fotografia, Kossoy ressalta que esse processo “necessita para sua reconstrução não apenas das investigações específicas quanto aos componentes estruturais de sua evolução, isto é, os assuntos fotografados, os fotógrafos que participaram desta evolução e tecnologia empregada em diversos períodos” (KOSSOY, 1980, p. 9).

Ao reforçar a importância de construir o percurso da fotografia no Brasil, entende-se que a historiografia da fotografia dá pistas, revela o contexto e o cotidiano da sociedade e o uso e ocupação do espaço pelos fotógrafos ao longo do século XIX e início do XX nas cidades, especificamente, para Barbacena, São João del-Rei e Lavras foco desta pesquisa. Por conseguinte, esse levantamento historiográfico contribui com o desvelamento da construção social (da sociedade e dos fotógrafos) e da memória dos grupos sociais dessa região estudada no recorte temporal proposto. Nos dizeres do filósofo e historiador grego Heródoto, a possibilidade de olhar para o passado, possibilita entender questões no presente, que possam idealizar e contribuir com o futuro.

Para entender o processo sócio-histórico e colaborar com o entendimento das discussões em torno da formação social na região, recorreu-se ao conceito de *construção social*, que foi elaborado pelos sociólogos austro-americanos Peter Berger e Thomas Luckmann (2003). Os autores associam a compreensão dos valores, regras, normas, significados e símbolos sociais concebidos pela sociedade a partir do fazer individual ou das práticas sociais de cada um.

Em *Construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*, Berger e Luckmann (2003) argumentam que a sociedade resulta da construção social da

realidade. Segundo eles, o modo cotidiano pelo qual o indivíduo define a sociedade, percebe as ações humanas e interage com as pessoas constrói o mundo social. A percepção dos sentidos em si é moldada pelos sentidos subjetivos atribuídos a uma experiência objetivamente vivida (ALVES, 2018). Para ambos os sociólogos, a sociedade é uma produção humana e pertence à realidade subjetiva, enquanto a socialização é o processo no qual ocorre a interiorização da realidade. Assim, o homem é uma produção social e a sociedade é compreendida como um processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização cujos hábitos vão se tornando instituições e sua aceitação se tornando realidade. Dessa maneira, a realidade é apropriada e naturalizada (BERGER e LUCKMANN, 2003).

É nessa perspectiva de construção social que este estudo se fundamenta sinalizando sobre a socialização estar associada ao processo de incorporação e naturalização de hábitos no cotidiano, que se desdobram na apropriação do espaço.

Outro debate fundamental que atravessa esse estudo da fotografia é a categorização da *memória*, que se ramifica em várias frentes na produção de conhecimento como ferramenta que alicerça debates e estudos em diferentes campos. Ela é discutida por vários estudiosos, dentre eles alguns que refletiram sobre a memória coletiva e ou social. Essa temática sobre a memória é vasta e se desdobra em vários caminhos na produção de conhecimento, que valem outros estudos futuros.

Além da reflexão sobre a memória coletiva e/ou social evoca-se o conceito de *lugar de memória*. E, no repertório nacional sobre esses *lugares de memória*, há o papel dos arquivos, objetos relacionais a serem reconhecidos neste estudo cujos estudiosos Castriota (2011), Mortimer (2020), Lacerda (2013), Mauricio Abreu (1998), entre outros se destacam.

A construção desta investigação busca entender o fenômeno social da fotografia, como ela se articula à ideia de memória coletiva e/ou memória social e a construção social. Sabe-se que a memória individual dialoga com a memória social ou coletiva e vice-versa, sendo uma operação influenciada pelo meio e contexto no qual o sujeito está inserido, conservando determinadas informações. Na tentativa de trazer fundamentos para o debate em torno da memória coletiva e/ou social, é importante reconhecer o processo da memória e os desdobramentos dos seus estudos.

Ao procurar entender como os registros fotográficos podem gerar lembranças e ou apagamentos de narrativas, ancoramos nossos estudos em Kahneman (2012) que

afirma que as imagens fotográficas podem ativar as lembranças, estabelecendo conexões internas e externas do sujeito com seu mundo. Assim, a memória pode ser impactada por imagens conectadas à subjetividade, estimulando, portanto, o engajamento artístico-cultural no cotidiano em comprometimento com urbanidades e sustentabilidades críticas.

Mourão e Faria (2015, p.780) destacam que a memória é “a capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e evocar informações”. Já na historiografia, Jacques Le Goff argumenta que:

Memória é o fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência de escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/ presente), produz diversos tipos de documentos/momentos; que escreve a história e acumula objetos (LE GOFF, 1990, p. 366).

Le Goff destaca, ainda, que a memória tem a propriedade de conservar certas informações, “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p.366), e é desta maneira compreendida em áreas como a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia, a psiquiatria, entre outras. Segundo ele, o termo memória tem uma multiplicidade de significados nas ciências, dentre elas, a história e a antropologia, que se ocupam mais com a memória coletiva ou social do que com a memória individual.

Neste estudo o conceito de *memória coletiva*, cunhado por Maurice Halbwachs, é importante como base, pois compreende o processo de reconstrução do passado vivido e experienciado por grupos sociais. A escolha pelo sociólogo francês da escola durkheimiana, Maurice Halbwachs, discípulo do filósofo Henri Bergson, que estuda a memória, deve-se por sua contribuição à psicologia e a outros campos (CORDEIRO, 2021, p 257).

Halbwachs foi o pioneiro na discussão que ressalta a *memória coletiva* como fenômeno de recordação e localização das lembranças, que assume que para ela ser compreendida e analisada deve-se considerar os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória (HALBWACHS, 1990). Tal pressuposto é relevante para esta investigação, pois traz a importância de contextualizar o momento histórico-social-político-cultural-econômico que a sociedade das cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras estavam vivenciando uma dada realidade, no intuito de



registrar processos atravessados no cotidiano do espaço urbano e que orientam, na atualidade, a construção da memória coletiva dentro do recorte temporal investigado.

Halbwachs argumenta que, a partir da compreensão de “memória coletiva”, ela deixa de ter apenas a dimensão individual, pois as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, já que “nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social” (Silva, 2016, p. 247). Desta maneira, a imagem do registro fotográfico atuaria como ponto inicial da memória, “sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado” (CIAVATTA, 2002, p. 32). E ainda segundo ele, a *memória coletiva* é a memória sempre estruturada pelo sujeito na sua vivência e interação social, sendo seu foco nas relações entre memória individual e coletiva, bem como sua relação com o espaço, o tempo e com a história. Há importantes debates teóricos e interlocutores de Halbwachs que desdobram estudos em torno da memória coletiva em vários campos do conhecimento, gerando produções interdisciplinares, tais como o pensamento do historiador francês Pierre Nora (1993, p.12).

A respeito da produção da memória, buscou-se o conceito de *lugar de memória*: “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos (NORA, 1993). A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”. Nora (1993) contribui e avança nos debates sobre a memória coletiva de Halbwachs (1990).

Retomando Le Goff (1990) trazemos duas manifestações significativas da memória coletiva, relativas ao período relacionado a esse estudo:

encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida a Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. (...) **O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.** (LE GOFF, 1990, p.401-402) grifo meu

Os fenômenos de memória coletiva mencionados acima servem à lembrança social, pois marcam o momento histórico, fazendo-o reverberar ao longo do tempo e a fotografia é importante instrumento para a recordação, ela corrobora com a reconstrução da memória individual e social, sendo capaz de registrar momentos, pessoas e locais que nunca mais existirão. Desta maneira, “a fotografia funciona nas nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada. Lembranças de um momento

carregado de conteúdos simbólicos significativos” (MONEGO e GUARNIERI, 2013, p. 74).

Dias (201, p.124) ao mencionar que a memória e o esquecimento estão ligados e um complementa o outro, ampara-se em Halbwachs (1990), Nora (1993) e Michael Pollak (1989): “havendo um crescente reconhecimento do valor da memória coletiva para estudo da sociedade e os grupos sociais distintos, pois as pessoas se mantêm relativamente unidas por suas lembranças”. Sobre a memória vivenciada em comum, mesmo com as diferenças entre os sujeitos, o autor afirma que “preservam a identidade do grupo social e da sociedade”. Assim, é coerente pensar que elas corroboram com a perpetuação da construção social. E a construção social, atravessada pela fotografia, contribuiria para uma seleção de determinadas memórias e outros esquecimentos?

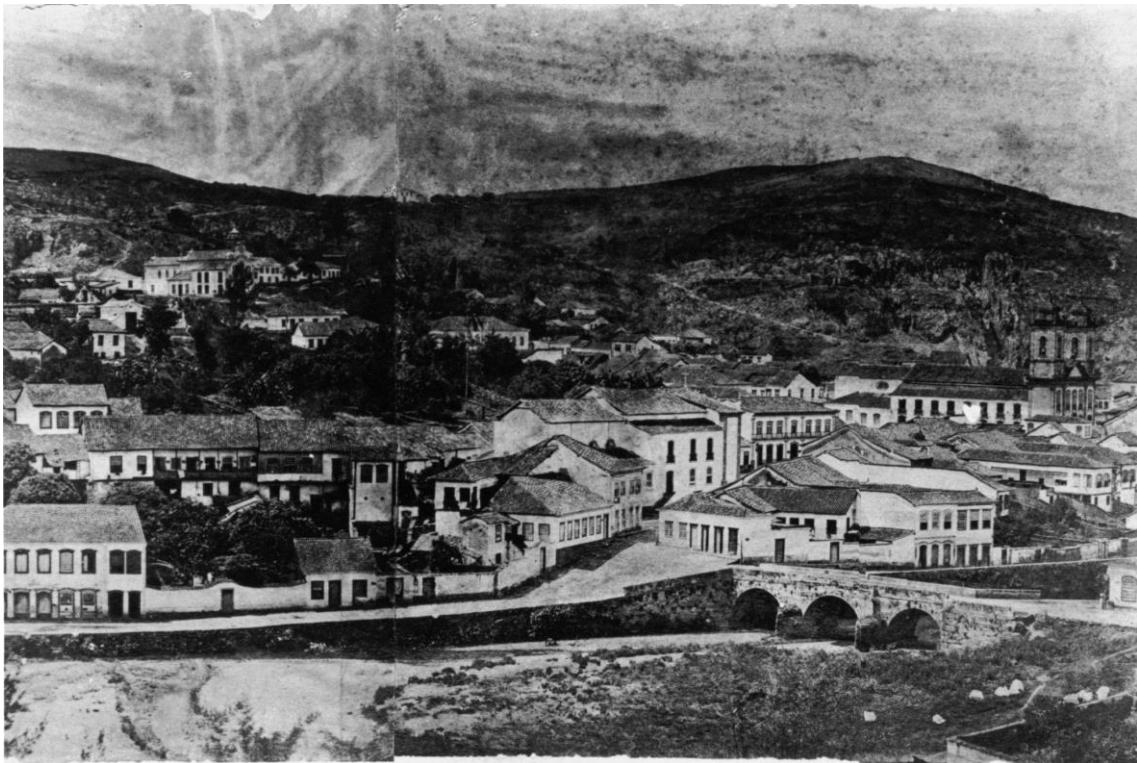
Paul Ricoeur (2007, p. 200-201) assinala que há uma profunda afinidade entre o rastro deixado e a tradição transmitida e recebida. Myrian Sepulveda Santos (2012) argumenta que a memória nem sempre se associa a movimentos “positivos”, ela pode estar atrelada a questões de coerções, de exclusões e da propagação de controle social. Outros estudiosos alertam para manipulação da memória e do esquecimento, dentre seus vários aspectos e significados, tornando-se um instrumento para a criação e justificativa de determinados discursos e narrativas que se sobrepõem a outros. Assim, pode-se expandir narrativas, entendê-las, legitimando a circulação de determinadas ideias hegemônicas, que perpetua os ideais da classe dominante por toda a sociedade. Quando se enquadra e registra pessoa(s) e paisagem(s), o entorno não é revelado, porém não deixou de existir, mas poderá ser esquecido ou invisibilizado pelo processo da produção fotográfica. Consequentemente, não será reconhecido e ativado pela memória tanto individual e/ou coletiva.

Sendo assim, esta investigação se justifica pela emergência, na contemporaneidade, de se pensar o papel da fotografia nas pesquisas, com reverberações na construção social, impactos nas transformações socioespaciais (local), influências na preservação da memória coletiva, compreensão sobre os *lugares de memória*, no recorte temporal e região estudados.

Os séculos XIX e XX, e agora o XXI, estão caracterizados por profundas e intensas transformações tecnológicas que impactam a sociedade e sua apropriação do espaço. A fotografia, como artefato tecnológico, instrumento artístico-cultural e rastro de memória, veio atravessando e corroborando para a consolidação dessas mudanças na

sociedade e no espaço. Conseqüentemente, ela gerou uma emergência de questões em torno da relação dialética entre memória e esquecimento, em particular, por sua influência na representação, como também na perpetuação de discursos e narrativas hegemônicas, além de possibilitar recordações ou apagamentos da história.

Desta maneira, buscando entender as imagens fotográficas, os acervos disponíveis e os arquivos existentes sobre a região do Campo das Vertentes, diante dos iminentes riscos de apagamento da história e de processos das transformações socioespaciais, reiteramos as ideias de NORA (1993) e Ricoeur (2003), ratificando a necessidade da memória não ser apagada ou perdida por completo. É necessário, pois, que a memória seja preservada em *lugares de memória*, garantida em narrativas críticas e por meio da história e da historiografia. Avançamos na discussão dos *lugares de memória* no Capítulo 4.



*Pensamos a (cidade) como espaço, lugar ou região concebida pelo homem, tanto em sua materialidade física quanto afetiva e emocional, como aquela que faz sentido para cada indivíduo e suas ações. Se não faz sentido em nenhuma dessas dimensões então não é cidade, não pode haver ação e nem tampouco (arte).*

*(Nascimento, 2009, p. 4)*

### **CAPÍTULO 3**

#### **FOTOGRAFIA E CENTRALIDADE: IMAGENS E FOTÓGRAFOS NO CAMPO DAS VERTENTES**

Desde a invenção da fotografia no século XIX, ela foi amplamente divulgada e assimilada, se constituindo como importante recurso para representar a realidade, além de, paralelamente, desenvolver uma poética e uma estética que afeta e é afetada a partir do gesto e olhar do fotógrafo, da qualidade da composição e da luz.

Neste capítulo há aprofundamento da discussão em torno do objeto de pesquisa, o qual consiste em compreender o levantamento das fotografias encontradas produzidas pelos fotógrafos e ou retratistas que circulavam precisamente nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, nos primeiros 50 anos da fotografia nessa região, que colaboraram com as transformações socioespaciais e culturais na Microrregião das Vertentes, em Minas Gerais.

Para aprofundar as discussões em torno das transformações socioespaciais, como também as culturais, neste capítulo foram selecionados alguns registros dentre os levantados ao longo deste estudo, que elucidam sobre a paisagem urbana das cidades estudadas. Este material levantado pela pesquisa apresenta o uso e a ocupação do espaço urbano, trazendo evidências do cotidiano, dos eventos que mobilizam a sociedade local para o espaço público, direcionando os olhares para as edificações e equipamentos urbanos localizados nas regiões centrais, valorizando as avenidas, ruas e praças, neste contexto, priorizando evidenciar os investimentos públicos e privados neste território. Estas imagens reproduzem os ideais da modernidade, costumes, valores e tradições da época, ressaltando a fixação da força e poder do capital, por outro lado, deflagrando a presença das desigualdades sociais, reprodução da segregação racial, naturalizada pelo contexto escravagista da época.

No intuito de fundamentar essa discussão, articulam-se debates com os estudiosos brasileiros abaixo relacionados, que apresentam subsídios para ajudar entender a complexa teia de circunstâncias e elementos que influenciaram o cotidiano dos fotógrafos e/ou retratistas, como o exercício do seu ofício, impactando no olhar sobre a realidade do contexto sócio-histórico-político-econômico-cultural da época.

Com o advento da expansão fotográfica ao longo do mundo, surgem desdobramentos culturais, estéticos, além de mudanças sociais e econômicas significativas, que alteram também a relação da sociedade com o espaço-tempo (NASCIMENTO, 2009). O fotógrafo é o mediador, ele é o sujeito da ação, que elabora e registra a paisagem e a sociedade da época. Ele traz os detalhes desse urbano em formação. Tal produção fotográfica é um recurso que possibilita aprofundar o conhecimento e desvelar a evolução socioespacial, devido seu valor como rastro de memória, documental, arquivístico e artístico.

O estudo desses fotógrafos e/ ou retratista que chegaram a esse território realizando seu ofício, produzindo e/ ou reproduzindo olhares para a sociedade dessa época é uma estratégia metodológica para compreender o uso, a ocupação e as transformações socioespaciais a partir de registros produzidos via imagem fotográfica do espaço urbano da região delimitada, pelas cidades polo de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, no percurso escolhido e descrito no Capítulo 1.

Como se sabe, historicamente, Barbacena, São João del-Rei e Lavras, com suas especificidades e centralidades, têm papel importante na construção da rede urbana mineira, como também brasileira, já que esses municípios detinham forte comercialização e fornecimento de mercadorias diversas à Corte, vide capítulo de apresentação. É nesse contexto do desenvolvimento econômico, fortalecido pelos corredores de exportação na região, com caminhos e trajetos (NASCIMENTO *et al.*, 2021) cada vez mais estruturados ao longo do tempo, devido à complexa rede de ligação comercial estabelecida entre os municípios estudados, que chegam e circulam os primeiros fotógrafos nesse território, oferecendo seu ofício e trazendo subsídios documentais fundamentais para esta pesquisa.

Os pioneiros da fotografia, prioritariamente itinerantes, vindos de vários lugares, ao expandirem suas atividades nessa região trouxeram mais que a produção e a comercialização de retratos, propiciaram a fotografia ser assimilada como documento da realidade e ser consumida como elemento de uma modernidade em implantação, pois ela chega impregnada pelos anseios burgueses ainda colonizatórios, de característica escravocrata, num contexto sob efeito da industrialização e crescimento das cidades, conforme observado no processo desta pesquisa.

Para entender a chegada dos pioneiros da fotografia na região estudada, é importante levar em consideração os apontamentos abaixo, elaborados pelos estudiosos

da fotografia, que corroboram com o debate e a reflexão sobre os impactos da produção fotográfica na transformação socioespacial e cultural nesse território estudado.

Segundo Kossoy (1980, p. 11) a fotografia é objeto de estudos e “análises sociológicas, semiológicas, psicológicas”, pois abrange múltiplos níveis junto à sociedade, “criando padrões culturais, modificando e condicionando hábitos do homem segundo uma ideologia” através dos discursos e narrativas elaborados para serem incorporados e divulgados pelos meios de comunicação de massa.

Para Mauad (2008, p. 129) a fotografia oitocentista se divide em duas tipologias: “panoramas e vistas e o retrato”. Sendo “os panoramas e vistas (...) considerados fotos públicas, completamente voltadas para paisagens urbanas e rurais”. Ela destaca que os registros da paisagem “guardam uma estreita relação com o panorama da pintura, em termos de opções estéticas, tais como: distribuição equilibrada dos volumes, dos claros e escuros e opção pelo enquadramento central e horizontal”.

De acordo com Rogério Arruda (2013, p.15), tal qual em outras partes do mundo, aqui também os processos fotográficos são anunciadores de uma das expressões da “modernidade industrial capitalista, à produção em série e em massa de produtos, à crescente demanda por representação por meio de imagens”. E, “a questão principal em jogo: a produção de imagens com alto grau de semelhança com a realidade, através dos meios mecânicos, que pudesse proporcionar difusão em larga escala”.

Retomando Kossoy (2001, p. 26-27) a imagem fotográfica iniciou “um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe (...). Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes”. Nesse mesmo sentido, Fabris (1991, p. 12) lembra que uma parcela significativa da população era analfabeta, fator que incentivou a informação visual devido a fins políticos e econômicos, acelerando as modalidades e ritmos de produção de imagem resultante do processo industrial da época que foi determinante, pela “maioridade da imagem impressa”, o qual estabelece “uma diferença crescente entre as modalidades e os ritmos de produção de imagens e aqueles dos bens materiais”. Portanto, devido a essa expansão a produção de imagens, “vê-se obrigada a pautar-se por novos requisitos: exatidão, rapidez de execução, baixo custo, reprodutibilidade”. Segundo esse autor, há três momentos fundamentais no aperfeiçoamento fotográfico- “três etapas nucleares da complexa relação da fotografia com a sociedade do século XIX”. A primeira etapa

“estende-se de 1839 aos anos 50, quando o interesse pela fotografia se restringe a pequeno número de amadores, provenientes das classes abastadas”. A segunda etapa “corresponde à descoberta do cartão de visita fotográfico (*carte de visite photographique*), por Disdéri” em 1854, que socializa a fotografia, barateando-a e colocando-a ao alcance de muitos, “conferindo à fotografia uma dimensão industrial”. Já a terceira etapa, surge por volta de 1880, “é o momento da massificação, quando a fotografia se torna um fenômeno prevalentemente comercial, sem deixar a pretensão a ser considerada arte”. E para diferenciar a fotografia artística da fotografia corriqueira, “não hesita em renegar as especificidades do meio, lançando mão de uma série de técnicas como goma bicromatada e o bromóleo, que garantem resultados semelhantes ao pastel e à água-forte”.

Para Brasil (2011, p.39) essa “invenção de Disdéri adquiriu tamanha popularidade que desde então o modelo de retrato burguês se perpetuou”. Para ela os “estereótipos sociais estariam ligados ao anseio da burguesia, que era a maior consumidora de retratos na virada do século XIX para o XX, em apropriar-se da realidade”. Portanto, para essa autora, a burguesia tinha a necessidade de possuir, “de trazer para si o objeto, dominando e controlando o mundo palpável e visível”, pois “essas são características dessa camada social que naquele momento vê nos retratos e cartões de visita o modo de autorepresentação”.

Historicamente, a fotografia carrega e retrata o real, a realidade idealizada, tanto para o indivíduo, como para um grupo familiar e para a sociedade. Nesse sentido, Pinheiro (2011) ressalta que a “idealização do espaço, da raça e gênero, da morte são alguns exemplos aos quais se pode acrescentar a estratificação social”, e essa postura sempre esteve presente nos registros fotográficos.

Desde seu início a fotografia apresentou-se prioritariamente urbana, consumida ao longo do mundo como um recurso de registrar um dado momento, paisagem ou pessoas. Sua capacidade plástica e artística veio aprimorando-se com novas formas e criações elaboradas pelos fotógrafos, inclusive como arte aplicada. Interessante observar que ela não abandonou seus vínculos com a arte, já que navega também como um instrumento de trabalho para fins comerciais.

Particularmente no Brasil, segundo Brizuela (2012, p. 18) “o Segundo Império (1840-89) utilizou a fotografia para complementar seu projeto de construir uma ‘imagem geográfica’ e desenvolver um sentimento nacional”. Ela ressalta que “a reciprocidade entre o desenvolvimento cultural do Segundo Império sob o governo de D. Pedro II e a



chegada e consolidação da fotografia no Brasil” e com “o uso imperial da fotografia de paisagem, como meio de apropriação e visualização do espaço, ajudou-se a definir um inédito ‘Atlas do Brasil’ para o moderno Estado-nação”. Retomando Fabris (1991, p.20), ela ressalta que a partir da popularização do retrato, com o advento do *carte de visite*, como mencionado acima, este se adapta às condições econômicas e ao gosto da clientela. Enquanto, a “elite social continua a privilegiar o daguerreótipo até à década de 60 e passa a preferir em seguida a fotografia pintada, que garante ‘a fidelidade da fotografia’ e ‘a inteligência do artista’.”

A autora (*Ibidem*) salienta que os ateliês de fotografia passam a adotar os aparatos teatrais, conforme Disdéri utilizava na sua produção fotográfica, com “o cliente de corpo inteiro e o cerca de artifícios teatrais que definem seu *status*, longe do indivíduo e perto da máscara social, numa paródia da auto-representação em que se fundem o realismo essencial da fotografia e a idealização intelectual do modelo”. Os recursos para tais efeitos eram “telões pintados com decorações exóticas e barroquizantes, colunas, mesas, cadeiras, poltronas, tripés, tapetes, peles, flores, planejamentos, para criar imagens de opulência e de dignidade”.

Fabris (1991, p. 21) pontua ainda que esse "truque não consegue disfarçar as diferenças sociais. O pobre travestido de rico não se caracteriza apenas por uma pose demasiado rígida. Trai seu acanhamento na timidez com que não lhe servem, muito justas ou muito largas”. Outra situação é que “havia fotógrafos que forneciam a seus clientes vestes descosturadas nas costas para que se ajustassem a todo tipo de talhe”. E continua a autora afirmando que até 1880,

havia uma distinção entre fotógrafos amadores, fotógrafos profissionais e pesquisadores provenientes dos campos da óptica e da química, interessados em melhorias técnicas, o fenômeno da massificação cria novas categorias. No II Congresso Fotográfico Italiano (Florença, 1899) torna-se patente a existência da seguinte estrutura de mercado: 1-artista fotógrafos (...) artista, mantêm altos preços; (...) 2- fotógrafos propriamente ditos, procuram (...) sem luxo dos primeiros, manter elevado o seu prestígio (...); 3 - artífices fotógrafos, profissionais de baixo nível, muitas vezes itinerantes, cujos preços eram módicos; 4- amadores.

Particularmente em Minas Gerais, como no interior do Brasil, a expansão da fotografia ocorreu prioritariamente através da itinerância dos fotógrafos e/ou retratistas, conforme sinalizado anteriormente (KOSSOY, 2002; ARRUDA; 2013). De acordo com Arruda (2017, p.271) “geralmente, eles se estabeleciam em uma capital, uma cidade de maior importância econômica ou cidade portuária de onde partiam em viagens para assim ampliar suas oportunidades de trabalho”. O estudioso menciona “grande número de

fotógrafos que percorreram as montanhas e caminhos sinuosos da região em busca de novos clientes”. Em sua pesquisa, ele levantou, por meio da imprensa da época, as informações sobre os deslocamentos, as cidades escolhidas para realização das atividades fotográficas, o tipo de serviço realizado e seus preços.

Por outro lado, há fatores que dificultam a localização da produção fotográfica da época. Fernandes Jr. et Lago (2000, p. 9) alertam que boa parte da produção fotográfica no Brasil do século XIX foi destruída e mencionam a dificuldade de se encontrarem registros em boa qualidade, de haver disputa pelos colecionadores pelas boas fotografias, e ainda que os grandes museus só expõem “as imagens das quais possuem tiragens originais (*vintage prints*) em excelente estado e de grande nitidez”. Uma outra questão ressaltada por esses estudiosos (2000, p. 106) é que a produção fotográfica de Minas Gerais é bastante escassa, “sobretudo se comparada às atividades dos fotógrafos em grandes centros”.

Dentre os fatores que podem ter corroborado para tal situação, Arruda (2013, p.24-25) ressalta as dificuldades dos fotógrafos ao realizarem a itinerância na Minas Gerais daquela época, pois havia dificuldades no trânsito entre as cidades mineiras, ao “montar e desmontar o *atelier* fotográfico” em “cada local visitado e enfrentar as dificuldades das estradas e caminhos”. Entende-se que esta questão foi atenuada quando se iniciou a implantação do transporte ferroviário em 1869, todavia devido à “reduzida abrangência da ferrovia e sua lenta implantação, eles tiveram que se deslocar pelos caminhos antigos, usando as mulas e carruagens” (ARRUDA, 2013, p.24-25). Outra situação apresentada por este pesquisador é que o fotógrafo preferia um roteiro que incluísse as cidades servidas pela ferrovia, o que tornaria a viagem mais proveitosa, além de sintonizada com a modernidade do novo meio de transporte.

Nesse sentido, Barbacena, São João del-Rei e Lavras podem ter sido, posteriormente, beneficiadas pelo transporte ferroviário, podendo ser este um dos fatores que contribuíram para que os fotógrafos circulassem mais nessas e entre essas cidades, após a implantação da ferrovia Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) que foi inaugurada, inicialmente, em Barbacena em 1880.

Na Figura 8 (p. 34) é também apresentada a sinalização desses marcos temporais nessas três cidades estudadas da Mesorregião do Campo das Vertentes, o que permite entender esse processo da itinerância dos fotógrafos reconhecidos até então e da mesma forma presumir sua expansão e a circulação, como fixação nesse território.

Arruda (2013, p.25) ainda salienta que ao observar o processo dessa expansão da fotografia em MG em sua relação com a expansão da ferrovia, há particularidades que deflagraram a realidade mineira, pois “se a fotografia representava um ícone da modernidade, ela teve que se expandir em Minas Gerais usando os meios de transporte tradicionais”.

Conforme as câmeras foram tornando-se mais compactas, houve mais facilidade de deslocamento, conseqüentemente ampliou-se a expansão e aplicabilidade das imagens no cotidiano junto a sociedade, como diz Arruda (2013, p. 27) “a população queria ter seu retrato, que desejava o registro de algum momento significativo de suas vidas”.

Segundo Hollanda (2012, p. 02) ao longo do tempo a fotografia foi empregada por “ideologias políticas, religiosas, socioculturais, além daquelas puramente estéticas”. A autora continua o debate afirmando que desde o seu surgimento no século XIX, a fotografia “proporcionou registros visuais com vistas à memória social das sociedades, aos conflitos de guerra pela fotojornalismo, à pesquisa científica cujas experimentações comprovaram-se pelas evidências imagéticas e a criação artísticas”, estimulada “pelas experimentações expressas por distintas linguagens e estilos artísticos”.

Ratificando que os estudiosos acima e outros auxiliam, a compreender a complexa teia de questões que interdependem e atravessam a produção iconográfica, prioritariamente, os avanços e a expansão da produção fotográfica daqueles fotógrafos no cenário sócio-político-econômico e cultural da época. A fotografia tornou-se um recurso estético e aparato tecnológico que, simultaneamente, idealiza e socializa a representação da paisagem, como estimula e molda a sociedade retratada da época numa lógica consumista em conformidade com estímulos do capitalismo industrial.

Concomitantemente, a fotografia aproxima mundos, povos, dita modas e redireciona a cultura para a valorização e disseminação do discurso e das narrativas através da visualidade, além de povoar imaginários e realizar operações simbólicas sobre a modernidade, consolidando a ideia e aspirações políticas e progressistas a partir dos avanços tecnológicos oitocentistas.

Ao longo do tempo, a fotografia além de documento foi sendo compreendida como memória para sociedade, tornando-se um importante instrumento para pesquisas históricas, sociológicas e antropológicas. Deste modo, torna-se uma estratégica ferramenta metodológica para vários campos do conhecimento, dentre eles a Antropologia da Imagem ou Antropologia Visual e da Imagem, ramos da Antropologia

Cultural, além de fonte de estudos para a Sociologia da Fotografia e da Imagem, conforme indicado no capítulo anterior.

Retomando Martins (2008) a Sociologia e a Antropologia baseiam-se na fotografia como um dos suportes metodológicos para a investigação científica, pois a fotografia tem a potência de estimular pensamentos e reflexões ao desvelar camadas de informações através da imagem, possibilitando compreender rastros da humanidade.

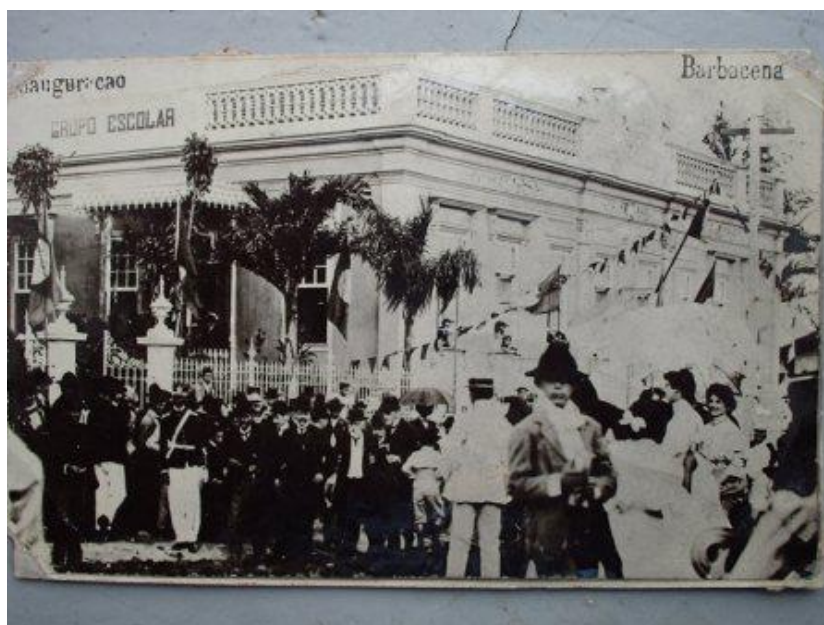
Para Sandra Campos (1996, p.280), também da área da Antropologia Visual, a “imagem pode ser uma peça fundamental enquanto fonte primária de pesquisa científica, capaz de evidenciar a diversidade social em seu contexto histórico e cultural”.

Nesse sentido, os registros imagéticos tornaram-se também um recurso para as pesquisas na Arquitetura, Urbanismo e no Planejamento Urbano e Regional nas últimas décadas, trazendo contribuições, discussões, conhecimento e apropriações do estudo da relação espaço e sociedade.

Nesses campos disciplinares há contribuições do arquiteto e fotógrafo Boris Kossoy (2001; 2002), estudioso da história e da sociologia da imagem, uma das referências base desta pesquisa, que salienta a importância de conhecer e ter criticidade metodológica na utilização de imagens para se compreender a reconstituição histórica, pois as fotografias são documentos ancorados nas percepções e contextos do fotógrafo.

Ancorado nessas considerações tanto históricas, sociológicas quanto antropológicas, é perceptível dentre as imagens selecionadas para esta pesquisa, visualizar o processo de urbanização, como veremos adiante (Vide catálogo no Anexo). Dentre os registros de paisagem e os retratos levantados para essa investigação, respectivamente, há os usos e as transformações ocorridas no espaço público, como também é perceptível a ocupação do espaço privado, pois a fotografia é um elemento decorativo e consumido pela sociedade retratada.

Ao retratar a paisagem urbana, os fotógrafos realizaram registros fotográficos variados de regiões das cidades em ângulos distintos. O material levantado pela pesquisa apresenta em especial, visadas do espaço urbano, trazendo aspectos do cotidiano, assim como de eventos que mobilizam a sociedade local para o espaço público (Vide Figura 11 abaixo). Os mesmos registros trazem em suas camadas de informação a reprodução dos ideais da modernidade, costumes, valores e tradições da época através daquilo que estava sendo retratado da região pesquisada.



**Figura 11:** Chegada de convidados e autoridades na festa inaugural do “Grupo Escolar Bias Fortes - S/autoria - Data: 09 de fevereiro de 1908 (Fonte: Domínio Público, encontrada no arquivo de Waldir Damasceno e Coleção particular do historiador Jorge Arnaldo do Nascimento).

Mesmo que essa pesquisa não adentre no detalhamento de análises nesta dissertação, conforme orienta Mauad (2005), a proposição pode ser alcançada em futuros desdobramentos desta investigação.

Nesse momento, baseia-se em estudos de Possamai (2008, p. 260), de forma comparativa, pode-se perceber dentre os registros selecionados para ilustração da discussão nesse capítulo, entre os fragmentos fotográficos levantados por essa investigação, que são os motivos fotografados prioritariamente das áreas centrais das cidades, e em menor número das imagens estão visadas dos bairros, regiões periféricas e rurais.

São valorizados, também, os registros das edificações e equipamentos urbanos localizados nessas regiões centrais, como também as avenidas, ruas e praças, revelando que os registros estavam voltados para os “maiores investimentos públicos e privados (Vide as Figuras 12, 13 e 14 abaixo), seja na implementação das reformas viárias” que estavam alterando o espaço urbano, inclusive com a implantação da ferrovia na região (Vide as Figuras 15, 16 e 17 abaixo), o bonde e barco a vapor no caso de Lavras (Vide a Figuras 18, 19, 20 e 21 abaixo), entre outras.

Os registros abaixo elencados denotam valores e sentidos voltados para a modernidade, evidenciando o avanço tecnológico nas cidades estudadas. A dinâmica

fotografada remete à ideia de “cartão de visitas” ou “cartão postal”, conforme mencionado anteriormente, de imagens de valorização do tipo de desenho urbano que enaltece as transformações espaciais que estimulam a convergência de olhares e interesses para área central das cidades e suas novas infraestruturas, equipamentos e atrações.



**Figura 12:** Vista externa da Igreja de São Francisco de Assis na cidade de São João del-Rei (MG) - Foto: Raimundo Alves Pinto - Ano:1900 – 1910 (Fonte: Arquivo Público Mineiro - Minas Gerais, Notação: NCS-151)

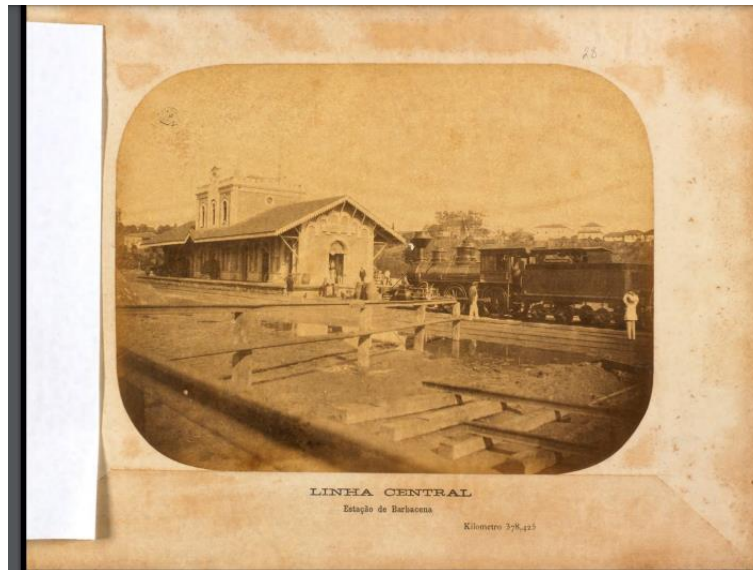


**Figura 13:** Estabelecimento Comercial de Marçal de Souza e Oliveira na cidade de São João del-Rei (MG) - Foto: Raimundo Alves Pinto - Ano: 1900 -1910  
(Fonte: Arquivo Público Mineiro - Minas Gerais, Notação: NCS-150)



**Figura 14:** “Cidade de Lavras. Um trecho da Rua Direita em que se destaca o palacete do Dr. Aureliano Botelho” - Foto: Roberto Mende - Ano: 1900 -1910  
(Fonte: Arquivo Público Mineiro - Minas Gerais, Notação: NCS-103)





**Figura 15:** A estação de Barbacena, a original - S/autoria - Ano: 1881 - Coleção de 44 vistas *photográficas* da Estrada de Ferro Pedro 2º, 1881 (Fonte: Biblioteca Nacional)

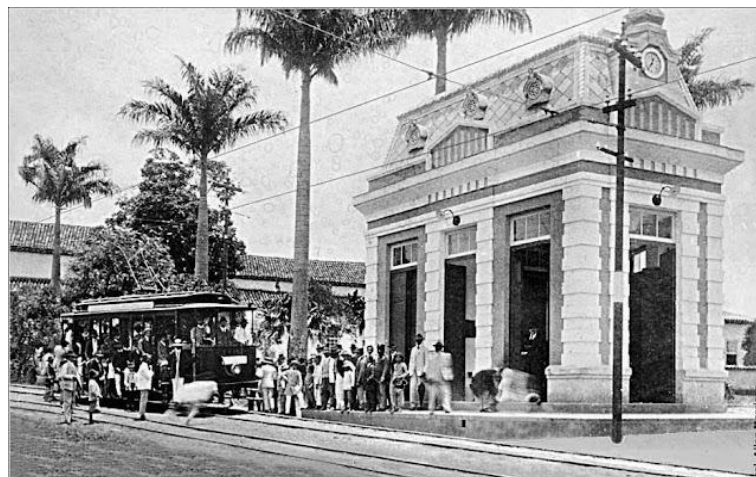


**Figura 16:** Registro estação ferroviária de Barbacena - S/autoria - Ano: 1880-1900 (Fonte: Domínio Público, encontrada no arquivo de Waldir Damasceno e Coleção particular do historiador Jorge Arnaldo do Nascimento).





**Figura 17:** Registro estação ferroviária de Barbacena - Ano: 1906  
(Fonte: Domínio Público, encontrada no arquivo de Waldir Damasceno)

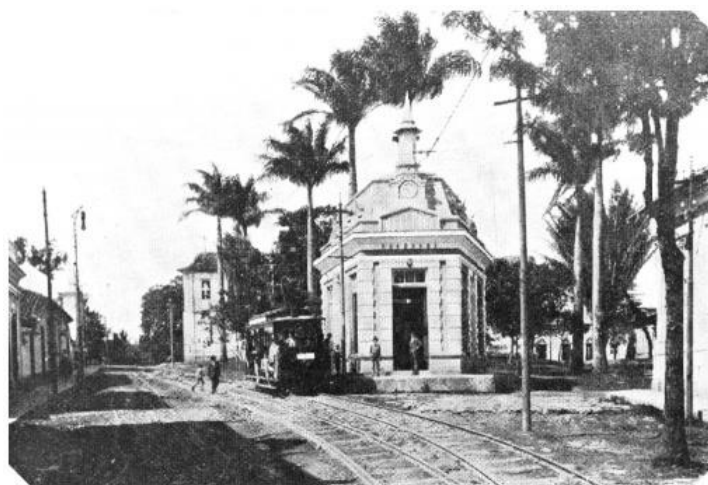


**Figura 18:** Registro da inauguração do bonde elétrico em Lavras no dia 21 de outubro de 1911.  
“Uma elaborada estação feita de granito para o embarque no bonde foi construída na Praça Barão de Lavras, no centro da cidade”. (Fonte: "Os Bondes de Lavras", por Allen Morrison - Tradução de Geovani Németh-Torres de 2014 e Revista do Patrimônio Cultural de Lavras 1(1) 2020).



A antiga estação do bonde (1911). Ficava à Praça Barão de Lavras, entre a Rua Sant'Ana e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A estação e a própria praça foram suprimidas em 1942, para a construção de uma agência bancária.

**Figura 19:** Bonde elétrico em Lavras - Foto: S/Autoria - Ano: 1911 (Fonte: Revista do Patrimônio Cultural de Lavras 1(1) 2020).



**Figura 20:** Bonde elétrico em Lavras - Foto: S/Autoria - Ano: 1911 (Fonte: O Jornal de Lavras. Há 102 anos era inaugurado o serviço de bonde em Lavras . Publicada em: 20/10/2013)



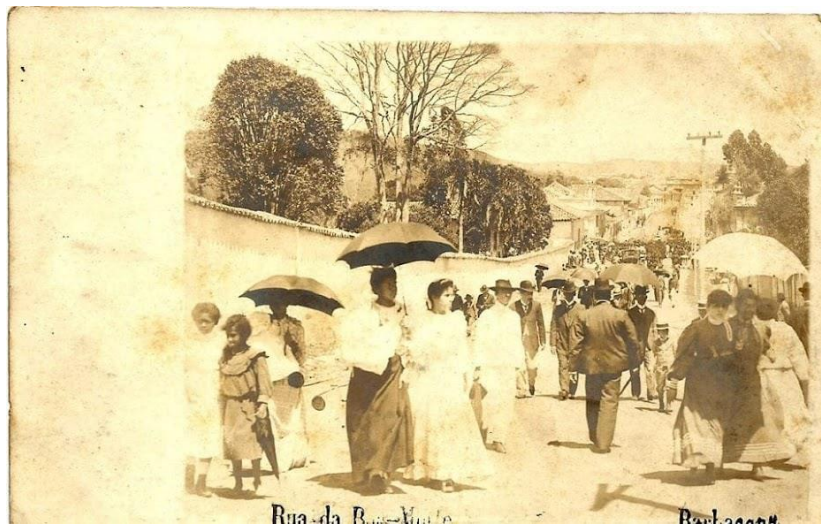
**Acervo: Museu Bi Moreira - UFLA.**

**Figura 21:** O vapor Dr. Jorge - Foto: S/Autoria - Ano: 1881? (Fonte: Németh-Torres, Geovani. imagem da revista semanal carioca *O Malho*. Blog História de Lavras)

Os registros fotográficos catalogados nesta pesquisa são reconhecidos como rastros deixados não somente como memória das cidades estudadas como também percepções e olhares dos fotógrafos que percorreram essa região, pois as imagens são fonte de informação.

Ao observar as produções fotográficas selecionadas, depara-se com uma seleção de registros de paisagens e retratos da sociedade local. As fotografias de paisagem mostram recortes das cidades estudadas, descrevendo o uso e ocupação do espaço urbano, além de apresentar o cotidiano desse território, conforme mencionado.

Os registros fotográficos nessa investigação são documentos, cujas fontes históricas desvelam parte das transformações socioespaciais, bem como a memória coletiva das cidades estudadas, ressaltando a fixação da força e poder do capital, atestando a presença das desigualdades sociais e da segregação racial, naturalizada pelo contexto escravagista da época (Vide figura 22 abaixo), já que as pessoas negras aparecem associadas ao mundo do trabalho e destituídas de bens, representados como sujeitos sem sapatos (vide figura 23 abaixo) ou em diferentes planos, marcando a distinção social (Vide Figura 24 abaixo) com, por exemplo, flagrantes de reprodução da posição servil, entre outros aspectos.



**Figura 22:** Rua da Boa Morte em Barbacena (MG) - S/autoria - S/d  
(Fonte: Arquivo Pessoal Waldir Damasceno de Barbacena (MG))



**Figura 23:** “Chico Sapateiro, um dos primeiros africanos chegados a São João Nepomuceno de Lavras” -  
S/autoria - Ano: 1900 (Fonte: Blog História de Lavras. Geovani Németh-Torres,  
postado em 11/05/2015 - *O Malho*, 10 de junho de 1905)





**Figura 24:** Estabelecimento Comercial na cidade de São João del-Rei (MG) - Foto: Andre Bello - Ano: 1907 (Fonte: Arquivo Público Mineiro - Minas Gerais, Notação: NCS-149)

Outra revelação desta pesquisa é a restrição ou a invisibilidade de mulheres no espaço público, como já enunciado. A figura feminina aparece ocasionalmente nos registros e, na maioria das vezes, está associada à figura masculina, a uma acompanhante ou a alguma criança, fazendo alusão ao ideal “de família” (Vide Figuras 25 e 26 abaixo).



**Figura 25:** Tradicional família Raso de Barbacena (MG) - Foto: Cícero C. O. Penna - S/D  
(Fonte: Arquivo Pessoal Waldir Damasceno de Barbacena (MG))



Rua XV De Novembro - 1915

**Figura 26:** Em primeiro plano, mulher acompanhada de homem e criança. S/Autoria - Ano: 1915  
(Fonte: Arquivo Pessoal Waldir Damasceno de Barbacena (MG))

As circunstâncias registradas são atravessadas e arraigadas na concepção eurocêntrica como referência sociocultural que impacta o Novo Mundo desde a sua “criação”, em várias dimensões, manifestações e facetas da colonização.

Esse espírito europeizado influencia o processo fotográfico em vários aspectos, já que os fotógrafos tinham a Europa como referência de registro e como espaços com aspectos urbanizados, considerando-se que a invenção da fotografia ocorreu na França

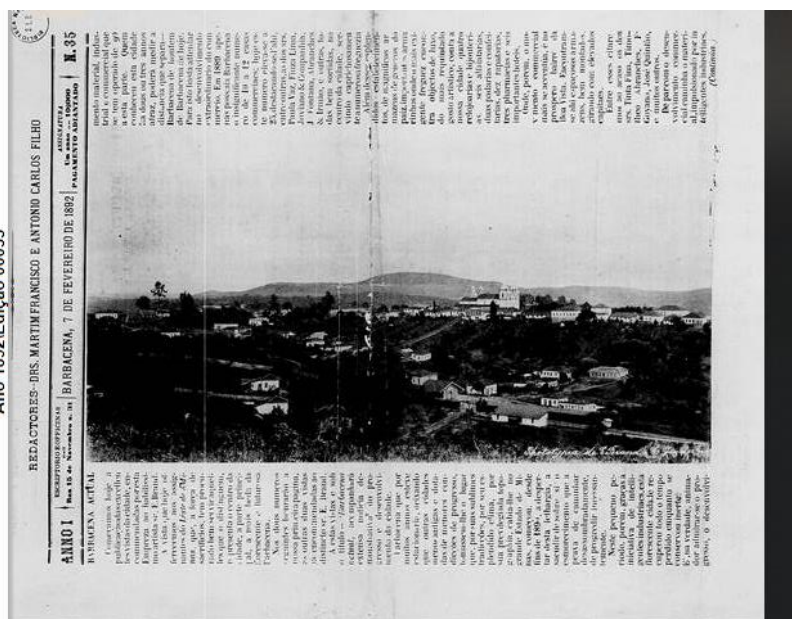
em 1816. Posteriormente, os desdobramentos tecnológicos advindos da Europa promoveram avanços nos processos fotográficos e ampliaram significativamente a produção fotográfica em curto espaço de tempo.

No Brasil, os fotógrafos estrangeiros colaboraram com o advento e a expansão da fotografia, muitos deles fixando-se no país, em busca de novos mercados ou como refugiados, por razões políticas ou econômicas (IMS, 2020). Esse movimento dos fotógrafos proporcionou a “migração de experiências técnicas e estéticas”, favorecendo a transferência de conhecimento e a construção do imaginário de modernidade, que ao longo do tempo afetou os modos e estilo de vida da sociedade, impactando a percepção e a relação com o espaço urbano.

Esses fotógrafos iniciaram deslocamentos no território brasileiro, inclusive circulando e também fixando-se pelo interior do país, enquanto, gradualmente, foram ampliando seu ofício entre os brasileiros (Vide Figura 27 e 28 abaixo).



**Figura 27:** Panorâmica de São João del-Rei - Foto: André Bello - Ano: 1910 (Fonte: Acervo Museu Regional de São João del-Rei)



**Figura 28:** Panorâmica do centro de Barbacena - Foto: Ehrhard Brand - Ano: 1892 (Fonte: *O Leste de Minas. Barbacena, 07/02/1892, n. 35. e n.36 - Biblioteca Nacional*)

A cultura e o trato profissional reproduzidos pelos fotógrafos se amparam no olhar eurocêntrico, que determina a manipulação de aparatos tecnológicos e os valores que são repassados no contato com a sociedade por onde passam e anunciam seus serviços.

Ao reproduzir estilo e técnica já pré-definidos na produção fotográfica, essa geração de fotógrafos perpetua a forma de olhar, de retratar as pessoas, de documentar e fazer o registro da realidade das cidades encontradas em suas itinerâncias, dentro dos moldes assimilados, promovendo a expansão de imaginários. Entende-se que há uma contribuição dos fotógrafos na construção do olhar de realidades que, naquele momento, estavam permeadas pelos ideários da modernidade e das inovações tecnológicas, desdobramento do contexto socioeconômico e avanços industriais. Esse processo garante e estimula o capital, prioritariamente consumido e difundido pelas elites burguesas, que reproduzem seus valores.

Ratificando ao observar o fenômeno da modernização do ato fotográfico ao longo do processo histórico de consolidação da fotografia nas cidades Barbacena, São João del-Rei e Lavras, tal qual ela foi e vem sendo usada como linguagem visual, essa pesquisa busca contribuir com a produção de conhecimento interdisciplinar e transdisciplinar, devido aos cruzamentos por vários campos do conhecimento, como observado nesta investigação. O desvelamento das complexidades imagética e fotográfica contribuem para o reconhecimento das camadas de informações atravessadas pela História Urbana, História da Fotografia, da Arte, da Antropologia Visual e da Sociologia da Imagem.

A fotografia molda os olhares, como gera percepções, direciona usos e ocupação do espaço pela sociedade. Os registros coletados das cidades centrais da Mesorregião do Campo das Vertentes contribuem para o entendimento das transformações urbanas ocorridas ao longo do período investigado. Paralelamente, contribui com o desvelar de processos, com a formação da memória da região, permitindo a reflexão crítica sobre as dimensões sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas e psicológicas, inclusive sendo capaz de comprometer e engajar criticamente outros processos futuros de transformação do e no espaço social.

A fotografia promove a visibilidade ao construir uma visão da cidade moderna, da mesma forma, também estimula o esquecimento de como foi a cidade colonial, ainda que haja elementos de outras épocas presentes nas imagens estudadas, pois elas foram se tornando modernas em alguns aspectos (POSSAMAI, 2008). Em Minas Gerais, principalmente as cidades com núcleos e/ou elementos barrocos, tais como Barbacena,



São João del-Rei, predominantemente e menos em Lavras, seus espaços urbanos não são tão modernizados, pois há destacados elementos barrocos preservados.

A pesquisa possibilita conhecer fenômenos relativos às ocupações socioespaciais nas cidades estudadas estabelecendo relações entre a construção social e a formação espaço-territorial por meio das imagens, analisando a estruturação da memória coletiva, e a percepção de como essa linguagem produzida por fotógrafos e ou retratistas contribui no entendimento estético e crítico na promoção da urbanização e de urbanidades ao longo do período investigado.



*Descobrir o tempo da imagem, o tempo na imagem. Falar do tempo plural presente na imagem, em todas as imagens quando, fortes e firmes, nos colocam em relação com elas, quando, humanas, nos convocam a olhar nossa história e nosso destino como sendo este tempo heterogêneo composto de passado, de presente e de futuro*

(SAMAIN, 2012, p. 153).

## CAPÍTULO 4

### E POR FALAR EM *LUGAR DE MEMÓRIA*

Como já apresentado anteriormente a pesquisa localizou arquivos e acervos fotográficos que são rastros de memória, que contribuem para o debate da importância do uso da produção fotográfica para a construção de conhecimento sobre o Campo das Vertentes. Esses locais, que armazenam as imagens, são fontes históricas para essa investigação, pois trouxeram informações para além das encontradas em publicações escritas. As camadas de informações nos registros fotográficos corroboram para se observar as várias situações socioculturais e econômicas, tais como as já relacionadas no capítulo anterior e que permitem entender diferenças e desigualdades nos grupos sociais, refletir sobre a transformação urbana das cidades, quer dizer, desvelar questões que atravessavam o cotidiano e contexto histórico no território investigado.

Essas fotografias, artefatos das fontes históricas encontradas, propiciam acrescentar novas considerações sobre a história dessas cidades investigadas, conseqüentemente, da Mesorregião do Campo da Vertentes. Nesse sentido, Canabarro (2008) destaca que a partir da leitura dos elementos que compõem a fotografia, “entende-se com mais detalhe o caráter simbólico, expresso por diversos sistemas de atitudes relacionadas às representações sociais”. Ele quer dizer que “as imagens fotográficas revelam alguns elementos importantes para o conhecimento da memória coletiva”. Neste sentido, como também sinalizado no Capítulo II, Le Goff observou a potência da fotografia para ativar e mudar a memória. E, quanto à memória coletiva, Canabarro (2008) ainda destaca a capacidade de multiplicá-la e democratizá-la, “dando uma precisão e uma verdade que permite guardar a memória do tempo e da evolução da sociedade”.

Halbwachs (1990), por sua vez, argumenta que a memória é influenciada pela cultura e que as lembranças são fortalecidas quando compartilhadas com outras pessoas e a construção da memória se dá pelas trocas entre os sujeitos através da linguagem (BOSI, 1987). Desta maneira, o papel da fotografia levantada para essa pesquisa é uma importante ferramenta para ativar e preservar as memórias coletivas e/ou sociais. Os registros fotográficos arquivados são um meio para transmitir memórias e atividades que estão associadas com elas, permitindo que as pessoas revivam e compartilhem momentos do passado, sendo também poderosa para ativar reflexões e trazer novas percepções para

a memória coletiva , favorecendo a produção de conhecimento em vários campos disciplinares.

Ancorado no conceito de memória coletiva, cunhado por Halbwachs, Pierre Nora concebe os *lugares de memória* como lugares onde a memória coletiva ancora e pode ser assimilada.

Desta maneira esse estudo busca através das produções fotográficas selecionadas e do reconhecimento dos fotógrafos e/ou retratistas itinerantes, mais os anônimos que circularam e/ ou fixaram no território da Mesorregião do Campo das Vertentes discutir e refletir o valor da fotografia na construção da memória coletiva. Esse processo acontece a partir da valorização dos arquivos e acervos encontrados como fontes históricas para essa e futuras investigações, para produção de conhecimento e como *lugares de memória*.

Nesse sentido, os arquivos e acervos das produções fotográficas encontrados ao longo desta investigação são um recurso valioso para a preservação da memória coletiva, que podem contribuir para a preservação do patrimônio e da história, pois os estudos desses *lugares de memória* da produção fotográfica permitem que as pessoas conheçam melhor o passado, compreendam melhor os eventos e a história que foram registrados nas imagens. Estes estudos permitem, ainda, que as pessoas vejam como as se viveu no passado, bem como concebam o ambiente e o contexto em que as imagens foram criadas, conforme foram sinalizados ao longo desta dissertação. Além disso, ao se analisar esses documentos históricos, é possível ter uma compreensão melhor da transformação socioespacial e cultural que ocorreram na Mesorregião do Campo das Vertentes, além de se entender que a memória é dinâmica e, portanto, capaz de suscitar novas narrativas. Ao explorar tais arquivos e os acervos disponíveis ocorreu a experiência mais completa e significativa de aprender sobre o passado desse território.

As imagens encontradas nas redes sociais em formato de arquivos digitais (artefatos), independentemente de sua organização e acúmulos, anunciam a preocupação, a valorização e a salvaguarda desses *lugares de memória*, além da socialização e compartilhamento desse material.

É importante salientar que não se trata de se estabelecer aqui uma discussão sobre o valor do arquivo físico e/ou do arquivo digital, ambos têm seu valor na perpetuação e manutenção de documentos, salvaguardando as informações para posteridade, apesar de cada formato ter suas vantagens e desvantagens. Esses tipos de arquivamento são estrategicamente complementares e revelam diferentes espacialidades, o real e o virtual.

No que tange ao arquivamento digital, ele apresenta a possibilidade de gerar mais socialização e difusão do acervo, amplificando seu campo de ação na dinâmica de manter circulando a informação sobre seu conteúdo na internet. Desta maneira, há a preservação dos acervos; pois é criada cópia de segurança, por consequência, ele restringe e preserva material original (CASTRIOTA et ANGELO, 2011, p. 159). Portanto, as tecnologias digitais atualmente estão cercadas de incentivos que endossam o uso e ocupação dos espaços através das tecnologias digitais para construção e acessar acervos, promovendo atualização de tempos passados, contemporâneo (CASTRIOTA et ANGELO, 2011, p. 158).

É necessário reconhecer os arquivos como *lugares de memória*, material e espaço para a investigação da região estudada, dado que revelam rastros de memória que essa pesquisa busca compreender, a partir das diferentes dimensões da fotografia. Nesse sentido, Júnia Mortimer aponta algumas evidências a esse respeito:

As poéticas de arquivo como práticas urbanas, conforme defendo, almejam perfurar malhas históricas constituídas em torno da técnica e do cotidiano e apresentam uma outra cidade. Os gestos de pesquisa evidenciam, nos arranjos visuais criados, a dimensão cotidiana e ordinária da vida urbana e esgarçam a trama que associou patrimônio, monumento e nação (...). (MORTIMER, 2020, p. 4)

Essa autora propõe outros fazeres na constituição de acervos urbanos, que podem resultar como novos olhares e temas em torno dos arquivos, que desvelariam a cidade para além da história oficial, a partir de um processo que possibilite extrair outras informações relacionadas à vida urbana e ao cotidiano na cidade. Consequentemente esse movimento é um novo *patrimônio* para além dos monumentos rígidos, é outra maneira de explorar, de “dar a ver práticas cotidianas de cidade” (MORTIMER, 2020, p. 5).

Lacerda (2013, p. 55-56), outra estudiosa a reconhecer e considerar o papel dos arquivos pessoais, assim como Mortimer (2020), afirma que “os arquivos constituem uma das áreas na quais a fotografia se encontra presente de forma sistemática em nossa sociedade”. Ela concebe as imagens como “formas de registro de ação e de informação”, sendo essa produção imagética “portadora de ‘materialidade’ e de ‘recursos de expressão’ distintos daqueles que caracterizaram os diferentes registros presentes na massa documental acumulada ao longo dos séculos - calcados na forma verbal”.

Quanto à tratativa dos documentos fotográficos produzidos e acumulados Lacerda elucida que eles são:

provenientes de atividades institucionais ou relacionadas a funções exercidas no domínio mais privado de uma trajetória de vida pessoal - têm sua própria 'economia', sua racionalidade de produção, devendo se investigar, nesse contexto de origem, as razões da sua gênese. Do ponto de vista do tratamento arquivístico, esse é o momento mais significativo da vida do documento, aquele capaz de lançar luz sobre as razões e sentidos dos registros (LACERDA, 2013, p.56).

Desta maneira, a pesquisa reconhece os arquivos já institucionalizados e consagrados, todavia tem encontrado imagens em arquivos pessoais e coletivos físicos ou digitalizados, organizados na internet, por interesses comuns, conforme mencionado no Capítulo I. Esse material arquivado dentro de características e lógicas próprias, pode ser considerado como acervos disponíveis para futuras investigações e como pistas para a compreensão das transformações socioespaciais dentro dos recortes desse estudo.

Lacerda ressalta, ainda, que “na bibliografia sobre arquivos fotográficos, de modo geral, poucos trabalhos se detêm sobre sua natureza e constituição nos domínios público e privado”. A pesquisadora afirma que a maior parte dos estudos giram “em torno de regras e métodos de tratamento técnico, ou sobre a conservação e preservação desses registros”. Ela destaca que até o momento atual, há debates em torno das fotografias serem “consideradas documentos de arquivos” (LACERDA, 2013, p.56).

Na perspectiva de entender a geração de arquivos e o colecionar fotografia, que é um processo que nasceu quase junto com advento da fotografia, estimulando a perpetuação e rastro dessa memória ao longo do tempo. Nesse sentido, Possamai (2007) assinala que “de todo o repertório de imagens criado pelo homem moderno, sem dúvida, a fotografia é a que mais propicia a prática do colecionismo”, primeiro, porque pode ser copiada em suportes de custo baixo, propiciando acesso como objeto de coleção e, segundo, porque “o próprio exercício fotográfico, ao fazer surgir uma quantidade inesgotável de imagens acaba por criar coleções”. Portanto, devido a essas características, a estudiosa ressalta que “a fotografia engendrou coleções, sejam aquelas sobre acontecimentos restritos a um pequeno grupo de pessoas, como são os retratos de família, sejam aquelas sobre mundos distantes, como são as fotografias de viagens e as vistas urbanas” (POSSAMAI, 2007, p 53-54).

Possamai ainda destaca sobre a estruturação das coleções de imagens fotográficas

(...), quando de sua invenção, a fotografia ao ser percebida como registro fidedigno da realidade cumpriu muito adequadamente uma das funções mais importantes da coleção, ou seja, tornar visível aquilo que era, até então, invisível. (...) As fotografias foram tidas como pedaços da realidade. Colecioná-las, nesse sentido, significava colecionar também esses pedaços de mundo. (...) Assim como a imagem fotográfica é elaborada pelo seu autor, o fotógrafo, de acordo com sua visão de mundo e conforme as concepções de

toda ordem que o norteiam, da mesma maneira opera-se com a reunião de imagens selecionadas pelo autor do álbum. Deve-se ressaltar que o autor, nesse caso, e diferentemente do ato fotográfico que é executado única e exclusivamente apenas por um indivíduo, pode ser uma ou várias pessoas, uma instituição, um grupo, uma família (POSSAMAI, 2007, p 54).

A pesquisadora traz questões que ancoram a compressão de elementos históricos e subjetivo que motivaram a elaboração de arquivos e/ou coleções de fotografias. Pontos que subsidiam esta pesquisa reconhecer, na contemporaneidade, o valor do arquivo físico e/ou do arquivo digital, como sinalizado acima, pois ambos têm seu valor na perpetuação e manutenção de documentos, os quais além de salvaguardar as informações para posteridade, como *lugares de memória*, possibilitam ativar a memória coletiva, propiciando pertencimentos além de gerar novas narrativas. Independentemente do meio de salvaguarda, destacam-se os esforços de todos atores, individuais ou coletivos, no passado e no presente, que proporcionaram e proporcionam a estruturação de arquivos e/ou coleções, que representam em diferentes espacialidades a valorização das imagens fotográficas como rastro de memória e história da sociedade e do espaço.

Dando continuidade, Possamai (2007) salienta que

A fotografia, assim concebida e utilizada, opera na construção de memórias na modernidade, substituindo formas convencionais que se ancoravam nas trocas de experiências interpessoais. Sendo seletiva, tal como a memória, opera com a trama do lembrar e do esquecer. Ao jogar o enquadramento sobre um pedaço do real, o que fica no interior deste é tido como memória, confundindo-se com o próprio passado, enquanto o que ficou de fora poderia ser concebido como o esquecimento e, por isso, não mais levado em conta (POSSAMAI, 2007, p 59).

A relação apontada pela estudiosa entre a fotografia e a construção de memórias ao longo do tempo, proporciona compreender a operação existente entre as lembranças ativadas a partir de uma imagem e ainda refletir sobre a questão de pensar que aquilo não enquadrado pelo fotógrafo para além do fragmento da fotografia pode ser alvo de esquecimento, que dizer, vai expressar “um conflito latente entre o visível e o invisível”(POSSAMAI, 2007). Ela correlaciona a produção de vistas urbanas como memória urbana a partir do advento da fotografia, pois

Da mesma maneira ocorre com as vistas urbanas, largamente concebidas como a memória urbana resgatada pela fotografia. Memória em fragmentos, reminiscências dispersas, lembranças em frangalhos que obedecem tão somente ao olhar daquele que esteve por trás da objetiva. Permanecem apenas como restos que, por algum descuido, não sumiram na poeira do tempo. O álbum de vistas urbanas, ao reunir esses fragmentos segundo uma ordenação lógica concebida pelo seu autor, funciona, assim, como coleção desses restos da cidade, elaborada para permanecer como memória de um tempo preciso que

lançou sua marca no espaço ali presente em imagem (POSSAMAI, 2007, p 59).

Os álbuns de vistas urbanas de Possamai, que comparativamente, neste estudo são os arquivos disponíveis com os registros do espaço urbano, como também os retratos da sociedade, demonstram os olhares dos fotógrafos e/ou retratistas que circulavam pelo território na época estudada. Sendo esse material selecionado capaz de trazer indícios da memória coletiva sobre a urbanização da região, e ainda desvelar rastros das cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras em *lugares de memória*.

Ao observar todo o material levantado pela pesquisa nos arquivos disponíveis dessa região, é possível reconhecer que as imagens fotográficas dão visibilidade a indivíduos e/ou grupos sociais cujos comportamentos são socialmente desejados, “retirando da cena urbana aqueles sujeitos e situações que se desejava invisíveis” (POSSAMAI, 2007, p 73).

Os arquivos e acervos fotográficos podem ser considerados como locais de memória. Ao examiná-los, as pessoas podem aprender mais sobre o passado e se conectar melhor com ele, permitindo que eles preservem essas memórias por meio de sua própria experiência. Estes *lugares de memória* também podem servir como ferramentas para educar as pessoas sobre a história e a cultura, favorecendo que elas entendam melhor o passado e desenvolvam uma maior consciência sobre o presente.

Portanto, esses espaços que estimulam a memória são espaços físicos e/ou simbólicos, especialmente significativos por, de alguma maneira, promoverem ou ainda religarem experiências com as cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, empreendendo uma cartografia simbólica da região do Campo das Vertentes.





*A fotografia sempre me espanta, com um espanto que dura  
e se renova, inesgotavelmente.*

*(...)*

*No fundo a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba  
ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa.*

*(Roland Barthes)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se com esta pesquisa, que os conceitos trabalhados ao longo da dissertação, tais como a *transformação socioespacial*, a *cidade* e/ou o *espaço urbano*, principalmente a *memória coletiva* e seus arranjos, a *construção social*, as *redes geográficas* e posteriormente os *lugares de memória*, foram decisivos para essa investigação, pois tiveram a potência de articular com a arte, a urbanidade e a sustentabilidade que são as bases e os escopos no Programa do PIPAUS.

A construção social e a memória coletiva da sociedade da época estudada sinalizam as características e os contrastes socioespaciais, inclusive, nelas interferindo. Baseado nessas prerrogativas, esses conceitos, acima mencionados, foram pertinentes para fundamentar a investigação dessa pesquisa, pois estavam atrelados à discussão e aos debates com a urbanidade e a crítica à sustentabilidade de viés capitalista, além de salientar o olhar da arte engajada e envolvida com seu contexto histórico.

Buscou-se, primeiramente, sustentar essa pesquisa conceitualmente, de modo a se construir uma compreensão sobre os impactos da produção imagética no espaço urbano e na sociedade da Mesorregião do Campos das Vertentes. Ensejou-se a prerrogativa de encontrar respostas que gerassem conhecimento sobre a própria história visual na região, sobre a memória coletiva e construção espaço-social e sobre o quanto as imagens produzidas pelos fotógrafos e/ou retratistas itinerantes, que circularam e/ou fixaram nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, colaboraram para as transformações socioespaciais no passado e influenciam-nas até a contemporaneidade.

A fotografia, como informado ao longo dessa investigação, tem plasticidade estética, como também é um recurso metodológico para estudos inter, multi e transdisciplinar, no qual se ancora esta pesquisa. Esse reconhecimento possibilitou debates e interconexões com alguns campos, prioritariamente, Antropologia Visual, Arte, Sociologia da Imagem, História da Fotografia e História Urbana.

No âmbito desse estudo, a fotografia, além de exercer sua função documental como rastro de memória, gera conhecimento como instrumento de pesquisa, possibilitando desvelar, através da produção fotográfica, o uso e ocupação do espaço urbano pela sociedade, nos aproximadamente 50 anos da chegada da fotografia nessas cidades estudadas, pois com os registros fotográficos disponíveis catalogados, observa-

se a potência da linguagem imagética que carrega as narrativas e os discursos do contexto da época investigada. Paralelamente, a linguagem fotográfica evoluiu tecnicamente, e por outro lado carregou através da produção imagética a representação socioespacial, inclusive registrando as mudanças comportamentais do ser humano com o meio ao longo do tempo.

E, como a fotografia é um recurso estético, documental e aparato tecnológico, simultaneamente, ela tornou-se, simbolicamente, um desejo social, numa época moldada pelos anseios da modernidade e do progresso tecnológico do século XIX, fortalecida pela lógica consumista em pleno acordo com o capitalismo industrial. Particularmente, o Campo das Vertentes, devido às características sócio-históricas, foi impulsionado pelos anseios da elite oriunda do fortalecimento comercial e agropastoril das cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras, pois essa região de Minas Gerais passou a representar um importante papel de mercado abastecedor da Corte.

Essas cidades possuíam histórias de colonização e desenvolvimento econômico diferentes, mas a fotografia ajudou a documentar as narrativas e a criar imagens daquela época que, capturadas pelos fotógrafos itinerantes e/ou aqueles que fixaram nesse território, mostram a vida cotidiana dessas comunidades, o uso e ocupação do espaço urbano, destacando as edificações públicas e privadas, avenidas, pontes, vias, assim como costumes e tradições das famílias, que foram atravessadas pelas mudanças econômicas e tecnológicas oriundas das ideias de modernidade e progresso da época.

A produção fotográfica catalogada para esta investigação revelou e orientou o olhar da sociedade para a transformação socioespacial e cultural em curso no espaço público nas cidades de Barbacena, São João del-Rei e Lavras. Essas cidades em transformação tornaram-se o cenário para os registros fotográficos desses fotógrafos e/ou retratistas, que circularam nesse território.

Os avanços e a expansão da produção fotográfica e do ofício dos fotógrafos nessa região estiveram à mercê do cenário sócio-político-econômico e cultural, passando a cumprir, prioritariamente, uma mediação e relação com o uso e ocupação do solo pelas elites, pois os registros revelam, a partir dessa ocupação do espaço urbano, as transformações socioespaciais que impactam o cotidiano desse território, tais como as obras de infraestrutura, a expansão das ferrovias, equipamentos urbanos, casarios, entre outras que acompanharam o adensamento urbano da época. Concomitantemente, é possível evidenciar em algumas capturas o mantenedor e o reproduzidor da exclusão,

demonstrando a perpetuação da desigualdade, dos valores da sociedade de base escravocrata, contrapondo com a mineiridade de nuances barrocas dessas terras de Minas. Esses registros fotográficos documentam o desenvolvimento econômico, as mudanças no ambiente urbano e os impactos das obras de infraestrutura. Essas imagens também ressaltaram a importância da história e da cultura das comunidades locais, o que permitiu que essas cidades mantivessem suas identidades, centralidades e características únicas.

Em suma, a pesquisa permitiu reconhecer que as imagens fotográficas, selecionadas do século XIX e início do século XX, tiveram um grande impacto na transformação socioespacial das cidades de Barbacena, São João del Rei e Lavras. Elas direcionaram o olhar da sociedade, estimulando mais e mais o consumo por imagens. Por outro lado, conforme mencionado, documentaram o desenvolvimento econômico e os impactos das obras de infraestrutura no espaço público urbano dessas cidades, possibilitando inferir sobre a memória dessas comunidades e contribuindo para a preservação da história dessas cidades e, ainda, forneceram um registro visual de como essas cidades potencializaram as transformações, além de preservar a memória coletiva.

Conforme sinalizado no Capítulo 2 e aprofundado no Capítulo 4, a fotografia tem um papel fundamental na preservação da memória, pois é capaz de capturar e registrar momentos únicos e especiais que podem ser revividos e compartilhados ao longo do tempo. Além disso, a fotografia também é um facilitador, capaz de despertar memórias afetivas e emoções, permitindo que as pessoas se conectem com suas histórias pessoais como também com sua memória coletiva e histórica, através do contato com as imagens e acervos fotográficos.

Dessa forma, a seleção de acervos e a catalogação das imagens fotográficas, como também a coleta de informações sobre os fotógrafos que circularam e/ou fixaram na região da mesorregião do Campos das Vertentes, foram organizadas no Catálogo em Anexo, tornando-se um possível *lugar de memória*, na medida em que são capazes de preservar lembranças individuais e coletivas. Tal acervo permite que as pessoas possam se conectar com experiências passadas, bem como acessá-las como fonte histórica, podendo compartilhar essas histórias com as gerações futuras. Além disso, a produção imagética, organizada em acervo, como um rastro de memória, pode ser utilizada como um instrumento em futuras investigações e documentação histórica, permitindo que os estudiosos possam acessar e analisar as informações e as representações contidas nas fotografias disponíveis.

Essa investigação busca, pois, contribuir com a produção de conhecimento e a propagação da importância da memória histórica da fotografia e os *lugares de memória* no fortalecimento do patrimônio visual, local, regional e nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E CONSULTADAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004. 319 p.\*

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius NicastroHonesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALLOA (org.). **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ALVARENGA, Felipe de Melo. **Por um Vale do Paraíba Indígena: Conflitos étnicos e transformação da propriedade dos índios em Valença (1780-1835)**. Revista de História. USP, 15 .fev 2022. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/179016/182692>> acesso janeiro de 2023.

ALVES, Leo. **Berger e Luckmann: A construção social da realidade**. Blog ENSAIOS e NOTAS: Artes, Humanidade e Ciências Sociais. Postado em 6 de julho de 2018. Disponível em:<<https://ensaiosnotas.com/2018/07/06/berger-e-luckmann-a-construcao-social-da-realidade/>> Acesso em: 27 jun. 2021

AMARAL, L. ; VIEIRA, C. R. . **Desafios para a organização de acervos digitais. Case: acervo fotográfico da Divisão de Comunicação Companhia Energética de São Paulo - CESP**. In: Lucia Maria Velloso de Oliveira; Isabel Cristina Borges de Oliveira. (Org.). Preservação, acesso, difusão: desafios para as instituições arquivísticas do século XXI. 1ed.Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013, v. , p. 293-297.

AMAR, Pierre-Jean. **História da fotografia**. Série Arte & Comunicação. Lisboa (Portugal): Edições 70. 2001.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa)

ARRUDA, Rogério Pereira de. **O ofício da fotografia em Minas Gerais no século XIX, (1845-1990)**. Belo Horizonte, MG: Ed. do autor, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Ateliê dos fotógrafos itinerantes em Minas Gerais no Século XIX**. Oitocentos - Tomo IV: Ateliê do Artista. Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Sanson Portella, Rosângela de Jesus Silva (Organizadores) - Rio de Janeiro. CEFET/RJ, 2017. II. Disponível em <[http://dezenovevinte.net/800/tomo4/index\\_arquivos/800\\_IV\\_rpa.pdf](http://dezenovevinte.net/800/tomo4/index_arquivos/800_IV_rpa.pdf)> Acesso em dez. 2022.

\_\_\_\_\_. **A expansão da fotografia em Minas Gerais um estudo por meio da imprensa,1845-1889**. Varia hist., Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 231-256, Apr. 2014. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752014000100011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752014000100011&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em 19 de maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752014000100011>.

\_\_\_\_\_. **Cultura fotográfica e itinerância em Minas Gerais no século XIX**. Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural. São Paulo: USP, 2014. Disponível em <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Rogério%20Pereira%20de%20Arruda.pdf>> acesso fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Um álbum ilustrado para Minas Gerais no alvorecer da República**. Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica/Fapemig-UFVJM, com a participação dos bolsistas Gleidson Eraldo e Maxsuel de Jesus Santos. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online].

2018, v. 26 [Acessado 5 Agosto 2022] , e12. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672018v26e12>>. Epub 09 Ago 2018. ISSN 1982-0267. <https://doi.org/10.1590/1982-02672018v26e12>.

BARBOSA, A. A. (2015). CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012. Proto Memórias, Memórias e Metamemórias na construção de identidades. Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia, (37). Disponível em:<<https://doi.org/10.22409/antropolitica2014.0i37.a41618>> Acesso em: 27 jun. 2021.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. Disponível em:<[http://moodle.stoa.usp.br/file.php/452/BARTHES\\_Roland\\_A\\_Cmera\\_clara\\_nota\\_sobre\\_a\\_fotografia.pdf](http://moodle.stoa.usp.br/file.php/452/BARTHES_Roland_A_Cmera_clara_nota_sobre_a_fotografia.pdf)>. Acesso em: 27 junho 2021.

\_\_\_\_\_. **A mensagem fotográfica**. In: BARTHES, R. O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Disponível em:<[http://www.parlamidia.com/images/PDF/barthes\\_retorica-imagem.pdf](http://www.parlamidia.com/images/PDF/barthes_retorica-imagem.pdf)> Acesso em 01 agosto de 2021.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Vozes, 2002. Disponível em <<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>> Acesso em 01 agosto de 2021.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge**. Garden City, NY: Doubleday, 1966. No Brasil: **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 23 ed. 2003.

BERNARDES, A. **Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções**. Formação (Online), v. 27, n. 50, p. 275-299, 2020. Disponível em <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/6564/5610>> acesso em 02 de março de 2022.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/3/32/Benjamin\\_Walter\\_Obras\\_escolhidas\\_1.pdf](https://monoskop.org/images/3/32/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_1.pdf)> Acesso em 19 maio 2021.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. W Bolle e O. Matos. (Org.). (C. P. B. Mourão e I. Aron, Trad.). São Paulo: UFMG e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006

BESSA, Altamiro Sergio Mol. **A Construção das Paisagens turísticas: nos descaminhos da Estrada Real**. Tese Doutorado. FAU – USP, São Paulo, 2011. Disponível em <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11072011-140556/publico/A\\_CONSTRUCAO\\_DAS\\_PAISAGENS\\_TURISTICAS\\_NOS\\_DESCAMINHOS\\_DA\\_ESTRADA\\_REAL.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11072011-140556/publico/A_CONSTRUCAO_DAS_PAISAGENS_TURISTICAS_NOS_DESCAMINHOS_DA_ESTRADA_REAL.pdf)> Acesso em 19 de maio de 2021.

BITTENCOURT, Luciana. **A fotografia com instrumento etnográfico**. Anuário Antropológico/92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. Disponível em: <[http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1992/anuario92\\_lucianabittencourt.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1992/anuario92_lucianabittencourt.pdf)> acesso 25 de junho de 2021.

BOGHOSSIAN, Paul. **Fear of knowledge: Against Relativism and Constructivism**. Oxford University Press, 2006. Sinopse em português na revista Crítica. Disponível em:< <http://criticanarede.com/medo.html>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Londrina: UEL, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1987

BOVO, M. C.; OLIVEIRA, M. A. de; POSTALI SANTANA, V. B. **Produção do Espaço Urbano em Pequenas Cidades: Reflexões acerca dos loteamentos urbanos em Peabiru (PR), Brasil.** Caminhos de Geografia, [S. l.], v. 17, n. 59, p. 65–83, 2016. DOI: 10.14393/RCG175905. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/31441>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRAGANÇA, Juliana. **Fotografia e imagem.** Pós: Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 152 - 161, maio, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/download/15660/12535/43563>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BRASIL, Luísa Kuhl. **Tempos modernos: fotografia e imaginário social.** Rev. Historiæ, Rio Grande, 2 (1): 37-48, 2011. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/hist/article/download/2401/1291/6492>> acesso jan. 2023.

BRIZUELA, Natalia. **Fotografia e império: paisagens para um Brasil moderno.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 2012.

BRÛGUER, Silvia Maria Jardim **Minas patriarcal: família e sociedade, São João del Rei, séculos XVIII e XIX.** São Paulo: Annablume, 2007. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dbCTF0pjvgC&oi=fnd&pg=PA5&dq=sao+joao+del+rei+&ots=YnLWgFNY3S&sig=6cqHw3EeXYDY7XoE6pXPj3PNtu4#v=onepage&q=sao%20joao%20del%20rei&f=false>> Acesso em 19 de maio de 2021.

BUENO, Liane da Silva. **Uso e ocupação do solo: uma estratégia para o Zoneamento Sustentável.** E-book. Ed. UNIARP: Caçador, 2020. Disponível em: <<https://www.uniarp.edu.br/home/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2020/10/Uso-e-Ocupa%C3%A7%C3%A3o-do-Solo.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/68043321/peter-burke-testemunha-ocular-historia-e-imagem-ocr-pdf>> Acesso em 19 maio 2021.

CAMPOS, S.M.C.T.L. **A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual.** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 275-286, 1996. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109274>> acesso me 26 de fevereiro de 2022.

CANABARRO, Ivo. **A utilização da fotografia para a construção do conhecimento histórico.** BIEV - Simpósio: A fotografia na construção da memória da cidade. 14 de novembro de 2008. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/biev/fotografia-para-construcao-da-historia/>> acesso em Jan. 2023.

CANDAUI, Joel. **Memória e Identidade.** Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANSI, Francine. **Conceito e características do espaço urbano.** Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4633, 8 mar. 2016. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/47107>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

CARDOSO, Selma Passos; PINHEIRO, Eloísa Petti; CORRÊA, Elyane Lins (orgs.). **Arte e Cidade: imagens, discursos e representações.** Salvador (BA): EDUFBA, 2 ed., 2015.

CARLOS, Ana Fani A. **O ESPAÇO URBANO: Novos Escritos Sobre a Cidade.** FFLCH: São Paulo, 2007. Disponível em: < [https://gesp.ffeilch.usp.br/sites/gesp.ffeilch.usp.br/files/Espaco\\_urbano.pdf](https://gesp.ffeilch.usp.br/sites/gesp.ffeilch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2021.

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: < [http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia\\_PAR\\_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Geografia%20Urbana/Livro\\_A\\_CIDADE.pd](http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Geografia%20Urbana/Livro_A_CIDADE.pd)>. Acesso em: 27 jun. 2021.

\_\_\_\_\_, Ana Fani A. **Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direto à cidade”.** Rev. Direito Práxis, Rio de Janeiro, V.11, N.01, 2020, p.349-369. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3cBsV3Vx7Yvw9SqvcqyVrbc/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.



CARVALHO, M. F. D. A. **Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais: expansão urbana nos séculos XVIII e XIX**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, UFMG, BH, 2015. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMD-A5ANY2/1/tese\\_marilia\\_de\\_f\\_tima\\_2015.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMD-A5ANY2/1/tese_marilia_de_f_tima_2015.pdf)> . Acesso em: mar. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTRIOTA, Leonardo (Org.). **Arquitetura e Documentação: novas perspectivas para a história da Arquitetura**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2011.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes ed., 2007.

CHIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

CHIARELLI, Tadeu. **História da arte / história da fotografia no Brasil - século XIX: algumas considerações**. ARS (São Paulo) [online]. 2005, v. 3, n. 6 [Acessado 28 Fevereiro 2022] , pp. 78-87. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-53202005000200006>>. Epub 29 Mar 2011. ISSN 2178-0447. <https://doi.org/10.1590/S1678-53202005000200006>.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. **De Maurice Halbwachs à Filosofia da Mente Repensando a memória a partir de abordagens externalistas**. Tempo Social [online]. 2021, v. 33, n. 03 [Acessado 28 Fevereiro 2022] , pp. 255-280. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.174971>>. Epub 07 Jan 2022. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.174971>.

CORRÊA, R. L. (1997). **Dimensões de análise das redes geográficas**. In: CORRÊA, R.L. (org.). Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 107-118.

\_\_\_\_\_, Roberto Lobato. **Redes Geográficas: reflexões sobre um tema persistente**. Revista Cidades, Volume 9, Número 16, p. 199-218, 2012. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/download/2378/2122>>> Acesso em 01/08/2021.

COSTA, Helouise; RODRIGUES, Renato. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COLLIER Jr, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/Ed. USP, 1973. Disponível em < <https://pdfcoffee.com/john-collier-antropologia-visual-a-fotografia-como-metodo-de-pesquisa-livro-completo-3-pdf-free.html>> Acesso em 01/08/2021.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. [Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches]. 2.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017. 296p.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, 1966. Disponível em <<https://pdfcookie.com/documents/christaller-central-places-in-southern-germany-1966-02npeg1363v4>> acesso em 28 de fevereiro de 2022.

DIAS, Leila Christina. **Conceitos Fundamentais da Geografia: Rede Geográfica**. GEOgraphia, vol: 22, n. 49, 2020. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/47614>> Acesso em 12 de agosto de 2021.

DIAS, Natália Caroline. **Entre a memória coletiva e a história da nação: a construção social da imagem do cachaceiro**. Faces de clio. Revista discente do programa de pós-graduação de história. Ufjf: Juiz de Fora. Vol. 1, N. 1, Jan./Jun. 2015. Disponível em < fevereiro de 2022.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. 380p.

DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico. Campinas: Editora Papirus, 1998. Disponível em <<https://cteme.files.wordpress.com/2011/03/dubois-philippe-o-ato-fotografico-e-outros-ensaios-2.pdf>> acesso em 13 fevereiro de 2022.

FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia. Usos e funções no século XIX**. Texto e Arte, volume 3. 2ª edição, São Paulo, Edusp, 1998.

FERNANDES Junior, Rubens; LAGO, Pedro Correa do. **O século XIX na fotografia brasileira**. São Paulo: FAAP / Francisco Alves, 2000.

FERNÁNDEZ, S. P. **Fotografía y sociedad : a partir de Gisèle Freund**. Studium, [S. l.], n. 41, p. 20–32, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12615>. Acesso em: 5 mar. 2022.

FERREZ, Gilberto. **A fotografia no Brasil: 1840-1900**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

FLORES, Ralf José Castanheira. **São João Del-Rei: tensões e conflitos na articulação entre o passado e o progresso**. Tese Doutorado USP: São Carlos, 2007. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-07042008-105131/en.php>>. Acesso em 19 de maio de 2021

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 200. p.14. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6245788/mod\\_resource/content/1/Filosofia\\_da\\_Caixa\\_Preta\\_Vilem\\_Flusser.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6245788/mod_resource/content/1/Filosofia_da_Caixa_Preta_Vilem_Flusser.pdf)>. Acesso em 19 de maio de 2021

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>> Acesso em 01/08/2021.

FONTCUBERTA, Joan. **La Furia de las imágenes: notas sobre lapostfotografía**. Barcelona: Editora Galáxia de Gutenberg, 2016.

\_\_\_\_\_, Joan. Disponível em: <<https://www.fontcuberta.com/>> Acesso em 20 de maio de 2021.

FONTELLES MJ, SIMÕES, MG, ALMEIDA JC, FONTELLES RGS. **Metodologia da pesquisa: diretrizes para o cálculo do tamanho da amostra**. RevParanMed. 2010;24:57-64.F Disponível em <[https://cienciaisaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo\\_C8\\_NONAME.pdf](https://cienciaisaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf)> Acesso em 20 de maio de 2021.

FONSECA, Stêvenis; SILVA, Andréa; LEITE, Emanuel. (2018). **Fotoetnografia: Uso e Possibilidades como Método de Pesquisa em Administração**. Discursos Fotográficos. 14. 161. 10.5433/1984-7939.2018.v14n24p161. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/330217233\\_Fotoetnografia\\_Uso\\_e\\_Possibilidades\\_como\\_Metodo\\_de\\_Pesquisa\\_em\\_Administracao](https://www.researchgate.net/publication/330217233_Fotoetnografia_Uso_e_Possibilidades_como_Metodo_de_Pesquisa_em_Administracao)> Acesso em 20 de maio de 2022.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Gustavo Gili, 1986. Disponível em <[https://www.academia.edu/11952139/La\\_fotograf%C3%ADa\\_como\\_documento\\_social\\_Gisele\\_Freund\\_1974](https://www.academia.edu/11952139/La_fotograf%C3%ADa_como_documento_social_Gisele_Freund_1974)> acesso em fevereiro 2022.

\_\_\_\_\_. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega. 1994.

GAGLIANONE, Isabela. **Quando as imagens tomam posição**. Blog O benedito. postado em 11 OUTUBRO, 2017. Disponível em <<https://obenedito.com.br/quando-imagens-tomam-posicao/>> acesso em 02 fevereiro de 2022.

GAJO, Fabiula; GAJO, Adriano; SILVA, Roberta; FERREIRA, Eric. (2017). **Diagnóstico da destinação do soro de leite na Mesorregião do Campo das Vertentes – Minas Gerais**. Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes. 71. 26. 10.14295/2238-6416.v70i1.501. Disponível em <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-Minas-Gerais-com-aregiao-do-Campo-das-Vertentes-em-destaque\\_fig1\\_315634601](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-Minas-Gerais-com-aregiao-do-Campo-das-Vertentes-em-destaque_fig1_315634601)> acesso em fev. 2023.

GAMA, F. **Antropologia e Fotografia no Brasil: o início de uma história (1840-1970)**. GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.163363. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/163363>. Acesso em: 23 fev. 2022.

GG Brasil. **A Câmera de Pandora A fotografia depois da fotografia**. Disponível em: <https://ggili.com/media/catalog/product/uploader/4c8475d7eef6aaba596d725e5673161b.pdf>>> Acesso em 20 de maio de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em [http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf)> > Acesso em 01/08/2021.

GONZÁLES FLORES, Laura. **Fotografia e pintura: dois meios diferentes?** Coleção Arte & Fotografia. (tradução Danilo Bandeira). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

HACKING, Juliet (org). **Tudo sobre fotografia**. Tradução de Fabiano Moraes, Fernanda Abreu e Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Vertices, 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4359772/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4359772/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf)> Acesso em 19 fevereiro de 2022.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese33.pdf>>> Acesso em 19 maio 2021.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Loyola, 1993.

HOLLANDA, C. **A fotografia como instrumento de observação urbana: uma questão convergente em pesquisa sobre as cidades**. VIRUS, São Carlos, n. 7, julho 2012. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus07/?sec=4&item=2&lang=pt>> Acesso em 19 maio 2021.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. **A Imagem Fotográfica como uma Questão de Método**. IV ICBEO. Congresso Brasileiro de Estudos Organizacioanais. ANAIS, GT-19 Metodologias e Práticas Qualitativas de Produção e Análise de Material Audiovisual. 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/230>>. Acesso em 18 de julho de 2021.

JUNIOR, Natalício Batista. **Fotografia e Memória: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização**. Revista Belas Artes. Ano 10, n.27, Mai-Ago 2018. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=revista-ba-foto-memoria>> Acesso em 20 de maio de 2021.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404976/mod\\_resource/content/1/kahneman-daniel-rapido-e-devagar-duas-formas-de-pensar.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404976/mod_resource/content/1/kahneman-daniel-rapido-e-devagar-duas-formas-de-pensar.pdf)> Acesso em 20 de maio de 2021.

KERN, Maria Lúcia Bastos; FAY, Cláudia Musa. Apresentação. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v.31, n.2, dez., 2005. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br/historia-questoes-debates-ufpr-anpuh-pr/as-imagens-no-tempo-e-os-tempos-na-imagem-historia-questoes-debates-2014/>> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

KOURY. Mauro Guilherme Pinheiro. **A Imagem nas Ciências Sociais do Brasil: Um Balanço Crítico**. BIB, Rio de Janeiro, n.º 47, 1.º semestre de 1999, pp. 49-63. Disponível em

<<https://anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-47/498-a-imagem-nas-ciencias-sociais-do-brasil-um-balanco-critico/file>> acesso em 23 de fevereiro de 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/KOSSOY-%20B.%20Historia%20e%20fotografia%20-%20cap.%20Fotografia%20e%20historia.pdf> >acesso em 19 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado**. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo (SICCT), 1980.

\_\_\_\_\_. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, 149 p.

\_\_\_\_\_. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)** São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

\_\_\_\_\_. **Hercule Florence, a Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil**, 4ed. rev., São Paulo: EDUSP, 2020.

\_\_\_\_\_. **Origens e Expansão da Fotografia no Brasil. Século XIX**, Rio de Janeiro: 1991

\_\_\_\_\_. **Album Photographico do Estado de São Paulo, 1892**; estudo crítico, São Paulo: Kosmos/CBPO, 1984

\_\_\_\_\_. **São Paulo, 1910**; Imagens de Guilherme Gaensly, São Paulo, 1994

\_\_\_\_\_. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**, São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. ISBN 8585851805

\_\_\_\_\_. **Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. São Paulo: Atelier Editorial, 2007. ISBN 9788574803364

\_\_\_\_\_. **Boris Kossoy, Fotógrafo**, São Paulo, Cosac Naify; Imprensa Oficial do Estado; Pinacoteca, 2010 ISBN 9788575038840

\_\_\_\_\_. **LoEfímero y lo Perpetuo en la Imagen Fotográfica**, Madrid: Ediciones Cátedra, 2014 ISBN 9788437632285

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. 2012, v. 19, n. 1 [Acessado 15 Agosto 2021], pp. 283-302. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000100015>>. Epub 05 Abr 2012. ISSN 1678-4758. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000100015>.

LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. **Os fotógrafos do Império**. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2005.

\_\_\_\_\_. **Coleção Princesa Isabel: Fotografia do Século XIX**. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2013.

LENCIONI, Sandra. **Sobre o conceito de cidade e de urbano**. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 12, n. 1, p. 109-123, 2008. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2008.74098. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098>> . Acesso em: 27 jun. 2021.

LEITE, Miriam Moreira Leite. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP; 3ª edição (1 janeiro 2001).

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. CAP.8. Disponível em <<https://www.academia.edu/15150220/02->

LEFEBVRE H. 1999. *A revolução urbana*. Belo Horizonte Editora da UFMG. cap. 8 *A ilusão urbana* > acesso em abril de 2021.

\_\_\_\_\_. **O Direito à Cidade**. São Paulo, Centauro, 2001. Disponível em <[https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre Henri O direito a cidade.pdf](https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf)> acesso em 02 de maio de 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. tradução Bernardo Leitão. Coleção Repertórios. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>> acesso em 27 fevereiro de 2022.

MACHADO, Arlindo. **Ilusão especular: Uma teoria da fotografia**. São Paulo: Brasiliense. 1984. Disponível em <[https://www.academia.edu/11933999/A Ilusao o Especular Arlindo Machado](https://www.academia.edu/11933999/A_Ilusao_o_Especular_Arlindo_Machado)> acesso em 27 fevereiro de 2022.

MACHADO, T. A. (2017). **Da formação social em Marx à Formação socioespacial em Milton Santos: Uma categoria geográfica para interpretar o Brasil?** GEOgraphia, 18(38), 71-98. Disponível em <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2016.v18i38.a13774>> acesso em 26 de junho de 2021.

MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. **O conceito de Paisagem: Diversidade de olhares**. Sociedade e Território, v. 23, n. 2, p. 159-177, 13 jan. 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3505>> acesso em 06 de março de 2022.

MALDOS, Roberto. **Formação Urbana da Cidade de São João del-Rei**. UFSJ, IPHAN. Disponível em <<https://www.ufsj.edu.br/portal-paginas/temposgeraisantigo/n4/artigos/instituto.pdf>>. acesso em 19 de maio de 2021.

MARTINS, Carla M. **O conceito de fotografia**. Site MEDIUM Rules. Publicado em 15 de junho de 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@CarlaMariaMart6/conceito-de-fotografia-841a7ef4b8b5>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Editora Contexto, 3 ed., 2016.

\_\_\_\_\_. **A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil**. Estudos Avançados [online]. 2002, v. 16, n. 45 [Acessado 19 Fevereiro 2022], pp. 223-260. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000200015>>. Epub 16 Mar 2005. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000200015>.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Coleção Biblioteca EDUFF. Niteroi: Editora da UFF, 2008. Disponível em: <[https://issuu.com/bdlf/docs/2008\\_poses\\_e\\_flagrantes\\_ana\\_maria\\_mauad](https://issuu.com/bdlf/docs/2008_poses_e_flagrantes_ana_maria_mauad)> Acesso em: 21 jun. 2022.

\_\_\_\_\_, A. M. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005. DOI: 10.1590/S0101-47142005000100005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417>. Acesso em: 17 maio. 2023.

MENEZES, Mardônio. **A fotografia como produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais: primeiras aproximações**. Revista de Psicologia da UNESP 12(1), 2013. 90. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n1/a09.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MIRZOEFF, Nicholas. **O direito a olhar**. ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. DOI: 10.20396/etd.v18i4.8646472. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MORTIMER, Junia C. **Pensar por imagens**. In: **Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I – Modos de pensar**. Autor(a): Paola Berenstein Jacques; Margareth da Silva Pereira (Org.) Ano: 2018. Disponível em : <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33258>>. Acesso em: 27 junho 2021.



\_\_\_\_\_, Junia C. **Poéticas de arquivo como práticas urbanas: três gestos de pesquisa no arquivo do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. v.22, e202039pt, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202039pt>>. Acesso em: 27 julho de 2021.

MONEGO, Sonia; GUARNIERI, Vanderleia. **A fotografia como recurso de memória**. Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 36, 2012 - Documentos: da produção à historicidade. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1153>> Acesso em 1 março de 2022.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico metodológicas sobre o campo de pesquisa**. MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/781>>. Acesso em: 27 julho de 2021.

MONTEIRO, Rosana. **Arte e ciência no século XIX: um estudo em torno da descoberta da fotografia no Brasil**. CPDOC/FGV. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 34, 2004. Disponível em <<http://95.216.75.113/bitstream/handle/123456789/241/estudos%20historicos-completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 19 de maio de 2021.

MOURÃO, Carlos Alberto e FARIA, Nicole Costa. **Memória**. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2015, v. 28, n. 4 [Acessado 13 Abril 2022] , pp. 780-788. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528416>>. ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528416>.

NASCIMENTO, Adriana Gomes do Nascimento. **(Arte) e (cidade): ação cultural e intervenção efêmera**. Tese de Doutorado. IPPUR, Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-86949/arte-e-cidade--acao-cultural-e-intervencao-efemera>>. Acesso em: 27 julho de 2021.

NASCIMENTO, Adriana Gomes do *et al.* **URBANIZAÇÃO, CAMINHOS E ICONOGRAFIA: Recortes e Processos Mineiros**. In: Anais do 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Anais...Belo Horizonte(MG) ON LINE, 7. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/arqgedoc2021/395925-URBANIZACAO-CAMINHOS-E-ICONOGRAFIA--RECORTES-E-PROCESSOS-MINEIROS>>. Acesso em: 17/03/2022

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 28 fevereiro de 2022.

NOVAES, Adauto et al. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. **Fotografia e tecnologia ferroviária: análise do registro fotográfico de estradas de ferro brasileiras no século XIX**. História, Assis/Franca, v. 38, e 2019035, 2019. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742019000100412&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742019000100412&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. acessos em 19 maio 2022. Epub 21-Out-2019. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019035>.

OLIVEIRA, Enio Sebastião Cardoso de Oliveira (Secretaria Estadual de Educação). **Os Índios, o Vale e o Caminho Novo**. Anais do XIX Encontro de Historia da Anpuh - Rio. História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica/ Organização Ricardo Figueiredo de Castro, Silvana Bandeli Vargas, Thiago de Souza dos Reis. 1 Ed. Rio de Janeiro: Anpuh - Rio, 2020. Disponível em <[https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1599700109\\_ARQUIVO\\_297c939c05d7aec95d69a7e37adaaffd.pdf](https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1599700109_ARQUIVO_297c939c05d7aec95d69a7e37adaaffd.pdf)> acesso janeiro de 2023.

OTTO, Elizabeth; ROCCO, Vanessa (eds). **The New Woman International: Representations in Photography and Film from the 1870s through the 1960s**. Ann Arbor, MI, University of Michigan Press, 2011. Disponível em <<https://quod.lib.umich.edu/d/dcbooks/9475509.0001.001/1:1/--new-woman-international-representations-in-photography?g=dculture;rgn=div1;view=toc;xc=1>>. Acesso em 19 de maio de 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves. "**Redes geográficas**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/redes-geograficas.htm>>. Acesso em 21 de maio de 2021.

PEREIRA, M. Cristina A. Pereira. **Um modo de ler a cidade: a fotografia com “ferramenta” de observação e orientação urbana**. Trabalho de conclusão de curso. Arquitetura e Urbanismo, UFSJ, 2019.

PEREIRA, M. C. A.; NASCIMENTO, A. G. **A imagem como ferramenta de instrumento social**. In: Revista Indisciplinar: Outros mundos: novas subjetividades, novos métodos (6. Narrativas e produção de subjetividade em tempos de gestão pandêmica do mundo). Belo Horizonte: UFMG. v. 7 n. 2 (2021). Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/issue/view/1796>> acesso em janeiro 2022.

PINHEIRO, Nuno. **Fotografia e História Social: Utilização da fotografia como fonte para a História**. Estudos do Século XX, n. 11, p. 105-117, 2011. Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em <<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/36733/1/Fotografia%20e%20Historia%20Social.pdf?ln=pt-pt>> acesso em 04 de set. 2022.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992. Disponível em <[https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)> acesso em 01 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **“Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

POSSAMAI, Zita Rosane. <http://zita-possamai.blogspot.com/>

\_\_\_\_\_. **Fotografia, história e vistas urbanas**. História (São Paulo) [online]. 2008, v. 27, n. 2 [Acessado 9 agosto 2022], pp. 253-277. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742008000200012>>. Epub 23 Set 2010. ISSN 1980-4369. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742008000200012> . >. Acesso em: 27 junho 2022.

\_\_\_\_\_. **Cidade, fotografia e memória: álbuns fotográficos de POA**. BIEV - Simpósio: A fotografia na construção da memória da cidade. 13 de novembro de 2008 Disponível em <<https://www.ufrgs.br/biev/cidade-fotografia-e-memoria-albuns-fotograficos-de-poa/>> acesso em dez. 2022.

\_\_\_\_\_. **Narrativas fotográficas sobre a cidade**. Revista Brasileira de História [online]. 2007, v. 27, n. 53 [Acessado 16 Março 2022], pp. 55-90. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100004>>. Epub 28 Ago 2007. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100004>.

PORTO, Aline L. G.; SECCO, Chiara B.; DELGADO, Gisele M.; VERBICAR, Camila C.; MAURO A.; DEMARZO. **A Influência “Haussmanniana” nas Intervenções Urbanísticas em Cidades Brasileiras**. XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2007. p 2714-2717. Disponível em <[https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2007/trabalhos/sociais/epg/EPG00214\\_010.>>](https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/sociais/epg/EPG00214_010.>>)> acesso em fev. 2023.

RAMALHO, Walderez S. C. **Uma história da mineiridade: o sentido “essencialista” de uma representação**. Anais do XIX Encontro Regional de História - Profissão Historiador: Formação e Mercado de Trabalho. Juiz de Fora, 1914. Disponível em <[http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/34/1398480269\\_ARQUIVO\\_Mineiridade-Walderez.pdf](http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/34/1398480269_ARQUIVO_Mineiridade-Walderez.pdf)> acesso em fev. 2023.

RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

RAMOS, Melissa Ferreira. **Re-existência e insurgência indígena: diáspora e transformações do povo Puri**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2017 Disponível em <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/24334/1/texto%20completo.pdf>> acesso 10 de janeiro de 2023.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Base de Dados mostra a História da Imprensa de São João del-Rei**. UFRGS, 2012. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Base%20de%20Dados%20mostra%20Historia%20da%20Imprensa%20de%20Sao%20Joao.pdf>> Acesso em 19 de maio de 2021.

RIBEIRO, A. C. T. **Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos**. In: BRITTO, F.; JACQUES, P. B. *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: Editora da UFBA, 2010. p.24-41. Disponível em <[http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO\\_CORPOCIDADE.pdf](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO_CORPOCIDADE.pdf)> acesso 01 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **SOCIABILIDADE, HOJE: leitura da experiência urbana** Caderno CRH, vol. 18, núm. 45, setembro-diciembre, 2005, pp. 411-422 Universidade Federal da Bahia Salvador, Brasil

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. de Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Memória, história, esquecimento**. Conferência internacional “Memory, history, oblivion”. “Haunting Memories? Budapeste, 8 de Março de 2003. Disponível em <[https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia)> acesso em 01 de março de 2022.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica**. 2011. 323 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/9228>> Acesso em 19 de maio de 2021.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

SALES, Cristiano Lima. **A Estrada Real nos cenários arqueológico, colonial e contemporâneo: Construções e reconstruções histórico-culturais de um caminho**. Dissertação Mestrado História – UFSJ. São João del-Rei, 2012. Disponível em <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/dissertacaoCristianoLima.pdf>> Acesso em 19 de maio de 2021.

SAMAIN, Etienne. **Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: o jornal La Lumière (1851-1860)**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, vol.44, no.2, p.89-126, 2001. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/etienne\\_samain\\_unicamp/wp-content/uploads/2018/01/Samain-2001-Quando-a-fotografia.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2018/01/Samain-2001-Quando-a-fotografia.pdf)> acesso em 19 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Visual e Fotografia no Brasil. Vinte anos e muito mais**. Publicado em: Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ), vol.21, n.2, p.115-132, 2006. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/etienne\\_samain\\_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2006\\_Antropologia\\_visual\\_e\\_fotografia\\_no\\_brasil\\_Etienne\\_Samain.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2006_Antropologia_visual_e_fotografia_no_brasil_Etienne_Samain.pdf)> acesso em 19 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Antropologia, Imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman**. Cadernos de Arte e Antropologia, vol. 3, n.2, p.47-55, 2014. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/etienne\\_samain\\_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2014\\_Antropologia\\_imagens\\_e\\_arte\\_Etienne\\_Samain.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2014_Antropologia_imagens_e_arte_Etienne_Samain.pdf)> acesso em 19 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. 2012. **As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo**. *Visualidades* (Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás),10(1):151-164. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/issue/view/1273/showToc>> acesso em 20 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Como pensar e fazer pensar um arquivo fotográfico: uma dupla experiência**. Samain, Etienne e Bruno, Fabiana. Publicado em: Revista *Imagem*, vol. 2/1, p. 93-113, 2016. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/etienne\\_samain\\_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2016\\_Como\\_pensar\\_e\\_fazer\\_pensar\\_um\\_arquivo\\_fotografico\\_Etienne\\_Samain.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2016_Como_pensar_e_fazer_pensar_um_arquivo_fotografico_Etienne_Samain.pdf)> acesso em 19 de fevereiro de 2022.



SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Bruno Henrique dos. **A formação socioespacial de São João del-Rei/MG e o processo de regionalização do Campo das Vertentes**. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFSJ: São João del-Rei, 2017. Disponível em <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Bruno.pdf>> acesso em abril 2022.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 2º. Ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp. 2002.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço. Técnica, tempo. Razão, emoção**. (Coleção Milton Santos; 1) São Paulo: EDUSP, 4. ed. 2. reimpr. 2006. Disponível em <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1799/A%20natureza%20do%20Espa%C3%A7o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acesso em 1 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel. 1987.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel. 1985.

\_\_\_\_\_. **O Estado-nação como espaço, totalidade e método**. In: SANTOS, M. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes. 1982.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume. 2012. Disponível em <<https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/3833>> acesso em 1 de março de 2022.

SANTOS, Thiago de Sousa; PEREIRA, Raquel da Silva. **Governança do Turismo no Campo das Vertentes (MG): garantia de desenvolvimento regional?** Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo, São Paulo , v. 12, n. 2, p. 83-111, Aug. 2018. Available from <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-61252018000200083&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-61252018000200083&script=sci_arttext&tlng=pt)>. access on 19 May 2021. <<https://doi.org/10.7784/rbtur.v12i2.1415>>

SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. **MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>> Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. 1925. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. pp.12-74. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/download/49059/32773>> Acesso em 6 de março de 2021.

SAUSSER, I. (ed) **La Sociologia Urbana de Manuel Castells**. Alianza Editorial, 2001.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicol. USP, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771993000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013)> Acesso em 20 de maio de 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A fotografia em Walter Benjamin: a "dialética na imobilidade" e a "segunda técnica"**. Rev. bras. psicanál, São Paulo , v. 46, n. 2, p. 121-136, jun. 2012 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2012000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2012000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 mar. 2022.

SILVA, Giuslane Francisca da. **A memória coletiva**. Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/download/59252/38241#:~:text=A%20mem%C3%B3ria%20coletiva%20%C3%A9%20compreendida,por%20um%20determinado%20grupo%20social>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SILVA, Wilton C. L. **Revista História**. UNESP: São Paulo, 2010. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/his/a/yhCfxSRvSy3ZFLp4gvtBc7R/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SIMONATO, Thiago C.; MAGALHÃES, Aline S.; DOMINGUES, Edson P. **Urbanização, economia e mineração em Minas Gerais: aspectos contemporâneos de conflitos históricos**. Anais XVII ENANPUR, São Paulo, 2017. Disponível em <[http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sesseos\\_Tematicas/ST%204/ST%204.8/ST%204.8-14.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sesseos_Tematicas/ST%204/ST%204.8/ST%204.8-14.pdf)> acesso em 20 de maio de 2022.

SOARES, Carolina. **Coleção Pirelli-Masp de Fotografia: Fragmentos de uma memória**. Dissertação de Mestrado em Artes, USP, 2010. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-04082009-214209/pt-br.php>>. acesso em 19 de maio de 2021.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOUZA, M. A. A. de. **Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal**. *PatryTer, [S. l.]*, v. 2, n. 4, 2019. DOI: 10.26512/patryter.v2i4.26485. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/26485>. Acesso em: 6 mar. 2022.

SOUZA, Perci Coelho. **Uma crítica francesa acerca do espaço urbano**. *SER SOCIAL*, Brasília, n 17, p. 59 -112, julho-dez, 2005. Disponível em:<[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8182/1/ARTIGO\\_CriticaFrancesaEspaco.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8182/1/ARTIGO_CriticaFrancesaEspaco.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2021.

TEIXEIRA, Adriano Braga. **Viajando pela Vila de Barbacena: possibilidades de história regional para Minas oitocentista sob o olhar dos viajantes**. NPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Londrina, 2005. Disponível em <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206572\\_6408c0701658cacf1edaf0653e518d1b.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206572_6408c0701658cacf1edaf0653e518d1b.pdf)>. acesso em 30 de maio de 2022.

TURAZZI, Maria Inês. **Marc Ferrez**. Espaços da Arte Brasileira. São Paulo: Cosac e Naify, 2000.

\_\_\_\_\_. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1995

TRAVANCAS, Isabel Siqueira; ROUCHOU, Joëlle. HEYMANN, Luciana (Org.). **Arquivos Pessoais: Reflexões Multidisciplinares e Experiências de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora GV. 2013.

VASQUEZ, Pedro Karp. **A Fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. **O Brasil na Fotografia Oitocentista**. São Paulo: Metalivros, 2003.

VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. **Paisagem-postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. Disponível em <<https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/vergara-mc3a9todos-de-pesquisa-em-administrac3a7ao-sylvia-vergara.pdf>> acesso em 01/08/2021.

VIEIRA, Itala Manuell. **A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak**. *Revista Contracampo*. 2015. Anais. Disponível em <[http://periodicos.uff.br/contracampo/issue/download/1022/pdf\\_4](http://periodicos.uff.br/contracampo/issue/download/1022/pdf_4) [https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701\\_ARQUIVO\\_Memoria\\_Itala\\_Maduell.pdf](https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf)> acesso em 01 de março 2022.

**Referência mídia:**

Universal Photoalbum, Blog. **Linha do tempo da câmara escura à self do século XXI**. Postado em em 13 de fevereiro de 2020. Disponível em <<http://www.photoalbumuniversal.com.br/blog/linha-do-tempo-da-fotografia/>> Acesso em 19 de maio de 2021.

## **ANEXO**

Para visualizar o Catálogo acesse através do *Hyperlink*:

<https://drive.google.com/file/d/19s-oLTAq27U-85maTRpFxmQ82Itwul-4/view?usp=sharing>